FON FON
ANNO XXVI — N.º 5
Rio, 30 de Janeiro de 1932
— PREÇO: 1$000 —

...Insubstituivel

ASSIM como não se substitue a personalidade, assim tambem, pela pureza do seu fabrico, pela sua rapida e absuluta efficacia e por ser de todo inoffensiva, a

CAFIASPIRINA

é unica e insubstituivel.

Por isso é ella, no mundo inteiro, considerada

o producto de confiança

Allivia e cura promptamente todas as dôres, de cabeça, de dentes, de ouvido; nevralgias, enxaquecas, colicas de senhoras, etc., produzindo um bem estar geral.

Exija-se a emballagem original: tubos de 20 comprimidos, envelloppes de 2 e discos de um comprimido.

O conto brasileiro

Quando as cigarras cantavam...

De CESAR LUCCHETTI

MARIANNA era alegre como um sorriso de mulher que ama. Bonita. Morena de arrepiar a gente. Mais bonita que a Marianna só a Marianna mesmo em dia de festança. Quando ella entrava na igreja aos domingos, muito morena no seu vestido de chitão, os rapazes sentiam uma tremedeira... E rezavam dez Padre-nossos a Santo Antonio. Depois ficavam olhando, olhando... Com uns olhos muito abertos de quem vê a Felicidade democraticamente ajoelhada entre os mortaes.

O Bento, filho do coronel Francisco, tinha até ficado magro. Já nem sabia fazer contas de sommar. Só tinha cabeça para pensar em Marianna. Só Marianna. E ella nem nada... Nem desconfiava. Continuava rindo, brincando, sem se aperceber de nada.

Marianna só gostava dos dias claros em que o sol doirava de luz a cupola verde da cathedral da floresta. E quando as cigarras cantavam amollecendo o verão ella se transfigurava:

— Eu tenho alma de cigarra — dizia, rindo. — Tenho uma alma cantante, lyrica. Como as cigarras...

E embrenhava-se no matto. Fugindo pelas clareiras. Correndo entre o cipoal. Banhando-se no rio preguiçoso, que se encolhia todo arrepiadinho de volupia...

* * *

Claudio não precisou rezar dez Padre-nossos a Santo Antonio. Mas Marianna ficou mais triste. E mais bonita. As mulheres, quando amam, ficam mais bonitas.

* * *

Claudio tinha vindo da cidade. Anemico. Doente. Com uma grande vontade de se conformar. Decidido a esquecer por algum tempo a sua baratinha e os seus escandalos. Os medicos tinham dito que aquillo era grave... E elle partira. Vendo a cidade como uma grande advertencia desapparecer lentamente, engulida pela cerração, emquanto o trem se afastava.

* * *

Claudio hospedou-se na fazenda de um tio. Marianna era filha adoptiva. Falavam de um peccadilho do coronel com uma empregada.

Quando se viram pela primeira vez no dia seguinte ao da sua chegada, Claudio deixou de pensar na cidade. Marianna passou o dia inteiro sem sorrir. Fazendo tudo errado. Botando assucar no feijão e sal no café.

Depois do jantar, encontraram-se, por acaso, na varanda. Elle falou-lhe da cidade, dos cinemas, dos theatros... Ella só disse que tinha dezoito annos e que ia ganhar um vestido de renda no dia do seu anniversario.

* * *

Foi naquelle fim de tarde. Claudio apeou perto do rio. Dentro da matta, as cigarras cantavam grudadas nas arvores. O crepusculo vinha descendo silencioso como uma benção. Elle sentou-se e ficou olhando o rio correndo, correndo... De vez em quando, jogava uma ponta de cigarro, que estrallava na agua e corria rio abaixo.

Foi naquelle fim de tarde. Que força estranha guiou os passos de Marianna?... Que voz a chamou?... As cigarras estavam cantando... Ella se embrenhou pelo espesso do bosque. Passou o cipoal. Abeirou-se do rio. Claudio voltou-se ao ruido das folhas seccas pisadas.

(Conclúe na pag. seguinte)

ERRO DE BUSSOLA. — O explorador polar. — E' engraçado como se imaginam as coisas: eu fazia uma idéa completamente differente do Polo Norte.

O MAH-JONG — Este jogo tem mais de 500 annos, segundo se affirma num estudo publicado no *Wiener Morgenzeitung*.

A China e o Japão — os eternos inimigos — estavam, então, em guerra e os alarmas incessantes haviam acabado com a resistencia dos soldados, que cahiam em uma especie de lethargo.

O chefe chinez Mah-Tag, comprehendendo a gravidade daquella situação, buscava, em vão, remediar aquelle estado de coisas até que lhe occorreu cortar 144 folhas de papel e pintar em cada uma toda classe de figuras em cores vermelha, verde e branca.

Ideou com isto um jogo e logo mais os dados de bambú substituiram o papel.

Os soldados enthusiasmaram-se tanto com o jogo, que se descuidavam até de comer. Chegou a tal grão a paixão pelo novo jogo que o mesmo teve de ser prohibido, porem o *mah-jong* viveu secretamente durante seculos, até o advento da republica. De Shangai e Canton passou para a America do Norte e desta para a Europa.

O TITLO DE MARQUEZ — Em sua origem, o *marquez* era um militar de familia nobre que tinha o governo das *marches* ou fronteiras. Assim, o Anjou, se chamava *Marchia* porque estava nas fronteiras da Bretanha, e os antigos condes de Anjou tinham o titulo de *marquezes de França*, assim como os condes de Barcellona *marquezes de Espanha*.

Os jurisconsultos e historiadores não estão de accordo a respeito da proeminencia do titulo de marquez sobre o de conde. Deve advertir-se que, entre os doze pares do reino, figuravam seis duques e seis condes e nenhum marquez, e que os principes de sangue têem tido sempre o titulo de conde ou de duque, e nunca o de marquez.

Quando as cigarras cantavam...

(Conclusão)

— Você, Marianna?...

Ella sentou-se. Repuxou o vestido sobre as pernas bonitas. Uma chamma fugitiva passou-lhe pelos olhos negros.

— Você estava me procurando, Marianna?...

— Estava, sim. Mas não pensava encontrar você aqui. Eu vim para ouvir as cigarras.

— Você gosta das cigarras?...

— Muito...

— Por que?...

— Não sei... Eu sinto uma coisa quando ellas cantam... Vontade de rir, de cantar tambem...

Insensivelmente, elle foi se acercando. Estavam tão juntos, que nem repararam... A vóz de Claudio amolleceu nos ouvidos de Marianna:

— Você não gostaria de conhecer a cidade?...

Ella mentiu.

— Não. Aqui é tão bom!...

Claudio moveu-se, inquieto. Vinha della um cheiro bom, um cheiro de mulher... Elle enrubesceu só de pensar. Fez tudo para não pensar. Mas a musica do rio... A cumplicidade tacita do silencio... Nem se lembrou. Um suspiro que queria ser um grito morreu entre os labios de Marianna. Ella sentiu nos labios o fogo de outros labios...

As cigarras, num accordo tacito, pararam de cantar. O rio correu mais apressado como quem não quer vêr. Lá em baixo, o sol cabeceou, cabeceou, tonto de somno e cahiu na noite.

* * *

Depois daquella tarde, Marianna ficou mais bonita. Claudio

O QUE SE DEVE SABER

A poesia da primavera no Oriente

No Extremo Oriente a primavera tem um lindo nome. Chama-se "A estação da Pura Claridade". Renovação da luz e da alegria dos dias. Nada é mais importante nos dominios do imperador de Jade que fazer votos, segundo os ritos, e com todo o fausto necessario, quando se dá as boas vindas á bella estação.

Varios dias antes, prepara-se a celebração da chegada do "Senhor Primaveral". As mulheres, impacientes como passaros, entregam-se dedicadamente ás festas, que duram 15 dias. E' a epoca da "purificação das coisas" e dos logares. Abundam as flores decorativas. As casas pobres contentam-se com as f l o r e s artificiaes e trabalham os dedos de ambar das mulheres anamitas, tão habeis para toda decoração.

E' importante o adorno da mesa dos antepassados, que é, em cada lar, um verdadeiro altar dedicado aos avoengos e aos genios protectores da familia.

E' uma grande mesa sobre que repousa uma especie de tabernaculo de madeira laqueada, vermelha e dourada, contendo os epitaphios dos mortos pertencentes ás ultimas quatro gerações.

As mulheres dispõem vasos de flores e perfumes, tudo isso entre prosternações solennes. E triumpham os narcisos, emquanto fumegam as ventos de suave e sagrado aroma.

A grande *coquetterie* das mulheres anamitas consiste em vestirem tunicas de seda leve, fina, verde-garrafa, azul-turqueza, amarello claro, que cahem sobre o calção de seda preta ou branca, preso por um cinturão côr de laranja. Este cinturão, de colorido muito vivo, é a prenda favorita da mulher e a mais humilde colhedora de arroz não prescinde do seu luxuoso cinturão.

Com a aurora do decimo quinto dia do mez terceiro começa, pois, a festa da primavera, que é a festa da claridade, da luz.

O fogo do lar, que se deixa apagar na vespera, é novamente acêso. Queimam-se fogos e, logo mais, começam a se movimentar as procissões com as suas auriflammas e todo mundo canta e ri em homenagem ao "Senhor Primaveral" que chega.

---

mais contente. Encontraram-se lá muitas vezes. Sempre na hora em que o sol ficava com somno.

* * *

Naquelle dia... Tomaram o café de manhãsinha sem dizer palavra. Marianna não podia tirar os olhos daquellas malas que diziam tanta coisa encostadas num canto da sala. Claudio queria sorrir... O tio, distrahido com as fatias de pão com manteiga, nem desconfiava...

Depois os tres sahiram. O dia vinha nascendo bonito que era um contraste. A "charrete" foi gingando pelos buracos da estrada.

A estação e s t a v a quasi deserta. O guarda-freios era um banquete para os pernilongos dormitando a um canto. Depois, o trem apitou lá em baixo escondido nas curvas. E chegou arfando, como uma grande determinação. Claudio despediu-se do t i o.

Apertou com força a mão de Marianna como querendo aconselhar. E subiu para o vagão vazio.

O trem afastou-se devagarinho, devagarinho, com uma lentidão perversa. Foi ganhando força. Lá em baixo, na primeira c u r v a, Claudio ainda viu um lenço branco acenando, acenando... Depois, só os campos verdes, muito verdes...

Marianna sentiu um nó na garganta. Viu o trem diminuir, diminuir e desapparecer lá longe. Engoliu um soluço. Passou a mão nos olhos embaciados. E afastou-se. Sentindo uma tristeza profunda... U m a tristeza dessas que a gente sabe que nunca hão de acabar...

No emtanto, lá em baixo, na matta doirada de luz, as cigarras estavam cantando...

A VINGANÇA DO SR. ANDOUART

A empregada trouxe para a sala de jantar a cafeteira e as chicaras. Ao redor da mesa encontravam-se o sr. e a sra. Andouart e seu filho Roberto que, casado ha tres annos, vinha, de vez em vez, almoçar com os paes.

A sra. Andouart serviu o café, passando as chicaras ao marido e ao filho com gestos estudados, um tanto affectados.

Seu marido e seu filho, ambos altos e robustos, um barbado e grizalho, o outro moreno e sem barba, receberam as chavenas com um agradecimento. Ella os habituára sempre á deferencia e á obediencia. Roberto, não vivendo mais sob o mesmo tecto, conseguira libertar-se um tanto, mas o seu regimen pesava, severo e rigido, sobre o sr. Andouart.

Depois do café, quando a empregada se retirou, a sra. Andouart disse a seu filho, com uma leve ironia:

— E... a mulher, vae sempre bem?

— Mas, sim, mamãe, naturalmente... Ella almoça, hoje, com uma de suas amigas de Paris, uma ingleza. E' por isso que vos vim surprehender, hoje, no almoço.

— Isso, como sempre, me deu um grande prazer, meu Roberto.

Calou-se um momento e continuou:

— E ella continúa a occupar-se sempre dos seus trabalhos de pintura? Gabriella absorve-se muito na sua arte. Ainda frequenta assiduamente os ateliers de Montparnasse? De resto, ella tem razão de fazer o que bem entender, porque é inteiramente livre...

Sua voz trahia sempre um tom ranzinza, de mal contida irritação, quando se referia á nora — que, a seu ver, possuia numerosos defeitos, dos quaes o maior, que a sra. Andouart não tinha, era o de ser joven e de ter casado com Roberto.

Roberto ousou protestar.

— Mas, mamãe, porque Gaby não seria livre? Tenho prazer em que ella se entregue á pintura, porque isso a occupa e distráe ao mesmo tempo. Vivo tão preso pelos meus negocios durante o dia... Além disso, dizem, geralmente, que ella tem muito talento e verdadeira vocação artistica para a pintura...

— Os bohemios que ella conhece é que dizem isso.

— Mas, mamãe, são artistas. De quando em quando vou, em companhia de Gaby, aos cafés que elles frequentam... Não póde avaliar quanto isso é divertido.

— Duvido um pouco... Emfim, já que achas tudo bem, é natural que ella aproveite melhor...

— Mas, mamãe, que estará pensando?... Sua insistencia a este respeito...

— Nada penso. Não me faças dizer o que não digo... Queres mais um pouco de café?

— Não, obrigado. São duas horas. Vou deixál-os.

Roberto despediu-se dos paes. A sra. Andouart conduziu-o até á entrada e voltou com a physionomia plenamente satisfeita. O sr. Andouart, que tudo escutára, fumando o seu charuto sem tomar parte na conversação entre mãe e filho, esperou que ella se sentasse e, de repente, sem a fitar, disse, em tom grave:

— Não andaste bem, Alberta.

A sra. Andouart sobresaltou-se, pasma: uma censura a seu respeito, da bocca de seu marido, que significava isso?

— Como? Não agi bem? Por que não andei direito?, perguntou, aggressiva.

— O que fizeste... o que vens fazendo ha muito tempo, não é direito. Por varias vezes tive vontade de falar-te sobre isto. Não o fiz, porém, esperando que acabasses com estas coisas. Longe, porém, de assim acontecer, redobras nas observações e censuras descabidas... Por que queres desfazer o *ménage* de Roberto? Por que odeias a mulher delle?

— Não a odeio, estás louco! Julgo-a, eis tudo. E, longe de querer separál-os, tento prevenir e impedir um escandalo, um drama, uma tragedia... sei lá... pondo Roberto de sobreaviso...

— De sobreaviso contra que?

— Contra a mulher com que elle se casou... Ah! e, sabes, estou com... descendendo muito em te responder! Por que te mettes nisto?

Frederico Boutet

— Vejo que estás commettendo uma acção má, talvez inconscientemente, e trato de impedil-o, chamando-te á razão.

— Uma acção má, porque estou agindo como mãe clarividente que vê seu filho casado com uma...

— Uma, que? Que tens a censurar, a reprovar nessa pequena?

— Como? O que tenho a lhe reprovar? Mas, de conduzir-se de modo escandaloso! Aliás, quando ella ainda era moça, já eu a julgava mal pelas suas maneiras desenvoltas, pela sua falta de educação, pelo seu modo de falar de tudo cynicamente, tendo gestos de independencia demasiado chocantes. Esperei, porém, que, casada, ella se corrigisse... Achas direito que ella, sem ser acompanhada pelo marido, almoce fóra... sempre a arranjar o pretexto de uma amiga... que passe os dias mettida nos ateliers, frequentando pessôas que seu marido não conhece, desenhando modelos nús e outras coisas! Tudo isso é indecente! Indecente e ridiculo e esse pobre Roberto, ingenuamente, deixa que ella assim proceda, porque é... artista.

— Crês, então, que ella o engana?

— Tu, tambem, não me farás dizer o que não digo. Penso-o, talvez, mas não o digo. Apenas, se ainda não o trahe, o trahirá. E' inevitavel. E elle será, em grande parte, culpado disso, pela sua fraqueza, pela sua extremada condescendencia...

— Elle não é, talvez, tão ingenuo como suppões. O que suppões ingenuidade, talvez seja, da parte delle, absoluta confiança na mulher, a certeza de que ella nunca o trahirá...

— Queres deixar-me em paz? Não admitto que uma mulher calque aos pés todas as conveniencias, todos os preconceitos sociaes, sem reservas, sem discreção! Sua propria maneira de vestir-se é indecente, berrante, escandalosa. Suas conversações, sua preoccupação de independencia, de fazer sua vida á parte, tudo isso não é digno...

— Que queres? De trinta annos para cá os costumes mudaram muito. A mentalidade de hoje já não é a mesma. As mulheres não fazem mais visitas. Procuram fazer sua vida. Trabalham, tambem, o que não é um mal...

— Com a condição de não perderem o senso moral...

— O senso moral varia, muda tambem, transforma-se, altera-se, á proporção que se muda de edade, tu bem o sabes... E a virtude não está ligada ás apparencias, ás conveniencias, ao decoro... As mulheres que querem enganar, enganam, tambem, hoje, como hontem. Talvez, hoje, haja, mesmo, mais franqueza nas attitudes...

— Mais franqueza ou mais cynismo?

— Se assim o queres... o cynismo vale mais, talvez, que a hypocrisia... Não é famoso; sabes, o lar em que a mulher, discretamente, tem um, mais de um amante... e de que o marido vem a saber, cedo ou tarde, sem querer divorciar-se por um motivo ou por outro, por uma questão de dinheiro, ás vezes, o que não é digno, de outras vezes por causa de um filho, exigindo, não raro, um sacrificio realmente heroico quando o marido, por amor a mulher, fecha os olhos, na sua tortura... até o dia em que, para se distrahir, como consolação, ou secreta *revanche*, toma uma amante. Ah! a fachada foi respeitada... mas por detraz della...

O sr. Andouart interrompeu-se, accendeu novo charuto, e continuou, com bonhomia:

— Ahi estão considerações de ordem moral e philosophica... Que é que me prende, hoje?... Voltemos a Roberto e sua mulher. Asseguro-te, Alberta, que estás sendo severa demais com o teu modo de julgar esta pequena. Ella tem realmente attitudes livres, gestos que te chocam, mas tudo isso não tem senão uma apparencia exterior, tenho a certeza, e ella é leal e direita. Então, se deve ser mais indulgente, sabes, quando ha virtude sob apparencia de falta que quando ha falta sob apparencias de virtude... Bem, vou trabalhar.

Elle deixou a sala de jantar, onde a sra. Andouart ficou só, silenciosa, espantada, conturbada. Elle, então, teria sabido de tudo? Tel-o-ia elle realmente trahido, tambem, gozando uma tardia vingança?

E, pela primeira vez, depois de tantos annos, ella o julgou de outro modo, sem o menor desdem e desprezo...

A M A N T E S

O senhor e a senhora Capeira. Seu nome, para os leitores, não significa nada. No emtanto, esse nome, durante um quarto de seculo, appareceu, em caracteres de forma, em todas as esquinas das principaes cidades de provincia. Raul Capeira, das *tournées Caret*, foi, durante vinte e cinco annos, de Lysle a Marselha, o primeiro actor admirado, que, por sua formosura e por sua vóz limpida, conquistou mais de um coração.

A senhora Capeira, vóz um pouco acidulada e distincção perfeita, interpretou, durante o mesmo numero de annos e nas mesmas cidades, os papeis de linha comica e de confidente typica, para os quaes a destinava o seu physico. Elle, agora, é um barrigudo e correcto cavalheiro, de cabellos brancos, sempre vestido á moda dos trinta annos e inseparavel de seu amplo chapéo de feltro negro, pouco mais ou menos fresco, segundo os caprichos do céo, e do *monóculo* que ninguem nunca viu esgarçado no arco das sobrancelhas ao qual parece ser destinado e que, pendente de uma fita de *moirée* de sêda negra, desprende reflexos sobre as fitas das condecorações que lhe adornam o peito.

OS NEGOCIOS VÃO MAL... — A tua carteira!

Ella é uma gorda senhora de cabello amarello — tingido —, mãos scintillantes, e usa sempre um véo que serve para esconder as grandes e as pequenas rugas que a idade, impiedosamente, lhe multiplica no rosto.

Os dois formam um casal não muito differente de todos os que vão a Saint-Desiré para curar, com muitos copos de agua quente, os rins preguiçosos. Unicamente no theatro do Casino perdem seu ar de pacificos burguezes e tomam a attitude do entendido, do frequentador assiduo e do juiz. Tomam uma attitude de displicente superioridade e têm uma fórma particularissima de escutar, com os olhos entornados. Applaudem *en camarade*, isto é, com a extremidade das mãos, e sorriem aos porteiros e indicadores. Frequentemente se poderiam adivinhar, vendo-se-lhes os movimentos dos labios, os monologos que os actores dizem em scena e as réplicas que se alternam.

Aquella noite, no Casino, levavam "Amantes", e, entre todos os papeis o de Jorge Vértheuil foi sempre o preferido, e o que Capeira interpretou mais vezes, de cidade em cidade, emquanto Brigida Capeira foi, o mesmo numero de vezes, uma Henriqueta Famine irreflexiva, coquete e excellente rapariga. De maneira que o casal assistiu ao espectaculo presa daquella emoção e respeito que todos, chegados aos cincoenta, sentem para as bellas recordações da juventude. Escutaram com gravidade.

Nos intervallos, como sempre, trocaram mutuamente suas criticas e foram mais severos que de costume. Cada um disse ao outro o que mais lhe pudesse parecer agradavel.

— Tu dizias o papel muito melhor! — falou Brigida — Com mais distincção e sinceridade.

— Essa pobre Famina! — commentou Raúl. — Uma traição! E que maneira de vestir-se.

Sentiram-se immediatamente de accordo. Depois evocaram, sem receio algum, um dos episodios de outrora, empenhados que se achavam na diversão perigosa de nadar no passado. Recordaram a noite em que a camareira não appareceu, entre as gargalhadas dos espectadores para desabotoar o vestido de Claudia Razay, quando, no segundo acto, tem que se despir em scena.

Recordaram que isso se passou em Grenoble, mas discutiram longamente sobre a data desse espectaculo memoravel e sobre o nome da actriz que interpretou o papel de Claudia Razay.

Mais tarde, no aposento do hotel, não se esqueceram de *seus* programmas — programmas que com *seus* affiches e seus artigos de jornaes, estavam perfeitamente em ordem, numa valise de couro.

Lendo o programma dessa noite, lembraram o nome da actriz que fazia o papel de Claudia, mas lembraram outro nome que não haviam evocado... Laura Ailery: a unica aventura de Raúl, que puzéra em perigo a felicidade de Brigida.

DE CLAUDE GEVEL

Raúl Capeira, Don Juan de theatro, fôra sempre um marido fiel, exceptuando-se as semanas da *tournée*, em que a opportunidade lhe déra como companheira Laura Ailery, cuja imagem resurgia do esquecimento. Essa mulher, não bella, mas interessante, com seus olhos pequenos, mais cheios de luzes cambiantes, a bocca talvez muito subtil, mas sempre entreaberta por um sorriso enigmático soubéra envolver Raúl na sombra do mysterio com que envolvia sua personalidade.

Contra essa astuta coqueteria, Brigida tinha apenas sua desesperação. No emtanto, sahiu triumphante. Numa triste estação de provincia, uma manhã de inverno, Raúl vacillára entre Brigida, soluçante na sala de espera, e Laura, já sentada no trem e certa de seu triumpho. Raúl ficára olhando o trem mover-se e afastar-se...

Elle, sem falar, fechou a valise. Brigida o observava. Deitaram-se. Mas o passado, brutalmente reconstruido sobre o nome de uma mulher e sobre tres actos de amor em que haviam revivido seus éxitos e sua juventude, e em que, agora, tornavam a encontrar sua aventura, pesava muito.

O MEDICO NO PARAISO. — São Pedro: — Primeira porta á esquerda: é a reservada aos fornecedores...

Imprudentemente, Brigida se deixou dominar pelo ciume retrospectivo.

Disse, assim, com vóz áspera:

— Pensas nella, não é verdade?

Raúl negou, mas quiz tambem demonstrál-o.

— Em quem, em que?

— Não sejas hypocrita! Bem sabes em quem!

— Estás louca! Deixa-me em paz.

Voltou-se para a parede e se escondeu em seu travesseiro.

A senhora Capeira irritou-se ainda mais.

— Em paz! Sim!... Para que possas pensar nessa...

E lançou uma injuria atroz.

Raúl protestou.

Então Brigida a repetiu. Accrescentou outras e deixou sahir de seus labios todas as recriminações e todas as censuras que nunca havia manifestado: fez a scena que tivéra a enorme habilidade de não fazer vinte e cinco annos atraz.

Raúl procurou acalmál-a com palavras conciliadoras. Depois, pouco a pouco, se irritou. Essas recriminações tardias faziam reviver nelle outras recriminações que trazia dentro do coração, sem têl-as manifestado nunca.

Quando Brigida se calou e se poz a soluçar — soluços que recordavam outros, — elle se levantou.

Falou por sua vez, para expôr uma infinidade de pensamentos intimos, com a brutalidade e a fraqueza da cólera.

— Pois é verdade. Penso nella. Penso no dia em que escolhi entre ella e tu. E digo a mim mesmo que, nesse dia, faltei a minha vida. Si fiquei sendo um actor de provincia — o actor que recolhe os restos dos éxitos dos outros; si sou agora um pobre esquecido sem gloria, é porque, nesse dia, errei o caminho. Oh! não tenho nada a censurar-te! Tu foste uma mulher perfeita... E é só o que tenho a censurar-te. Tornaste-me a vida muito calma, muito doce. Suffocaste-me com tua ternura e com teus cuidados incessantes. Para triumphar, eu necessitava de aventuras, dramas, escandalos. Necessitava, afinal, de ar. Mas, comtigo, nem a mais insignificante scena! Tu não sabes fazer outra coisa sinão chorar, como agora e eu cedo! Bem vês o resultado! Dois velhos esgottados, ignorados... Quizeste saber meu pensamento? E' este. Mas a culpa é toda minha... Não se póde representar o papel de marido, quando se nasceu para representar o de amante!...

Calou-se. Houve um silencio.

Depois, a senhora Capeira levantou-se e, num aquecedor a alcool, preparou um chá, que o senhor Capeira tomou para dormir. E a senhora Capeira ficou longo tempo a contemplál-o, emquanto elle sonhava, com breves sobresaltos, como si estivesse discutindo ou fosse recomeçar a áspera recriminação. Afinal, vencida tambem pelo somno, ella poz a cabeça no travesseiro e adormeceu, com duas grossas lagrimas que aproveitaram seu somno para deslisar-lhe dos olhos...

KAKA - SAN

De Pierre Loti

TOTO-SAN e Kaka-San eram marido e mulher. Eram muito velhos. Tão velhos, que os mais velhos moradores de Nanga-Saki não se lembravam de têl-os visto moços. Mendigavam por essas ruas de Deus. Toto-San, que era cego, conduzia, em uma gaveta montada sobre rodas, sua esposa Kaka-San, que era paralytica.

Antigamente, os chamavam Hato-San e Ume-San (senhor Pombo e senhora Cereja), mas já ninguem se recordava disso.

Em lingua nippónica, Toto e Kaka são palavras muito doces, que significam *pae* e *mãe* na bocca dos meninos. Sem duvida, os outros os tratavam assim por causa de sua idade, e, neste paiz de excessiva cortezia, se ajuntam, aos nomes familiares, o de San, que significa qualquer coisa como senhor ou senhora (senhor papae ou senhora mamãe).

Sua maneira de pedir era discreta e conveniente. Não perseguiam as pessôas com seus pedidos, mas extendiam as mãos em silencio, aquellas pobres mãos enrugadas, em que já havia alguma coisa parecida com os traços das mumias.

Muito pequena, como todas as japonezas, Kaka-San parecia reduzida a nada em seu carrinho, onde seus membros inferiores, quasi dissecados, se amontoavam desde alguns annos.

Seu marido conduzia o primitivo vehiculo. Ella o guiava com a voz e elle, com muita attenção, proseguia seu caminho de Judeu Errante, envolto na escuridão perenne.

* * *

Iam a todas as festas religiosas que se celebravam nos templos. Sob os opulentos cedros negros que sombreavam os prados sagrados, ao pé de algum velho monstro de granito, ambos se installavam desde muito cêdo, antes da chegada dos primeiros fieis, e, emquanto durava a perigrinação, innumeros transeuntes se detinham junto delles.

Nesses dias, tambem elles corriam á festa, quando o tempo era bello e a brisa temperada, quando as dôres da velhinha estavam adormecidas no fundo de seus membros exhaustos.

Mas, quando cahia a noite, trazendo a escuridão e o frio, quando reinavam o mysterio e o horror religioso em torno dos templos e nos caminhos margeados de monstros, os dois esposos pareciam mergulhar em si mesmos. Dir-se-ia que a fadiga do dia os roia por dentro, que suas rugas eram mais profundas e seus rostos só reflectiam uma lamentavel miseria e a tristeza de não sentir a morte perto.

Haveria nelles algum pensamento profundo e eterno, que justificasse a expressão angustiosa de suas physionomias cadavericas? Talvez... Talvez, tambem, não houvesse nada.

* * *

E foi nos campos, uma manhã, numa encruzilhada, que a morte levou a velha Kaka-San. Naquella ilha de Kin-Sin a primavera é cálida e muito fecunda. Os dois caminhos se entrecortavam no meio de um arrozal avelludado, movido por um vento leve. O ar estava cheio da musica das cigarras, que no Japão são infatigaveis. Na encruzilhada havia uma duzia de tumulos sombreados por uma fila isolada de grandes cedros. Para além dos arrozaes, se via um bosque coroado pelos pennachos brancos e rosas de flores deslumbrantes.

Mais longe ainda, as montanhas, semelhantes a pequenos templos, de pequenas cúpolas, recortavam, sobre um céo azul, suas fórmas graciosas.

Foi nessa região de calma e verdor que se deteve o vehiculo de Kaka-San, em um alto supremo. Cerca de vinte bôas almas nipponicas rodeavam a gaveta onde a moribunda retorcia seus velhos olhos. O ataque sobreviéra em pleno caminho, quando Toto-

O ladrão, amador de distracções intellectuaes, que encontrou um jogo de paciencia...

San a levava para uma peregrinação da deusa Kwanon.

As bôas pessôas que se haviam reunido alli, tanto por compaixão como por curiosidade, faziam o possivel para soccorrêl-a.

Em sua maioria eram pessôas que tambem iam á festa de Kwanon, divindade da Graça.

Pobre Kaka-San! Quizeram reanimál-a com aguardente de arroz; esfregaram-lhe o estomago com hervas aromáticas; molharam-lhe a nuca com agua fresca. Toto-San tocava-lhe docemente, acariciava-a ás tontas, creando obstaculos aos outros com seus gestos de cego, agitado por um tremor de angustia que movia todos os seus membros. Mas tudo o que se fez foi inútil: a morte invisivel estava ali, rindo no proprio nariz daquelles japonezes.

Uma última contorsão, e Kaka-San cahiu de costas, com a bôcca aberta e os braços amollecidos, como uma pobre boneca de guignol que volta ao repouso depois da representação.

Aquelle cemiterio umbroso onde se cumprira a scena final parecia ser o indicado pelos Espiritos e o escolhido pela propria morte.

Terminaram as vacillações. Chamaram alguns *coolies* que por ali passavam e depressa todo mundo se impoz a tarefa de cavar a sepultura. Todos tinham pressa, pois ninguem queria faltar á peregrinação, nem tampouco deixar sem sepultura a pobre velha. Em meia hora o buraco estava cavado. Tiraram a morta de sua gaveta e a collocaram sobre a terra.

Toto-San procurava fazer tudo por si mesmo, atrapalhando assim os coolies, que a cada momento o empurravam para o lado, porque não tinham alma sensivel. Mas, pelo menos, elle poude verificar de que ella estava bem penteada para se apresentar decentemente na morada eterna.

* * *

Ouviu-se um ligeiro rumor na folhagem: eram os Espiritos dos antepassados de Kaka-San, que vinham recebel-a á entrada do paiz da Sombra.

No emtanto, terminado o enterro, as pessôas que se haviam detido continuaram seu caminho para o templo da deusa.

* * *

Toto-San proseguiu seu caminho. Conduzia seu carrinho vazio, para não perder o costume. Separado daquella que havia sido sua amiga, sua conselheira, sua intelligencia e seus olhos, andou ao acaso, irrevogavelmente só sobre a terra. Avançou ás tontas, sem objectivo nem esperança.

Entretanto, as cigarras cantavam estrepitosamente entre as plantas que se iam sombreando sob as estrellas, e, emquanto a verdadeira noite em torno do homem cego, se ouviram entre os ramos os mesmos rumores que soaram pela manhã, durante o enterro da velha. Eram os Espiritos, que diziam:

— Consola-te, Toto-San! Ella repousa em uma especie de aniquilamento muito doce, no qual tambem nós, estamos mergulhados, e a que igualmente chegarás, bem cêdo. Já não é nem velha nem tremula, uma vez que está morta, nem ninguem tornará a vêl-a com desagrado, pois se acha bem escondida entre as raizes subterraneas. Seu corpo se purificará ao infiltrar-se na terra. Kaka-San se transformará em lindas plantas japonezas, ramos de cedro, camelias simples, bambús!...

JOSE' DA SILVA GÓES (E. do Rio) — Quá! Quá! Quá! A sua carta me faz rir. E' deliciosa! E agora que estamos perto do carnaval, ella tem a maior opportunidade.

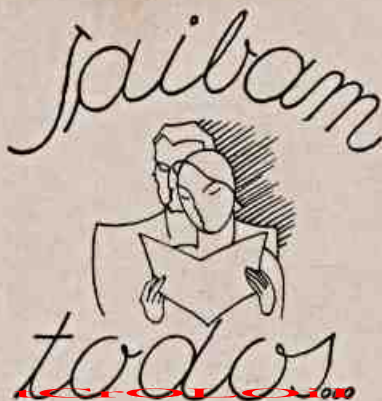
Mas vamos as seu magnifico documento.

Eis o que me escreve:

"Illm. Snr. Yves. Saudações: De ha muito lhe conheço, isto é, pessoalmente não, mas sim pela agradavel leitura da secção "Saibam Todos", onde V. Ex. dirige com proficiencia e demonstra possuir nas respostas um espirito culto e esclarecido nas magnas questões de amor.

Por este motivo venho, por meio desta apagada carta, perguntar-lhe indiscretamente qual o motivo principal que o levou a dizer no seu tão conhecido poema de amor "O Suave Enlevo", na poesia denominada "Frivolos", que *infelizmente no amor as almas todas são iguaes.*

Tenho um interesse mui grande de o amavel poeta das filhas de Eva me diga sinceramente e sem procurar illudir-me, porque no seu inspirado poema amoroso achou de dizer que "infelizmente no amor as almas todas são iguais".

V. Ex. mesmo, noutro dia, numa cronica especial para as paginas desta revista mundana, sob o titulo "Entre o amor e a razão", citou o conceito que Henri Bataille sente sobre o amor: "L'amour. Pour les uns, c'est l'effusión toute pure de la lumière. Pour les autres, la mansuétude obscure de l'ombre.

E mais adiante, na crônica citada, repetiu o conceito que Remy de ajourmout disse sobre o deus E'ros: "Il a tuos les droits, précisement parce qu'il est un instinct."

V. Ex. por conseguinte encara o amor como um instincto? E' irrisorio.

O amor é um sentimento da alma, subleme, imenso, e que arrasta a alma para tudo que é bom, desejavel, generoso e nobre.

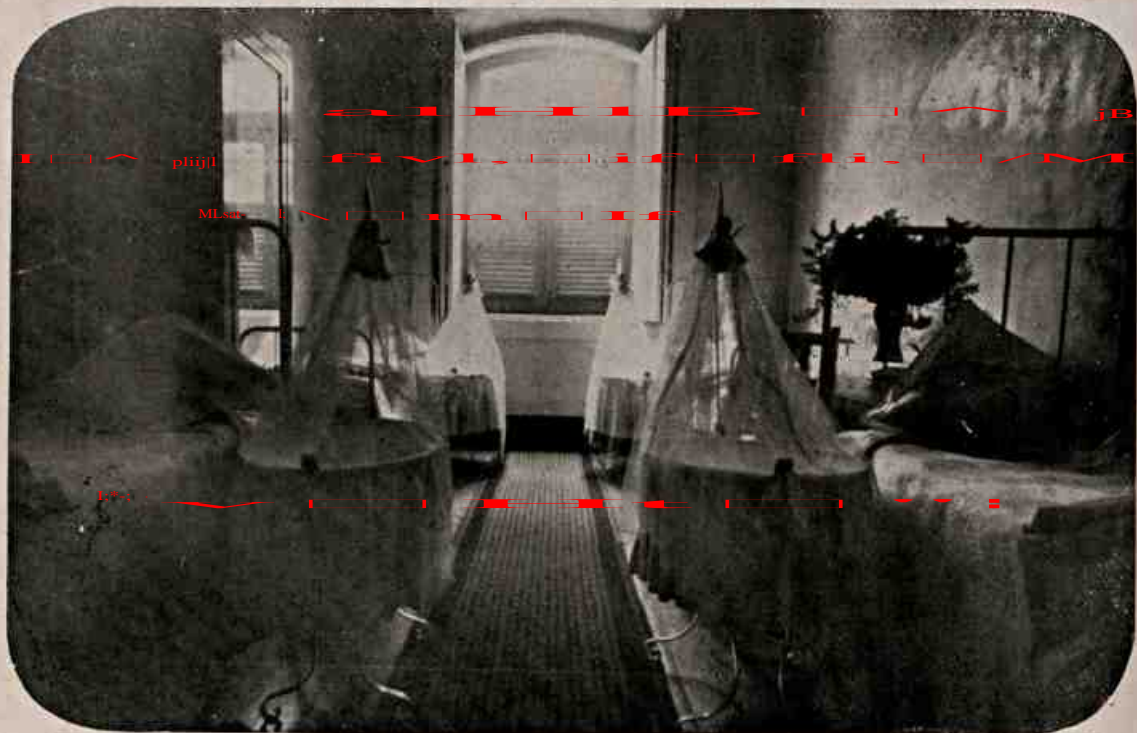
Não resta duvidas que o amor é o instincto da conservação da especie, como a fome o é da conservação pessoal.

O amor, caro poeta, é para a humanidade o que o perfume é para as flores e o sabor para os frutos.

Dizer-se, porém, que "infelizmente no amor as almas todas são iguais", é um sofisma.

Assim como existem pessoas de alma bôa tambem existem as de alma má, temperamentos severos e temperamentos emotivos, pessoaes de bom caracter e pessoas de mau caracter.

Portanto, como V. Ex., bem disse e a isto não ignora, a idéa do amor varia de individuo para individuo — segundo a mentalidade e o temperamento de cada um e que cada pessoa sente-a e julga-a diversamente, e que não e x i s t e um "amor", mas tantos modos de amar quantas as pessoas que ha no mundo.

O sentimento amoroso é uma experiencia individual, formada sobre tendencias instintivas: tibio neste, veemente naquelle; num transcorre em lagrimas; noutro assoma em sorrisos.

Então? Como vai V. Ex. explicar agora a mim, depois desta digressãosinha, que "infelizmente no amor as almas todas são iguaes"!!! Peço a V. Ex., por especial obsequio, que publique os termos singelos da minha carta e me responda com sinceridade, numa exposição simples o têma que lhe ponho ao alcance da sua formosa intelligencia de poeta e literato consagrado pela opinião do mundo "chic" e dos intelectuais de escól.

Sou com consideração e respeito, o amo. ato. obrg°. — *José da Silva Góes*."

Muito bem. Agora, a resposta. 1° — Quando digo que "no amor as almas todas são iguaes", quero significar que a condição humana, perante os erros e os acertos de amor, são os mesmos. Um imperador, quando ama, é capaz de amar com a mesma loucura e commetter os mesmos desatinos que o seu escudeiro.

Dahi a igualdade que observo nas almas, em face dos caprichos de cupido; 2° — As citações de que me servi, indicam, logicamente, que, para uns, o amor pode ser desatinado e vehemente, cheio de sol e vibrações; para outros elle será, apenas, a doçura, a serenidade, a calma a suavidade da sombra — embora tenha todos os direitos, porque, afinal, o amor é o que é o instincto. Entendeu? O sr. é desses que comem, e engolem tudo, como pato, sem mastigar, nem deglutir... 3° — Ha ainda outra razão para que eu diga que, no amor, as almas todas são iguaes... E que eu prefiro dizer uma coisa absurda, incoherente, irritante — mas original, a apossar-me do seu grande privilegio... Sim, o sr. tem o privilegio de dizer os mais chatos lugares-communs, como, por exemplo: "O amor, caro poeta, é para a humanidade o que o perfume é para as flores e o sabor para os fructos".

Caro pensador, eu só essa phrase "terre-à-terre", si tivesse a certeza de que, no outro dia, seria assassinado a cacête, ou então que teria coragem de beber cicuta, como Seneca, ou sublimado corrosivo, como qualquer suicida vulgar. Não sendo assim, respeito o seu privilegio — o privilegio da policia. Adeusinho, sim?

MOZAR (Minas) — Ah, Mozar sem *t!* O sr. é um anjo! Sabe por que? Porque eu estava encontrando difficuldade em fazer humorismo, nesta secção, e eis que o sr. me apparece. Oh, eu queria exactamente um "poeta".

Bemvindo, seja, pois.

As leitoras do "Saibam todos"... desta vez terão muito que rir. Parabens, portanto, a ellas e ao senhor. E ao correio, que m'o trouxe. E a poesia, tambem, porque, si não fosse ella, o sr. não daria para querer *virar* poeta...

Vamos, primeiramente, á sua missiva, com todas as suas *batatas:*

"Yves. Saudações atenciosas. Lendo ha alguns dias, com muita satisfação da minha parte, a sua critica na secção "Saibam Todos", do Fon-Fon, e admirando a fineza e competencia desta, resolvi mandar-lhe dois de meus trabalhos para merecerem a sua justa e inelutavel apreciação.

Nestes trabalhos haverão erros, talvez graves, mas a deficiencia dos meus rabiscos é desculpavel, porque sou ainda um ginasiano e, por isso, não tenho a pratica irrefutavel de que necessitam os aspirantes a "poetas", ou "escritores".

Se algum dos meus rabiscos merecer de si o favor da sua publicação, peço-lhe fazel-o sob o pseudonimo: Tolentino de Carvalho, que, aliás, é o meu sobre-nome.

Despeço-me de si desejando-lhe felicidades e dizendo-lhe que estou ancioso por ler o proximo n° de Fon-Fon, para ali encontrar a critica que fico esperando.

Do amigo, que embóra não tem a satisfação de o conhecer pessoalmente, muito o admira através dos seus trabalhos. — (*Mozar*)"

Leiamos, agora, o seu soneto (?):

A VINGANÇA DA MORTE

Sonhei que inerte e morta estavas [estendida
E, a soluçar, beijava a tua bôca [fria.
A um desespero infrene o peito me [rangia.
Por ver-te a face muda e pallida, [sem vida...

A febre me escaldava... E a tudo [maldizia...
Desesperado, louco, a mente enfu- [recida.
Numa cruel vingança, o peito teu, [querida.
Rasguei co'as proprias mãos, por- [que roubar queria.

A' Morte o coração que tu me [havias dado.
— Rasgando-te a mortalha, o seio [descobri,
E o peito espedaçando o coração [te abri:

Mas, eis, rolou-me aos pés um [outro, ensanguentado,
No qual, cheio de horror o meu [reconheci:
— Porque meu coração no teu era [guardado!

Hom'essa! O sr. é aterrorizador! Livra! Tem algo de necrophilo!

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

Então só porque sonhou que a sua querida estava morta — zás! — avançou para ella, e, ferozmente arrancou lhe o coração... Mas, no mesmo momento, o sr. se espanta — ao vêr que o seu tambem estava na caixa thoraxica da *morta*...

Safa! Que horror! Será que a *defunta*... Isto é, essa *defunta* não é *defunta*: é um açougue. Um açougue sentimental, onde só se encontram corações apaixonados...

Em todo caso — "Requiescat in pace..."

PROENÇA (Pará) — Antes de tudo: um abraço pela sua linda revista e pela sua gentileza. O numero especial d'*A Semana* está um mimo e revela a intelligencia vigorosa que tem á sua frente. Parabens.

A sua collaboração não apanhou o numero de Natal. Mas já foi publicada em nosso numero 2 de janeiro. A sua photo fica para sahir com outra collaboração.

E acceite a sympathia do velho admirador e confrade.

LITA (Sergipe) — Agradeço e retribúo os votos de felicidade que me envia pelo Anno Novo.

Quanto ao resto, devo dizer que o meu romance "Uma "garçonne" carioca" já entrou para o prélo. E' possivel que no começo de fevereiro ou depois do carnaval, esteja nas livrarias.

Declaro, no emtanto, que não é livro para "jeunes filles". Reproduzo aqui a resposta que dei a *Dinah*, no numero 50 do *Fon-Fon* de 1931:

"Uma garçonne carioca" é um livro feito para as mulheres infelizes e repudiadas pela sociedade. As felizes, as "jeunes filles", as que nunca souberam o que foi a fome, as miserias dos homens e as lutas pela vida — essas nada têm que vêr no meu livro. Escrevi uma obra de dôr, para demonstrar que as mulheres que cáem merecem um pouco de indulgencia, de piedade, porque a sociedade não deve punir aquellas que ella não soube defender e amparar. Mas tudo isso é dito com tristeza, com decepção com ironia e amargura profunda."

Creio que já me enviou um vale postal para que lhe remetesse um exemplar, não é assim? Logo que venha a confirmação disso, farei a remessa do volume a que tem direito.

A minha photo? Mas, para que? Eu não sou um joven, como pensa. Nem um Ramon Novarro. Para que lhe causar uma decepção?

Quanto a sua — não importa o que diz. Si v. ex. não é um typo de belleza, para mim isso nada influe — uma vez que não pretendo ir a Aracajú e, segundo creio, v. ex. nunca virá ao Rio.

Assim, permaneceremos dois desconhecidos.

O album seguirá na primeira opportunidade. Mas leva poucos autographos. Aqui no Rio não ha tempo para esses devaneios litterarios. Infelizmente.

YVES

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2 - 4136

FON - FON — 30 - 1 - 932

Data da consulta..............

Nome do consulente..............

....

MARLE

A. BELTRAM SOUSA

MARLE era bem o encantamento que faz bem e que faz mal. E alli, na penumbra morna do gabinete pequenino, ella errava os olhos, de um negror de noite escura, por Lygio, o louro rapaz por quem se fascinara.

Marle. Morena e linda. Um nome que lembraria sonhos distantes, plagas longinquas... Mulher morena, promettendo o amor escaldante, o amor loucura, o amor paixão...

Lygio, o louro de adolescente, o traço vivo da inexperiencia. Conheceram-se como se conheceram tantos outros e como ainda se conhecerão muitos outros. Um encontro preparado pelas mãos ardilosas do destino.

E, no aconchego morno do gabinete em penumbra, passou pela mente d'aquella mulher fascinação, a vontade ousada de prender para sempre, por annos longos, o adolescente que lhe fazia os desejos pequeninos sem uma palavra, sem um gesto ao menos de reacção. Um homem que se degradava aos poucos...

E a idéa ousada tomou proporção e se enraigou, mais e mais.

De um salto... entre um beijo e um abraço ella falou-lhe em casamento... Podiam ser felizes... isolados do mundo... n'um outro mundo reduzido... lá onde nada mais existisse além de um amor, um grande amor... Elle, que de ha muito deixára de ter vontades, soube apenas sorrir. E... o dia seguinte. Quanto póde a vontade de uma mulher alliada á fraqueza do homem!

Lygio olvidou tudo. A sua villa, onde u'a mãe — bôa como todas as mães — aguardava a formatura do filho, sonhando com dias menos asperos, menos tormentosos; um sorriso candido e formoso d'aquella que, companheirinha de infancia, desejava ser a companheira de sempre, a collaboradora do futuro; o amanhã bom que se divisava ao longe, quando, terminada a jornada estudantina, buscasse a vida simples e sincera dos logarejos humildes. Tudo. E se entregou mais e mais áquella mulher fascinação, de um passado desconhecido, de um passado talvez negro, bem negro, como seus olhos malvados. E o casamento se realizou. Os dias e noites de um prazer falso foram se succedendo, trazendo um pouco, com a realidade do passo atrevido, um mixto de tristeza e remorso. De roldão, passavam pela mente fatigada a imagem da mãesinha distante; a pureza do olhar d'aquella que deveria ser o anjo do seu lar, um céo inteiro; a dureza dos dias tenebrosos que se annunciavam. E veiu o aborrecimento, e vieram as rusgas, os choques entre aquelas duas almas oppostas, que não se amavam. De um lado, a ousadia da mulher mundana, que tudo conhece; de outro, a inexperiencia de quem apenas ingressára na vida agitada; de ambos, o desejo, simplesmente o desejo.

A realidade... nua... cruel. Uma vida perdida, um sonho que se desfaz, um futuro que se vae. E o fim, um fim como tem sido o de outros e como será o de muitos outros...

O SALVADOR

De A. R. BONAT

O casal Brocatel chegou aquelle anno á cidade balnearia em que pensava veranear. A senhora Brocatel culpava a seu marido da insignificancia de sua vida, de sua falta de iniciativas para fazer alguma coisa grande e sonhada, que lhe valesse honras, e o marido tinha que se resignar deante de semelhantes accusações, porque era a pura verdade. Elle não era homem de lutas nem de empenhos. Limitava-se a viver o melhor que podia e a esperar que Deus fosse servido em chamál-o a si, e assim levára muitos annos.

— Morrerás sem que os jornaes tenham publicado teu nome uma unica vez!

— Fal-o-ão então, ao publicar a noticia de minha morte.

— Bello consolo!

— Porque sou modesto.

— Porque és um idiota!

Essa conversação terminava sempre com phrases ásperas, e Brocatel começava a pensar que estrangulando sua esposa se tornaria celebre, e os jornaes até publicariam seu retrato. Mas não tinha tão más intenções, e deixava que a senhora Brocatel desapparecesse quando lhe chegasse a hora.

Uma vez installados em sua residencia de verão, começariam os dois esposos a frequentar a praia e a fazer parte dos grupos que nella havia. Brocatel, á falta de outro entretenimento, se dedicou a passar em revista os que por ali circulavam todos os dias, notando a presença de um sujeito estranho, que tambem estava diariamente na praia, mas que não falava com ninguem. Esse individuo olhava para todos os lados e estudava as physionomias dos veranistas, mas não procurava entrar em relações com elles. Era um misanthropo, talvez um desgraçado.

Brocatel, no emtanto, um dia em que dava um passeio sozinho, se encontrou com o desconhecido, que contemplava amorosamente o oceano, e resolveu falar-lhe.

— Está bonito o mar, hoje, não é verdade?

— Muito bonito, senhor...

— Brocatel, para servil-o. Candido Brocatel, capitalista.

— Obrigado. Geraldo Martino, ás suas ordens.

Falaram de coisas indifferentes e depois se separaram. Mas já ficava entre elles um principio de trato amistoso, que Brocatel procuram cultivar. Fizeram-se mais frequentes as conversações, e o mysterioso Martino acabou confessando a seu novo amigo que se achava em um momento angustioso de sua vida e que meditava a idéa de atirar-se ao mar, por não dispôr da miseravel somma de seiscentos francos, que lhe era absolutamente indispensavel.

Ao ouvir aquillo, Brocatel teve uma idéa estranha, e, aproximando-se muito do futuro suicida, lhe disse:

— Espere um pouco, que me occorreu uma coisa.

A conversação ficou em segredo. Mas os dois homens se separaram de mãos dadas e dizendo ambos:

— Combinado!

Na manhã seguinte, quando mais concorrida estava a praia, Gerardo Martins avançou em attitude allucinada e chamando a attenção de todos. Brocatel exclamou:

— Esse homem vae fazer uma barbaridade. Tenho certeza. Leio-lhe a loucura nos olhos.

Effectivamente, Martino subira a uma barca e, dalli, em voz alta, exclamou:

— Adeus a todos! Mundo, ahi te deixo!

E precipitou-se na agua, entre o espanto geral.

Mas, ah!, Brocatel, que acompanhára os menores movimentos do suicida, como si estivesse no conhecimento do seu segredo, se atirou ao mar atraz delle, quando o desesperado ainda se encontrava nas areias da praia, onde havia cahido, e a agua não passava dos joelhos. Segurou-o heroicamente, e, depois de lutar demoradamente com o homem que já se despedira do mundo, conseguiu arrastál-o alguns metros e deixál-o em sêcco. Já não havia perigo, e o heroico cidadão foi premiado com uma longa oração por todas as testemunhas daquella terrivel scena. A senhora Brocatel chorava...

Martino, acompanhado de um guarda, foi seccar-se, tendo o cuidado de segurar o bolso interior do palitó, onde, segundo parecia, guardava algo importante, e Brocatel recebia felicitações de toda especie. Afinal, praticára um acto grandioso e digno de ser commentado pelos jornaes. Effectivamente, no dia seguinte, a imprensa local o narrava com detalhes e pedia para o heróe a cruz de Beneficencia. A senhora Brocatel não podia dissimular sua satisfação deante do acto executado por seu marido. Este sorria modestamente.

Dias depois, chegou á praia o marquez de Mariano, que cumprimentou a todos, inclusive a Martino, o qual, já afastado da idéa do suicidio, fazia parte dos circulos praianos. Mais tarde, em um grupo em que se achavam apenas os tres homens, perguntou Brocatel:

— De maneira que vocês já se conheciam?

— Sim. Estivemos juntos em varias praias. E, a proposito, você não foi salvo este anno?

— Senhor marquez...

— Como? — disse Brocatel. — Porventura este desgraçado?...

— E' um truc. Por duzentos francos se offerece para passar por desesperado e atirar-se á agua, afim de ser salvo pelos que desejam passar por heróes...

— Duzentos francos? Mas si eu lhe paguei seiscentos!

Então Gerardo Martino replicou como desculpa:

— Não tive outro remedio sinão augmentar os preços. Tudo encareceu tanto...

NOTAS DE ARTE

BERTA SINGERMANN. — Sem contar a audição em idioma israelita, a que não assistimos — menos por não comprehender a lingua judia, do que por ignorar haveria semelhante recital — realizado, como todos os outros, no Theatro Lyrico, e em a noite de veneridia, 6.a-f., 22 de janeiro — Berta Singermann deu na semana passada as duas ultimas audições da temporada: a nocturna, de martedio, 3.a-f., 19, e a vespertina, de sabbado, 23 de janeiro. Repetiram-se em ambas ás mesmas maravilhas de interpretação psychica e verbal, plastica e sonora, em que a sensibilidade multiforme da artista se exteriorizou em fôrmas polychromicas de gestos e attitudes, em caudaes de musica verbal, alçando cada ouvinte ás mais paradiziacas regiões da belleza. Era de vêr-se o encyclopedismo do genio interpretativo da artista revelar com o mesmo esplendor o burlesco e o sublime, dizer representando, representar dizendo todos os generos de poesia, em verso ou prosa. E tudo mereceu do publico fanatizado a mesma apotheose. De sorte que para assignalar os numeros que mais se destacaram nos dois recitaes, só ha um meio: é reproduzir os programmas. Eil-os: «I) **Alborada de amor**, de Olavo Bilac (trad. Recuant); **La flor de Ilolay**, de Davalos; **Cantares**, de Manuel Machado; **Bambo - Bambú** (Anonymo-motivo popular bahiano); **Regresso al hogar**, de Guerra Junqueiro (trad. D. Marquina); **Pregones en Buenos Aires**, de Alberto Vaccarezza; **Mi hijo**, de Anna Amélia Carneiro de Mendonça (trad. Villaespesa); **Cancion**, de Richepin (trad. Torzi); **Serranillo**, do Marquês de Santillona; **Amor**, de Lope de Vega; **O gury não é da musica**, de Alvaro Moreyra; **Estio**, de Juana de Ibarbourou; **Las Campanas**, de Edgard Poe (trad. Torres); **Relato del Cardenal Francés** (De «La Cena de los Cardenales»), de Julio Dantas (trad. Villaespesa); **Cancion antigua** (Anonymo) **Mañana**, de Guilherme de Almeida (trad. Recuant); **Balbuceo**, de Enrique Banchs; **La fuente y la flor**, de Vicente de Carvalho (trad. Recuant); **La Cojita**, de Juan Ramon Jimenez; **Marcha Triunfal**, de Ruben Dario. — II) **Los elfos**, de Leconte de Lisle (trad. Diaz); **El embargo**, de Gabriel y Galan; **El placer de envejecer**, de Alvaro Moreira (trad. Recuant); **Era un aire suave** e **Los motivos del lobo**, de Ruben Dario; **Bajo la lluvia**, de Juana de Ibarbourou; **El niño pobre**, de Juan Ramon Jimenez; **El canto de la angustia**, de Leopoldo Lugones; **El hijo** (1. Duermes — 2. Nubes — 3. Solos — 4. Hoy por primeira vez — 5. Angustia — 6. Besos — 7. Vocales), de Fernandez Moreno; **Las Garzas**, de Emilio Oribe; **Exaltacion de la luz**, de Carlos Sabat Ercasty; **Nocturno**, de J. Assuncion Silva; **Desesperacion**, de Duis Quintanilla; **Escuela de las flores**, de Rabindranath Tagore (trad. de Z. C.); **Pastoril**, de Joaquim Dicenta, **Cancion de las vocês serenas**, de J. Torres Baudel; **Nunca tuvo novio**, de E. Mendez Ca'zada; **Polirritmo de la mujer vegetal**, de J. Parra del Riego.»

Não obstante a perfeição integral com que foram vividas todas as poesias, alçamos a planos inaccessiveis — **Marcha triunfal, Las Campanas, Exaltacion de la luz, Los motivos del lobo, Polirritmo de la mujer vegetal, Alborada de amor, La cojita, El embargo, Las garzas, Nunca tuvo novio, Era un aire suave, Amor.**

Dos dois recitaes, foi o primeiro o dia da glorificação de Berta Singermann. Admiradores da genial interprete da Poesia, que são todos os que lhe têm assistido aos espectaculos, offereceram-lhe uma corôa de louros em ouro e um livro de autographos, em que figura, em primeiro lugar, o maximo representante politico do Brasil, o chefe do governo provisorio, dr. Getulio Vargas. A symbolica offerta foi entregue a grande artista por Alvaro Moreira, que com o estylo original que o caracteriza e tantas vezes applaudimos, satisfez á incumbencia de dizer «duas palavras bonitas», dizendo precisamente essas palavras, com o enunciado do proprio nome da homenageada... Berta Singermann respondeu profundamente commovida, tendo palavras de agradecimento pelas homenagens e de louvor ao Brasil, especialmente ao Rio, ao publico e aos amigos de imprensa. Foi um lindo momento festivo e da merecida glorificação da artista. A sala inteira redobrou de applausos, entre os quaes avultaram os do presidente da Republica, que assistiu a todo o recital e não cessou de ovacionar a genial interprete da Poesia. Berta Singermann, num dos intervallos, compareceu ao camarote presidencial para agradecer ao chefe de Estado a sua presença e os seus applausos.

OSCAR D'ALVA

UMA CURA MARAVILHOSA

De Albert - Jean

— ESTOU me sentindo muito mal, Astolpho — disse a senhora Flip a seu esposo.

Este que lia, com interesse, um importante estudo *sobre a utilização dos bigodes de gato como combustivel*, se limitou a responder, sem interromper a leitura:

— Ah, sim?

— Imagina que tenho enjôos, me dóe horrivelmente as costas, tenho caimbras nas pernas, me zumbem os ouvidos, não vejo bem, o menor esforço me fatiga, perdi o appetite, passo as noites sem dormir....

A essa série de symptomas inquietantes seguiu um profundo silencio: os "bigodes de gato" absorviam, indubitavelmente, toda a attenção de Astolpho.

— Que achas que devo fazer? — perguntou a doente.

— Que?... — exclamou Flip, como si despertasse de um somno millenar.

— Si julgas opportuno que se chame o medico...

— Ah!... Estás enferma?

— Mas, não acabo de to dizer?

— E' verdade... Sim, filha, vae consultar um dentista.

— Dentista?!...

— Não dizias que te doiam os dentes?...

A senhora Flip, muito offendida deante da indifferença conjugal, lançou um olhar assassino a seu esposo e depois, dignamente, tomou *O E'co Mudo* e começou a ler os annuncios.

Entre elles, chamou sua attenção o seguinte:

"Doutor *Melecio Hipotensin*. Das Faculdades do Himalaya, Cabo de Horns e Chaudernagor. Doutor *honoris causa* pelas Universidades de Alaska, Triqueque e Nova Guiné. Professor de gansologia interna da Faculdade de Medicina. Ex-medico interno do hospital Descuidini. Consultas das 5 ás 24, ás segundas, terças, quartas, quintas, sextas, sabbados e domingos. Tupinambá, 6487."

— Este deve ser uma summidade — pensou a enferma. — Amanhã mesmo vou consultál-o.

* * *

A senhora Flip entrou no consultorio do célebre doutor Hipotensin, assim por volta das tres da tarde, e em pontas de pés.

O famoso cirurgião acabava de operar uma dama da mais authentica nobreza e estava ainda todo salpicado de sangue azul.

Quando viu a senhora Flip, o homem de sciencia, cuja fama se extendia pela Europa, America e Nova-Zelandia, se approximou de uma machina semelhante, pela côr e a fórma, a essas caixas registradoras automáticas que se usam nas casas commerciaes.

O doutor Hipotensin, sem afastar os olhos de sua cliente, empurrou uma portinhola e apertou um botão. Ouviu-se um ruido seguido de um som de campainha, e sobre o transparente em que, geralmente, se marcam os numeros appareceu esta indicação temivel: "Enfermidade dos rins".

A justeza e a rapidez daquelle diagnosticos fulminante espantou consideravelmente a senhora Flip, que balbuciou, assombrada:

— Doutor!... E' maravilhoso! — Como poude o senhor...?

— E' muito simples, madame — respondeu o sabio. — A côr de sua cutis revela uma irritação do figado. Seu modo de andar, transtornos renaes.... A affectação do figado é mais grave que a dos rins; e partindo do principio de que, entre dois males, é preciso escolher o menor, lhe declaro que a senhora soffre dos rins.

— E' prodigioso! — exclamou a senhora Flips, inteiramente assombrada.

— O caso é mais complexo do que pensa a senhora — respondeu o doutor, tirando os oculos e limpando-os cuidadosamente. — As affecções renaes são multiplas e importa que nos pronunciemos definitivamente após um demorado exame.... Tenha a bondade de tirar o vestido.

— O vestido? — exclamou a senhora Flip, um pouco vacillante.

— Sim, senhora... Recoste-se nesse divan para que eu possa auscultál-a.

O medico realizou meticulosamente o trabalho, e depois disse:

— Agora vou insensibilizál-a.

E injectou na pelle da paciente um preparo especial, cujo inventor lhe valêra o ser nomeado doutor

— A kleptomana que foi fazer uma visita ao Jardim Zoologico...

honoris causae da Universidade de Ilo-Ilo.

Com notavel dextreza, fez depois uma profunda incisão na parte baixa da espadua e extrahiu delicadamente um dos rins da senhora Flip.

— Então, doutor? — perguntou a paciente.

O sabio dirigiu-se a um balde de crystal cheio de agua distillada e precipitou no recipiente o rim, que fluctuou.

Hipotensin teve um sorriso de triumpho.

— Exactamente o que eu pensava! — exclamou. — A senhora tem um rim fluctuante.

— E' grave, doutor? — gemeu a senhora Flip.

Em um abrir e fechar de olhos, o cirurgião seccou o rim molhado e, cosendo-o habilmente, o collocou em seu primitivo logar.

— Nada é grave si eu combato a enfermidade — respondeu gravemente o sabio, com o tom de um homem consciente de seu valor pessoal.

Em seguida, tirou de uma vitrina uma caixa redonda e a entregou á sua cliente, dizendo:

— Tome duas vezes ao dia uma colherada do producto que esta caixa contém. E volte ao meu consultorio dentro de uma quinzena.

— Que é isto? — perguntou, curiosamente, a senhora Flip, contemplando a caixa que o medico lhe entregava.

— Não se preoccupe...

— Quanto lhe devo?

— Um conto de réis, madame.

* * *

A senhora Flip seguiu fielmente as instrucções do doutor Hipotensin e é innegavel que, depois de tomar dez colheradas do pó que continha a caixa, as dôres desappareceram.

A cliente foi exacta no cumprimento da determinação do medico, e quinze dias depois se apresentou de novo no consultorio do doutor Hipotensin.

— Que tal, madame? — perguntou o sabio.

— Miraculoso, doutor. Já não sinto a menor dor. O senhor curou-me.

— Espere, espere, minha querida senhora — disse o medico. — Não antecipe juizos... Eu não costumo regosijar-me antes de ter a prova... Ajamos com ordem e methodo.

De novo effectuou a operação de tirar o rim, com sua delicadeza habitual, e o metteu no balde de agua.

O rim foi ao fundo como si fosse de chumbo.

A senhora Flip deu um grito de alegria.

— Milagre! Já não fluctúa!

O doutor Hipotensin, triumphante mas modesto, inclinou-se, sem dizer uma palavra.

— Mas, doutor — exclamou a senhora Flip — o senhor póde explicar-me, afinal, qual é esse pó maravilhoso que me receitou?

— Apenas areia, madame. As maiores descobertas são as mais simples. Carregando seu rim de areia, eu estava certo de que elle deixaria de fluctuar...

INFANCIA E JUVENTUDE DE TOLSTOI

Conta a historia russa que "em 28 de agosto de 1828, em Iasnaia Poliana, pequena aldeia ao sul de Moscou, na velha casa familiar dos condes de Tolstoi, e sobre um estreito divan, nasceu um menino muito feio."

Mas o proverbio russo: "Os homens mais bellos são os que, ao nascer, são muitos feios", consolava um pouco a familia.

Não obstante, longe de embellezar, o menino peorava. Os meninos da familia eram cinco, e a mãe morreu quando Tolstoi tinha dois annos. Seu pae o deixou orphão aos sete annos.

Podendo orgulhar-se de uma linha familiar formada pelos Tolstoi e os Volkonski, contavam entre os antepassados personagens que tinham sido companheiros de Pedro o Grande.

Quando o joven Leon fez quatorze annos, foi levado a Kazan para fazer companhia a dois de seus irmãos e estudar com elles. Dos meninos isso se dizia:

Sergio quer e póde; Dimitri quer e não póde; quanto ao pobre Leon, nem quer nem póde.

Leon não trabalhava, com effeito. Experimentava á sua maneira os systemas dos philosophos estoicos, e infligia a si proprio não poucas torturas physicas.

Epicurista, parecia inclinar-se para o vicio. Mas, de repente, se mostrou partidario da metempsychose e logo se entregou a um nihilismo demente.

Aos quinze annos, se lhe notavam os symptomas dessa enfermidade de analyses que sua vida lhe legou.

"Eu não pensava em uma coisa — dizia; — eu pensava que pensava em uma coisa..."

Aos dezesseis annos, perdeu toda a fé religiosa. Aos dezoito, teve accessos de singular bondade. Queria aprender tudo: direito, medicina, linguas, agricultura, mathematicas, musica. Acreditava que o destino do homem consistia no seu continuo aperfeiçoamento. Mas carecia de paciencia e de perseverança.

Em 1835, Tolstoi annotava no seu diario:

"Meu grande defeito? O orgulho. Um amor proprio immenso, sem razão de ser. Sou tão ambicioso, que, si me derem a escolher entre a gloria e a virtude, creio que escolherei a primeira."

Objectiva do acto inaugural das extracções da Loteria do Estado da Bahia.

Pelo processo de urnas e espheras movidas a electricidade correu o 1.º sorteio da nova phase da Loteria da Bahia, assistida por compacta multidão, sendo seu 1.º premio de 200:000$000; funccionando em confortáveis installações á rua 7 de Setembro 164.

Sob a firma de Amancio, Fernandes & Guimarães, conceituadas personalidades do nosso alto commercio e com registro no Ministerio da Fazenda, a Loteria da Bahia, com seus vantajosos planos concede as maiores vantagens e preferencias.

Além de altas autoridades, imprensa e vultuoso publico, o sorteio foi assistido pelo fiscal geral das Loterias.

Jorge Amado — NO PAIZ DO CARNAVAL — editor Schmidt — Rio — 1931 — 6$

O autor fez preceder o romance de uma *explicação*. Eil-a: "Diante da grandiosidade da natureza, o brasileiro pensou que isto aqui fosse circo. E virou palhaço... Este livro pretende contar a historia de um homem que, tendo vivido na velha França muito tempo, voltou á Patria disposto a encontrar o *sentido* da sua vida. Conta a sua luta, o seu fracasso. Conta a luta dos seus amigos, rapazes de talento, que falharam na existencia. Este livro é um grito.

Quasi um pedido de soccorro. E' toda uma geração insatisfeita, que procura a sua finalidade. Nós já começámos a luta contra a duvida.

A geração que chega combate as attitudes scepticas. Este livro narra a vida de homens scepticos que, entretanto, procuram uma finalidade.

Tentaram alcança-la. Uns no amor, outros na religião. O fracasso das tentativas não é prova da sua inutilidade. Este livro pretende ser humano. Por mais que pareçam artificiais os seus heróes, elles vivem. Porque, procurando bem, até homens intelligentes se encontram no Brasil. Mais do que humano, este livro tem veleidades de humanitario. Christo disse que se devia amar o proximo. Acho que se deve ter amor aos *semelhantes* e uma grande indifferença feita de desprezo e de perdão, aos que não nos são semelhantes... Eu não tenho veleidades literarias. Não pretendo fazer publico com este romance. Não sou pornographico, nem jornalista de sensação. Este livro tem um scenario triste: o Brasil. Natureza grandiosa que faz o homem de uma pequenéz classica. A satyra, no Brasil, só a praticam os papagaios.

No Norte, terra da promissão, ha uma grande confusão de raças e de sentimentos. E' a formação do povo. E dessa confusão está sahindo uma raça doente e indolente. E todo dia a natureza surra, com o chicote do sol, o nortista tragicamente vencido.

Este livro é como o Brasil de hoje.

Sem um principio philosophico, sem se bater por um partido. Nem communista, nem *fascista*. Nem materialista, nem espiritualista. Dirão talvez que assim fiz para agradar toda critica, por mais diverso que fosse o seu modo de pensar. Mas affirmo que tal não se deu. Não me preoccupa o que diga do meu livro a critica. Este romance relata apenas a vida de homens que seguiram os mais diversos caminhos em busca do *sentido* da existencia. Não posso bater-me por uma causa. Eu ainda sou um *que procura*... Eu quizéra intitular este romance de — *Os homens que eram infelizes sem saber porquê*. — Mas a gente tem vergonha de certas confissões. E fica-se vivendo a tragedia de fazer ironias. Os defeitos deste livro são a minha maior honra."

A *explicação* do autor não deixa de ser curiosa. Tem, pelo menos, o poder de aguçar a curiosidade do leitor para o livro. Porque, procurando bem, até homens intelligentes se encontram no Brasil, escreve o autor... Mas, não ha necessidade de sahir com uma lanterna, como Diogenes!

Elles apparecem, sem ser procurados. Jorge Amado é um exemplo vivo do homem intelligente do norte do Brasil, que appareceu escrevendo livros, sem saber porque...

Porém, Jorge Amado não se preoccupa com o que diga do seu livro a critica. Essa maneira de desprezar a critica não será uma veleidade literaria? Vamos admittir a hypothese, então, de que o critico escreve para o publico... E o publico vae ficar prevenido de que os defeitos do livro não fazem honra ao autor.

A historia desse homem que, tendo vivido na velha França muito tempo, voltou á Patria disposto a encontrar o *sentido* da sua vida, é uma *blague*. Paulo Rigger, de volta ao *paiz do carnaval*, depois de sete annos de ausencia, não é perfeitamente um *homem*. E' uma caricatura.

De Paris é transportado pelo autor para a Bahia, onde vae amar delirantemente uma figurinha pallida que habita o sotão de uma casa de commodos. E, para ficar mais proximo da amada, mette-se no quarto ao lado da menina, vivendo a *sua tragedia* de desoladora banalidade...

O autor teve em mira fazer ironias; não quiz escrever um romance.

Escreve, por exemplo: "*O Estado da Bahia* podia se considerar victorioso. Mas fôra uma victoria *ás avessas*. Vencêra pela antipathia. Todo mundo comprava o *Estado da Bahia* para vêr quem levava *pancada* naquelle dia. Não era um jornal de escandalo. Mas falava a verdade e tinha coragem. E um jornal que fala a verdade, na Bahia, diz coisas peores do que o jornal mais infamante do universo." Ora, essa *irreverencia* para com a sua terra nunca devia ter acudido á penna do jovem bahiano. O autor ainda procura o *sentido* para a sua prosa, que se resente de plasticidade. Quando lhe passar a natural ousadia da louca idade, Jorge Amado produzirá, certamente, obra equilibrada.

Intelligencia e optimas qualidades para ser um escriptor, o autor do livro as possúe.

Tasso da Silveira — DEFINIÇÃO DO MODERNISMO BRASILEIRO — edições Forja — Rio — 1931 — 6$

OS capitulos deste livro são constituidos dos artigos publicados, mez a mez, na revista *Festa*, na qual o autor procurou dar outro sentido ao movimento de renovação literaria que em 1927 se fazia por todo o Brasil em direcções incertas e perigosas.

E', pelo menos, esta, a affirmativa do autor, disposto a documental-a, si a tanto o compellirem as circumstancias.

Não seremos nós que agitaremos a questão.

Esta historia de modernismo brasileiro tem dado panno para mangas, e futuramente os commentadores da nossa literatura vão se ver abarbados para identificar os *genios* que se perderam por excesso de velocidade.

Temos por bem empregado o tempo gasto na leitura do livro de Tasso da Silveira, que não é só um poeta de élite, mas tambem um prosador brilhante, de cerebro arejado.

O capitulo sobre o *symbolismo* é o mais attrahente do livro. A defesa do *poeta negro*, desse magnifico Cruz e Souza, é uma pagina brilhante.

Cruz e Souza e, seguindo-o de perto, Silveira Netto são astros de primeira grandeza da nossa poesia, de brilho eterno. Que importa a ignorancia da massa em torno destes dois mestres do symbolismo brasileiro?!

Basta que os *raros* o comprehendam.

Tasso da Silveira escreveu um livro de grande sensibilidade, firmando a sua capacidade para estudos de valor acerca do nosso movimento literario.

Benjamim Costallat — A CASA DAS HÉRAS — Flores & Mano — 1931 — 6$

OFFERENDA: "Eu escrevi muitos livros para o Publico. Este, eu escrevi para você, companheira da minha vida..." Este é, pois, o livro-alma de Benjamim Costallat. O livro que Costallat escreveu para tambem demonstrar publicamente, que é um artista da palavra. "Todas as manhãs, quando abro a janella sobre a terra illuminada de um sól de ouro, e revejo as minhas palmeiras amigas, os meus morros conhecidos, as minhas samambaias, a minha hera, e, aos meus pés, a cidade se estende até o mar que avisto numa nesga azul — eu respiro satisfeito, e digo com alegria: — Ah! esplendido!... Maravilhoso... Eu nasci no Brasil!"

Depois, os capitulos que se seguem são um magnifico hymno de belleza estranha, através do qual palpita um coraçãosinho de creança. "Meu filhinho, o que você quer ser quando fôr grande?" E a resposta: — "escriptor como papae". Para que? Para ganhar a estima de poucos, o odio de alguns e a inveja de muitos?...

Costallat fez uma illuminura a bico de penna. Um poema em prosa, poema inédito na lingua portugueza.

A edição, illustrada por Belmonte, é primorosa.

A. E. W. Mason — O PRISIONEIRO DA OPALA — Liv. Globo — Porto Alegre — 1931 — 6$

O genero rocambolesco e policial, desta novela, desperta a mais viva curiosidade do leitor. A traducção, confiada a Marques Guimarães, é bôa.

A. Bezerra de Menezes — DELEITES — Rio — 1932

O autor já publicou vinte e um livros de versos. Com o presente, attinge a vinte e dois. Tem em preparo, para breve: *Recreios*. Espantosa fecundidade! Pois, apesar da livraria, o sr. Bezerra de Menezes está arriscado a tremenda desdita: ser o poeta desconhecido...

Francisco Nardy Filho — O PADRE BENTO DIAS PACHECO — 1931

A Sociedade de Assistencia aos Lazaros, de São Paulo, editou este livro, cuja venda beneficiará a sua util cruzada. Trata-se de uma biographia de relativo valor, mas, que tem a virtude de focalizar a vida de um Santo, digno da veneração dos brasileiros.

Edgar Wallace — A PORTA DAS SETE CHAVES — Liv. Globo — Porto Alegre — 1931 — 5$

A novella sensacional de Wallace póde agora ser lida em portuguez, bem traduzida por Pedro Bruno Dischinger. São 259 paginas que prendem a attenção do leitor mais exigente deste genero literario.

Edgar Wallace — O CIRCULO VERMELHO — Liv. Globo — Porto Alegre — 1931 — 5$

OS leitores das novellas sensacionaes de grande emoção e de intriga encontrarão neste volume um magnifico passa-tempo. A traducção, confiada a Darcy Azambuja, é excellente.

Queiroz Junior — INTIMIDADE — Bahia — 1931

DEPOIS do *vocesismo*, temos o *intimismo*. A poesia brasileira está impregnada de *intimidades*. Eu e tu... Os poetas não sabem guardar o segredo abrasador da alma, e revelam aos outros aquillo que devia estar sepultado entre as paredes do coração. Por essa razão, ás vezes, a gente lê cada bobagem rimada que desperta piedade.

E fica-se com pena, não dos rimadores, mas, das *ellas*...

Queiroz Junior não está, porém, catalogado entre os trovadores do peor quilate. E' antes um espirito encantador. Um emotivo. Quasi um irmão de Geraldy.

Chegas e a tarde silenciosa
serena e languida se esvái...
E a tua mão como uma rosa
em minha mão tremente cái...
Chegas e a tarde silenciosa
é como um véu de sombra que nos trái...

E a nossa historia continua,
com vagos tons sentimentaes...
Se é meu olhar que tumultúa,
é que eu te busco ainda mais...
E a nossa historia continua
com os seus silencios paradoxaes...

Ás vezes, sente-se que o poeta bahiano viveu na intimidade de Guilherme de Almeida. *Ciume* tem do academico de *Nós* o rythmo:

Toda gente nos vê quasi sempre zangados.
E quando passa diz, com desdem: — Que tolice...
Já nem parece mesmo um par de namorados
com tanta inquietação e tanta esquisitice...

Queiroz Junior, libertando-se da influencia das primeiras leituras, poderá vir a ser um poeta de feição propria.

Isto mesmo deixa transparecer em todo o livro, quando dá livre expansão ao seu lyrismo. *Romance* é a melhor prova da espontaneidade do seu talento.

Ella passou
cantando em minha vida
sua canção de amor...
Foi semeando estrellas...
... Não voltou...

Um poeta amavel.

Dom Antonio Pereira Forjaz — THERESINHA A SANTA — Rio — 2$

É a historia branca da vida da virgem de Lisieux, até a triumphal cerimonia da canonização, contada com singeleza, pela penna brilhante do illustre sacerdote portuguez, acatado lente da Universidade de Lisbôa.

O SUOR DEBAIXO DOS BRAÇOS

Marca Registrada.

ESTRAGA:

OS RICOS VESTIDOS
OS TERNOS FINOS
AS ROUPAS DE SEDA

USEM

MAGIC

MAGIC é o unico preparado pharmaceutico inoffensivo á saude, que supprime magicamente a transpiração das axillas, evitando assim que se estraguem os vestidos e que faz desapparecer, como por encanto, o máo cheiro caracteristico do suôr.

MAGIC é uma especialidade pharmaceutica, um remedio portanto, devidamente analysado e approvado pelo Departamento Nacional de Saude Publica e o unico aconselhado, para os fins a que se destina, pelas maiores autoridades medicas do paiz, entre as quaes os senhores doutoures Miguel Couto, Aloysio de Castro, Austregesilo, Werneck Machado, Terra e outros mais, que de modo algum dariam o seu apoio a um medicamento que não tivesse real valor.

MAGIC é economico. Cada vidro dá para 6 mezes — e deve ser applicado de accordo com as instrucções.

MAGIC encontra-se em todos os armarinhos, pharmacias, drogarias e perfumarias ou nos agentes geraes: ARAUJO, FREITAS & CIA., rua dos Ourives n. 88 — Rio de Janeiro — Preço 7$000 — Pelo correio mais 2$000 para o porte.

ANNO XXVI

FON-FON

NUMERO 5

Rio de Janeiro, 30 de Janeiro de 1932

Director: SERGIO SILVA

Os Estados Unidos do Mundo

REFERINDO-SE uma vez aos sonhos dos poetas e pensadores, dos quaes a humanidade zomba, mas que acaba realizando, Vitor Hugo dizia com espirito que, si alguem afirmasse que um ovo acabaria por ter asas, todos lhe cairiam em cima. Entretanto, o ovo, transformando-se em passaro, toma asas e vôa...

Assim acontece com as idéias dos poetas. Assim aconteceu com ele proprio. A 17 de julho de 1851, quando se discutia na Assembléa Nacional franceza a proposta de revisão da constituição republicana mandada apresentar pelo presidente Luiz Napoleão Bonaparte, que já visava o imperio, Vitor Hugo, combatendo-a, pronunciou magistral discurso em que lançou no campo politico a semente duma grande causa. "O povo francês, na plena posse de si mesmo e no majestoso exercicio de seu poder integral — disse ele — fez passar da região das abstrações á dos fatos, e definitivamente e absolutamente estabeleceu a forma de governo mais logica e mais perfeita, a republica, que é para o povo uma especie de direito natural como a liberdade para o homem. O povo francês talhou no granito indestrutivel e colocou no proprio seio do velho continente monarquico a primeira pedra desse imenso edificio do futuro que um dia se chamará Estados Unidos da Europa!"

Era a primeira vez que, numa tribuna politica, se pronunciavam tais palavras. Após elas, registam as notas estenograficas do *Moniteur* o seguinte: *mouvement, ong écult de rire á droite*. O deputado Fontaine uivou: "Isto é uma blasfemia!" O deputado Haeckerem ganiu: "Devia-se poder vaiar cousas como esta!" O deputado Montalambert guaiou, gesticulando como um possesso: "Os Estados Unidos da Europa! E' demais! Hugo ficou maluco!" O deputado Molé ladrou: "Estados Unidos da Europa! Que extravagancia!" O deputado Quentin-Bauchard guinchou: "Esses poetas!"

Quando a tempestade de apostrofes serenou, Hugo respondeu calmamente: "Vós sois o passado!" E, si até nós chegaram os nomes dessa meia duzia de deputados duma maioria nescia e acarneirada como todas as maiorias, é que eles apartearam o creador de Jean Valjean. Si não, quem se lembraria mais desses coitados?

Hugo simplesmente levára á camara a idéa que esplanára dois annos antes, no discurso de abertura do Congresso da Paz, em Paris, a 21 de agosto de 1849. Então clamára: "Dia virá em que a guerra parecerá tão absurda e impossivel entre Paris e Londres, entre Viena e Turim, como é impossivel e absurda hoje entre Rouen e Amiens, entre Boston e Filadelfia. Dia virá em que a França, a Russia, a Italia, a Inglaterra, a Alemanha, todas as nações do continente, sem perda de suas qualidades distintas e de sua gloriosa individualidade, se amalgamarão numa entidade superior e constituirão a fraternidade européa, absolutamente como a Normandia, a Bretanha, a Borgonha, a Lorena, a Alsacia, todas as nossas provincias se fundiram na França. Dia virá em que os unicos campos de batalha serão os mercados abertos ao comercio e os espiritos abertos ás idéas. Dia virá em que as granadas e bombas serão substituidas pelos votos, pelo sufragio universal dos povos, pela arbitragem veneravel dum grande senado soberano, que será para a Europa o que o Parlamento é para a Inglaterra, a Dieta para a Alemanha, a Assembléa Legislativa para a França. Dia virá em que se mostrará um canhão nos museus como neles se mostra hoje um instrumento de tortura, e toda a gente se espantará de ter isso existido! Dia virá em que se verão dois grupos imensos — os Estados Unidos da America e os Estados Unidos da Europa, em face um do outro, estendendo-se as mãos por cima dos mares, trocando os produtos de seu comercio, de sua industria, de sua arte e de seu genio, lavrando a terra, colonizando os desertos, melhorando a creação sob o olhar do Creador, e combinando, para o bem estar comum, estas duas forças infinitas: a fraternidade dos homens e o poder de Deus!"

O sonho de continuo bailava na cabeça do poeta da "Legende des Siécles". A 1.º de agosto de 1852, falando aos belgas que o acompanharam ao embarque, quando a proscripção imperial o punha fóra do continente, dizia-lhes: "Belgas, si, um dia, a fronte banhada de luz, agitando ao vento alegre das revoluções uma bandeira unicolôr na qual leiais — *Fraternidade dos povos — Estados Unidos da Europa*, grande, livre, altiva, terna e serena, a França, a verdadeira França vier a vós, oh! levantai-vos ainda dessa vez, belgas, porem para substituir o bordão ferrado pelo ramo florido, levantai-vos para receber a França e para saudá-la!" E, em 24 de fevereiro de 1845, na comemoração do aniversario da revolução de 1848, repetia a idéa: "O futuro tem diversos nomes. Para os fracos, chama-se impossivel; para os timidos, ignoto; para os corajosos e os pensadores, ideal. O impossivel! O ignoto! Como? Não ha mais miseria para o homem, não ha mais prostituição para a mulher, não ha mais ignorancia para a criança? Isso é impossivel! Como? os Estdos Unidos da Europa, livre e senhores cada um do que é seu, movidos e ligados por uma assembléa central, comungando através dos mares com os Estados Unidos da America, isso é o ignoto! Como? O que quis Jesus Cristo é o impossivel!? Como? O que fez Washington é o ignoto!?" E terminou: "Viva a revolução do futuro!"

Ella se está processando. Primeiro, a semente lançada germina em alguns espiritos. Depois, a planta cresce e viceja na coletividade. Por fim, frutifica nas realizações praticas. Ainda não se completou um seculo que Vitor Hugo profetizou os Estados Unidos da Europa e já essa idéa ganhou terreno de modo espantoso. Não são mais os poetas, os escritores e os filosofos que a discutem teoricamente, porem o espirito europeu que a acha imprescindivel e a reclama, forçando as chancelarias a coloca-la no terreno das reuniões internacionais e os estadistas de *primo cartello* a dela sisudamente se ocuparem.

Grave lição dá, assim, o futuro, que agora é o nosso presente, áqueles pobres Montalambert, Molé, Haeckeren, Fontaine, Bauchar, capachos duma maioria parlamentar ocasional, mostrando-lhes como vivem as grandes idéas que os cerebros obtusos dos politiqueiros réles, iguais na essencia moral aos ventres dos suinos, não são capazes de compreender.

O ovo ai está já de azas, pronto para voar... E, um dia, os Estados Unidos da Europa, da America, da Asia, da Africa, da Oceania, se transformarão nos Estados Unidos do Mundo. Que importa isso leve mil anos?...

GUSTAVO BARROSO

DE YVES

Philosophia carnavalesca

CORINA mostrou-me a sua fantasia: um lindo modelo de "Shimmy", uns sapatos pequenos de setim, um grande laço de fita para o pescoço... E tudo côr de sangue. Vermelho. Escaldante na sua tonalidade como o enthusiasmo da sua alegria carnavalesca e a sua mocidade trepidante.

— E para o baile do Copacabana.

Eu disse apenas:

— Ah! Está lindo.

E ajuntei:

— E a mascara?

— E' um *loup*. Tambem vermelho. Que tal?

— Chic. Ultra-chic.

— Farei successo?

— Na certa. Nem pode haver duvida, sobre isso. Aliás...

E calei-me.

— Diga, senhor... Não se engasgue.

— Você não necessita de mascara.

— Ora essa! Mas não vê que vou dansar ás occultas? Meu noivo ignora tudo. Suppõe que vou para a fazenda. Coitado! Elle é de tão bôa fé... Acreditar que eu vou deixar o Rio, pelo silencio e a insipidez de uma vida rural!

E riu-se com bom humor e piedade do homem.

Fiquei sério. Olhei-a, a testa franzida, uma expressão de amargura na face.

Ella estranhou o meu ar, e perguntou, curiosa:

— Não concorda commigo? Pois não acha que não vou ser sincera para com um idiota que me empurraram como noivo?

— Tem razão. Elle bem merece tal castigo. Mas, não era isso que eu desejava notar...

— Que era?

— Não percebeu?

E expliquei:

— Você não precisa de mascara para se fantasiar...

— Mas, é o decôro? a responsabilidade, a prudencia... E' tudo isso que me aconselha o uso do disfarce... Ora, tambem!

Friamente, prosegui:

— Nem você, nem qualquer outra mulher necessitam de mascara para fingir aquillo que não são...

— Acha, então, que, na vida real, sou uma pequena — "Shimmy"?

— Mais ou menos. Mas o importante, não é isso: é que você finge melhor sem o *loup*. Acho, mesmo, que o disfarce preparado, estudado, organizado, antecipadamente, não dá bom resultado. A mulher para fingir — e triumphar no seu fingimento — ficará melhor de rosto nú, de olhos a descoberto, livre de qualquer dissimulação. Salvo a pintura, o classico "maquillage". Com a mascara, ella dá a impressão de que está fingindo, realmente. De que tudo aquillo é artificial, simulado, puramente carnavalesco. Ao passo que...

— Prosiga!

— ... Sem esses aparatos, ella deixa lançadas nos espiritos a confusão e a duvida. Póde ser que não esteja fingindo — justamente quando mais finge e illude.

Ella pensou um momento e falou amuada:

— Obrigada pela lição. Afinal de contas são vocês homens que nos ensinam a mentir e depois nos recriminam. Adeus!

E voltou-me as costas, deixando-me boquiaberto.

SOCIEDADE

Madame São Paulo, distincta figura da nossa sociedade.
(Photo De los Rios).

A MULHER CHIC

Photos especiaes para "FON-FON"

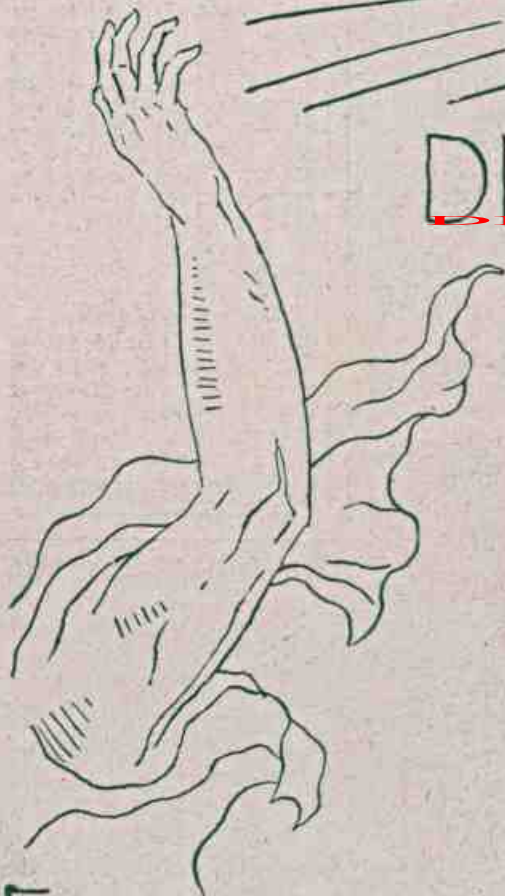
Duas elegantes creações da casa Jane France, de Paris.

* *

No alto, mlle. Leticia Fairbanks, sobrinha do conhecido artista norte-americano Douglas Fairbanks, com um lindo chapéo de velludo negro, «très decollé». Laço tambem de velludo negro.

* *

Em baixo, a «vedette» Jacky Monnier com um «petit-taupé», em fórma de «cloche», guarnecido de uma fantasia.

O DESTINO DISSE...

Esther Squeff Silva

PAULO WERNECK ILLUST.

PARA "FON - FON"

Eu não sei de onde vim. Tenho todas as fórmas...
Eu não sei quem me fez. Móro em todas as almas...
Trago o imprevisto em mim, e uma vida sem normas...
Sou nuvem, ouro, pó, alegria, desgraça,
Indifferença e magua...

Com meus braços de sombra e meus dedos de luz,
Eu mesmo faço a noite e encho o espaço de estrellas...
E emquanto a noite dorme
Num sonho de alvorada,
Eu me esgueiro, Bruxo do Silencio,
A repartir, mundo afóra,
O quinhão de desengano,
De prazer ou de luta
A cada ser humano...

Com meu sorriso de fatalidade
Urdo a trama do crime,
Dando a noção do mal e do vicio á virtude...
E piso a alcova branca das virgens
Com meus pés de peccado...
Faço o homem feliz ou desgraçado...

E, ora implacavel, máu, ora meiguice e amor,
Eu habito simultaneamente
Numa garra de monstro e num sonho de flor...

Ninguém pode fugir ao meu dominio,
E contra mim é vão o tumulto da vida...
Emtanto,
Eu choro a ausencia do Nada
Que não virá para mim...

... Porque não sei quem me fez...
Porque não sei de onde vim...

Tudo se afasta, vem, e se vae novamente...
Só eu sigo eternamente,
Sem ser humano nem divino,
Arrastando, entre a dor e a revolta dos mundos,
Esta dor sem igual de ser Destino...

Os foliões cariocas estão se mobilizando para os prelios de Momo. Já se realizaram, em varios clubs, os primeiros bailes de carnaval. Sabbado ultimo, nos salões do Fluminense F. C., houve uma brilhante festa á fantasia offerecida aos associados do tricolor pela Casa Byington & C., e que decorreu no meio de grande alegria e do mais legitimo enthusiasmo carnavalesco.

Os salões do Country Club tambem estiveram movimentados no ultimo sabbado, quando ali se realizou um lindo baile á fantasia, promovido pelos rapazes do Standard Football Club.

O *reveillon* corria animado.

As mesas eram proximas...

Os casaes amigos faziam tudo para passar uma noite alegre.

A musica não cessava um instante, as bebidas espumavam nas taças, os pares percorriam o salão, entregues ao prazer das danças de sabor tropical.

Os presentes sentiam-se perfeitamente *ambientados*, segundo a technologia revolucionaria da época.

Os casaes amigos, cujas mesas estavam proximas, olhavam tudo aquillo um tanto desconfiados.

Pareciam marinheiros de primeira viagem, assustados deante da agitação do oceano humano...

Mas, repentinamente, tomaram coragem.

Levantou-se a dama de uma das mesas e o cavalheiro da outra. Cahiram nos braços um do outro, desapparecendo no turbilhão da dança.

Da mesa onde a esposa havia fugido, elle ficou olhando para a mulher do amigo. Afinal, foram ambos impellidos para o mesmo rumo... Elle ergueu-se primeiro, ella em seguida e sumiram-se em direcção ao terraço.

As mesas ficaram vazias pelo resto da noite.

Reveillon!

E a vida continúa cada vez mais encantadora para os dois casaes amigos...

O divertido cinema funcciona entre 9 e 10 horas da noite, quando os moradores do socegado bairro se approximam da cama para refazer a canceira do dia.

E' sempre a mesma fita, desempenhada por dois artistas, scenas repetidas, mas que interessam cada vez mais a assistencia curiosa.

A coisa está mais ou menos organizada da maneira seguinte: ás nove, elle chega e as luzes se apagam.

Ella o recebe com uma saudação muito amavel, demorada...

Para que a escuridão não seja absoluta, uma lampada dormita lá no interior da casa, o que é sufficiente para dar vida ao espectaculo.

Ha uma velha cortina de rendas que representa o papel de téla; através della, as sombrinhas, bem recortadas, se movimentam...

Scenas carinhosas, que fazem vibrar os assistentes.

Risinhos abafados, piadas, ameaças de queixas á policia...

Mas, quem assiste á fita, quando não fica freguez, faz a reclame. Principalmente as pequenas que andam ás voltas com o seu namoro se encarregaram de propalar o escandalo...

Actualmente, é o melhor espectaculo, o numero de maior successo do pacato bairro.

Espectaculo gratis e, por isso mesmo, cada vez mais concorrido.

A loirita está com a vida ganha.

Agora não precisa mais trabalhar, como vinha fazendo, acordando cêdo para apanhar o bonde á hora certa, correndo sempre para não chegar atrazada ao emprego, e regressando á casa extenuada, enervada, sem appetite para o jantar, com desejos apenas de atirar-se á cama para repousar o corpinho de linhas seductoras.

Inara Simões de Irajá, uma interessante carioquinha de olhos vivos, que nasceu ha um mez e vinte dias e tem sangue paulista e gaúcho nas veias...

Para que serve um palminho de cara linda? Nós sabemos...

A loirita resolveu mudar de habitos, isto é, deu *o basta* no bonde.

Mas não se passou para o omnibus, nem para os *taxis*.

Resolveu o problema de maneira mais elegante, aboletando-se numa *baratinha* que é um *numero*.

Agora, sim!

Quando vae ao trabalho, a *bichinha* está á sua espera.

Quando volta á casa, a coisa se repéte.

Depois do jantar, sobra-lhe tempo ainda para uns passeios do *outro mundo*, principalmente si a lua está escondida e não existem guardas nocturnos nas ruas...

Qualquer dia deixará o emprego, porque quem anda de *baratinha* não precisa trabalhar.

Poderá ficar durante os dias na cama, que é logar quente, e passear á noite, apreciando o encanto das praias, das estradas mysteriosas da Tijuca.

A loirita está com a vida ganha, segundo as más linguas...

A linda garota, vestida de amarello, parecia um canarinho belga, gozando a liberdade daquella tarde cinzenta, ali, em frente ao quarteirão dos cinemas.

Os omnibus passavam, os passageiros esticavam o olhar, implorando a graça de um sorriso, mas a garota parecia alheia ás coisas reaes da vida, firme, no meio-fio da calçada.

Por que nenhum omnibus lhe servia?...

Alguns *piratas*, intrigados com o caso, já faziam róda...

Mas, repentinamente, tudo ficou esclarecido, com o apparecimento da *baratinha* elegante, quasi da mesma côr do *canario*.

O felizardo do *chauffeur* amador parou a machina e disse qualquer coisa lá de dentro. Ella esboçou um claro sorriso e não se fez de rogada. Saltou para o interior da *baratinha*, e esta partiu, jogando fumaça nos olhos dos *piratas*, dos irmãos do que tinha automovel...

Bôa bóla!

A luta, este anno, começou cêdo.

O nosso amigo diz que detesta o carnaval e, por isso procura sempre passar longe do Rio os tres dias de loucura.

A esposa, ao contrario, gosta da folia carnavalesca e justifica-se allegando que necessita distrahir os filhos.

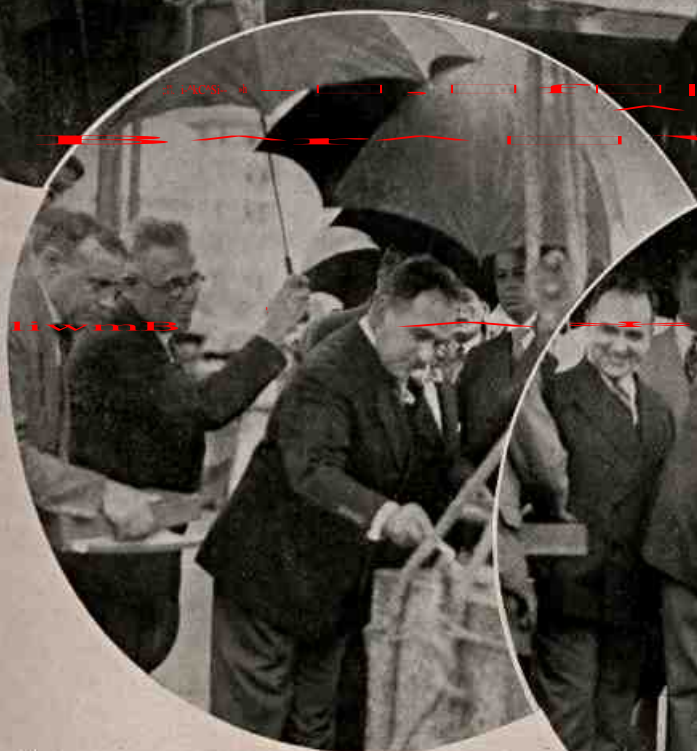
Ultimamente, quando o marido modelo foge do Rio, ella não tem gostado da coisa.

Desconfiou dos *descansos* nas fazendas de amigos, do *retiro* de Petropolis e quejandas novidades do maridinho que detesta Momo.

Este anno, elle annunciou a fuga, porem, *madame* estrillou...

Está farta de maroteiras e o marido tem de aguentar firme o carnaval em *familia*, com os pimpolhos, na Avenida, para vêr o successo das grandes sociedades...

Está decretada. Entretanto, o espertalhão ainda resiste, suppondo que levará a melhor.

Forte azar, pois *madame* parece que adivinha...

A data da fundação da cidade foi, este anno, brilhantemente commemorada pela Prefeitura e pelo Centro Carioca, que promoveram varias solennidades de caracter civico e religioso, as quaes tiveram inicio pela manhã de 20 do corrente, com a cerimonia do lançamento da pedra fundamental do Monumento da Cidade, realizada na Praça central da esplanada do Castello.

As outras solennidades commemorativas da data da fundação da cidade realizaram-se no palacio da Prefeitura e no Convento dos Capuchinhos, á rua Haddock Lobo. No palacio da praça da Republica, a imagem de São Sebastião, collocada no nicho da escadaria de entrada, recebeu, como todos os annos, as homenagens de grande numero de pessôas que foram visitál-a, figurando entre as mesmas o proprio interventor, dr. Pedro Ernesto. No templo da rua Haddock Lobo, houve a tradicional procissão do Santo Martyr, promovida pelos franciscanos capuchinhos. A directoria do Centro Carioca tambem ali esteve, em visita ao tumulo de Estacio de Sá. A nossa pagina focaliza aspectos de todas essas solennidades.

CHROMOS

Todas as tardes, á hora em que o sol mergulha para além da montanha verde, o sabiá canta tristemente na mattaria que divisa da varanda do meu retiro.

Esse canto, magoado como um solaço, dá-me a saudade amarga e imprecisa das almas soffredoras que viveram sonhando e buscaram na resignação um consolo tristonho para a sua dasdita.

A procissão de S. Sebastião, que domingo passado desfilou pela cidade, foi uma imponente e sumptuosa demonstração de fé catholica. A ella se associou o espirito religioso do nosso povo, que assim rendeu uma eloquente e expressiva homenagem e uma fervorosa devoção ao glorioso S. Sebastião, padroeiro da terra carioca. Esta pagina focaliza varios flagrantes da procissão de domingo.

Esse canto, dorido como um queixume, resôa no vazio de minh'alma como uma canção de dôr e de melancolia.

No silencio da tarde tristonha, o canto soluçante do sabiá laranjeira, suave como uma prece murmurada entre lagrimas, abala os nervos das ramadas, no seio da matta que abriga o ninho do passaro cantor.

Pela manhã, quando o novo sol desperta, encontra a folhagem scintillante de lagrimas de orvalho...

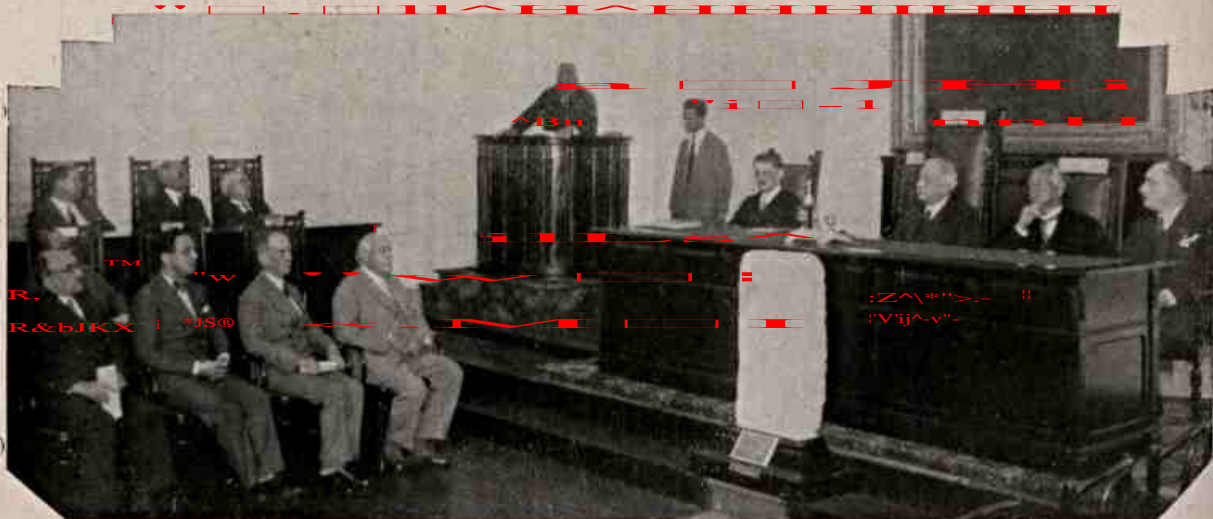
MATTOS ALÉM

ELOGIO DA INSOMNIA

Abri os livros de poesia, pequenos ou grandes, superficiaes ou profundos... Todos os poetas falam da insômnia: ou se queixam della ou a elevam até as nuvens. Uns exaltam e glorificam a insômnia. Outros, maldizem Morpheu, que os esquece.

O poeta dorme pouco e mal: é, por isso, definido como o *Insomne*. E essa insômnia deriva dos nervos, excitados ou fracos. O poeta é um enfermo sujeito a transitorios nervosos variadissimos. A poesia é filha legitima da insômnia, isto é, de um estado morbido da psyche. O corpo cansado do poeta, collocado em posição horizontal para o necessario descanso nocturno, quereria permanecer inerte e privado da vida durante oito horas pelo menos. Mas o infeliz não conta com o espirito, que então se desperta e começa a crear. E passam-se as horas, e o poeta dá voltas em seu leito sem poder conciliar o somno, até que os primeiros rumores do dia quebram o silencio da noite.

ANIANTE

O industrial maranhense Carlos Soares de Oliveira Neves, que falleceu ha dias nesta capital, onde se encontrava a passeio, acompanhado de sua exma. familia. Figura de grande destaque nos circulos commerciaes e sociaes de São Luiz, onde representava varias das mais importantes emprezas industriaes estrangeiras que desenvolvem sua actividade no Brasil, gozava, alli, de alto prestigio e era estimadissimo pelas suas qualidades de coração e de caracter. Sua morte quasi repentina causou, por isso, o mais fundo pesar não só no Maranhão, de cuja Associação Commercial era director, mas, tambem, no Rio de Janeiro, onde era bastante relacionado e onde reside parte de sua distincta familia.

O Instituto Historico e Geographico Brasileiro promoveu sexta-feira penultima, 22 do corrente, uma sessão especial para commemorar o quarto centenario da fundação de S. Vicente, que passou naquelle dia e que foi festejado com imponentes solennidades realizadas no grande municipio paulista. Foi orador da sessão do Instituto Historico o dr. Max Fleiuss, que ahi se vê na tribuna, quando proferia o seu discurso.

REFLEXÕES

Olha essa gotta de agua limpida, pequenina, que treme na ponta da folha — verde como um pedaço de esmeralda.

— Vês? Parece que ella treme de medo, não é? No emtanto, mais logico é pensar-se que ella não se póde oppôr ao movimento dessa folha que balança, açoitada pelo vento...

E elle passa, indifferente, rijo, fazendo todas as folhas dançarem de susto...

Mas... não reparámos! A gotta de agua está nervosa, porque, lá em baixo, a cachoeira tomba, fragorosamente. E ha, subindo, uma esquisita musica perturbante.

Quantos milhões de gottas não rolam nessa massa de agua, em um segundo apenas?

E a gotta fragil, minuscula, desabrigada, arrepia-se toda, presa da vertigem do abysmo...

.. ..

Olha, agora! A gotta cahiu no abysmo! Nem a podemos mais distinguir nessa massa immensa que rola e se estorce sobre as pedras do rio encachoeirado.

E a musica sobe — quasi identica — mas, agora, mais chorosa... Parece que ha uma queixa soluçando no ar... Talvez o lamento daquella infeliz que viveu algum tempo na beira da folha e tombou na cachoeira.

.. ..

Tú, que estavas nervosa, agarrada ao meu braço, temendo a sorte da fragil pérolazinha liquida, não fiques tão aprehensiva!

A' luz do sol, ella fazia escapar scintillações arcoirizadas; deslumbrava!

Depois, o vento — como si fosse a mão do Destino — fel-a tremer, vertiginosamente... E ella tombou, afinal!

Nós, humanos, devemos reflectir sobre essa gotta de agua...

PAULA CHAVES

O dr. Irany Ferreira, que acaba de concluir o curso na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. E' filho do Estado de Goyaz e foi interno da 2.ª cadeira de clinica medica, do serviço do prof. Fraga e da Maternidade da Santa Casa.

(Photo Annunciato).

O dr. Florencio de Abreu foi, sabbado ultimo, expressivamente homenageado por motivo da passagem do primeiro anniversario de sua gestão á frente do Hospital da Cruz Vermelha Brasileira. Os collegas, amigos e auxiliares daquelle illustre cirurgião promoveram, no amphitheatro da Cruz Vermelha, uma solennidade em que varios oradores exaltaram os meritos scientificos e os predicados moraes do homenageado. Falaram, entre outros, o general Alvaro Carlos Tourinho, director da Saúde da Guerra e presidente da Cruz Vermelha Brasileira, que presidiu á solennidade; o dr. Arnaldo Sirqueira, em nome do Hospital da Cruz Vermelha; os drs. Castro Araújo e Galhardo de C. Araújo, e, por fim, o dr. Benilo Neves, nosso brilhante confrade de imprensa, que traçou, em palavras eloquentes, o perfil moral e intellectual do dr. Florencio de Abreu, a quem saudou em nome dos seus collegas do Corpo de Saúde do Exercito.

Os redactores e demais pessoal de «A Noite» homenagearam, terça-feira ultima, com um banquete, o brilhante jornalista Carvalho Netto, por motivo de sua elevação ao posto de redactor-chefe daquelle prestigioso vespertino. O novo director da «A Noite», que se vê sentado entre os srs. Eugenio Dosdworth e Vasco Lima, respectivamente, director-thesoureiro e director-gerente da empresa, foi saudado por varios oradores, entre os quaes o illustre academico Augusto de Lima, que acaba de deixar a direcção da folha, e os nossos confrades Castellar de Carvalho, Manoel Bernardino, Tostes Malta e Benedicto Mergulhão, aos quaes respondeu, em expressivo discurso, o homenageado.

Alcançou um retumbante successo o banho de mar á fantasia que se realizou domingo ultimo, na praia de Copacabana, sob o patrocinio da Commissão Executiva do Carnaval deste anno. Foi uma linda festa de côres e espirito, que bem demonstra o enthusiasmo reinante com os festejos de Momo. Houve um concurso de «fantasias», sendo classificadas varias senhoritas e rapazes, que se destacaram pela sua «verve» e pela originalidade com que se apresentaram. A commissão julgadora desse concurso era composta dos srs. drs. Julio Santiago, Octavio Guinle, Herbert Moses, Berilo Neves, Nelson Rocha, Arnaldo Guinle, Annibal Bomfim, Affonso de Carvalho, Mattos Britto e J.Guimarães, que representavam, respectivamente, o interventor do Districto Federal, a Commissão Executiva do Carnaval de 1932, a Associação Brasileira de Imprensa, o Touring Club do Brasil, o Yacht Club, a Associação dos Artistas Brasileiros, o Comité de Chronistas Mundanos, o Praia Atlantico Club e os nossos confrades do «Beira Mar».

A linda praia de Copacabana com o seu deslumbrante aspecto carnavalesco de domingo passado, e algumas das figuras alegres que tomaram parte no grande barulho de mar á fantasia organizado pela Prefeitura e pelo Touring Club do Brasil.

UMA OPINIÃO ILLUSTRE

O sr. Alexandre Robert Conty, antigo embaixador da França no Brasil, homem de lettras, membro correspondente da **Academia** Brasileira, escreveu as seguintes palavras sobre o livro de Gustavo Barroso — *O Bracelete de Safiras*: "O joalheiro desse livro encantador nelle não poz somente espirito, porem estylo e muito talento. E nelle deixou mais transparecer uma coragem civica que é extremamente rara nos dias que correm."

Essas coragens são raras, é verdade, accrescentamos nós, e custam muito caro.

PARA O MEU AMOR

Sou feliz, radiosamente feliz. Dentro do meu peito o coração vibra doido de contentamento. O sangue lateja-me nas veias alvoroçado e estuante. Sou toda vibração. Sou toda um grito exaltado de alegria.

Meus olhos tontos de luz beijam tudo o que olham; meus labios frementes de jubilo beijam as palavras que murmuro. Canta em minha garganta o éco de todas as harmonias do universo.

Parece que trago em mim a grande alma da Natureza.

E tudo porque você vae voltar, tudo porque você virá para o meu amor, para essa felicidade immensa que só eu lhe posso dar.

Você! Eu vou deixar de ser a sua "étoile lointaine", a pobre estrella que mesmo de longe só brilhava para você... Eu vou deixar de ser a sonata pathetica de sua vida... E serei a estrella cadente que se abysmará no céo esplendido de seu amor; serei a marcha triumphal que celebrará a nossa victoria sobre a vida, sobre o destino que nos queria esmagar.

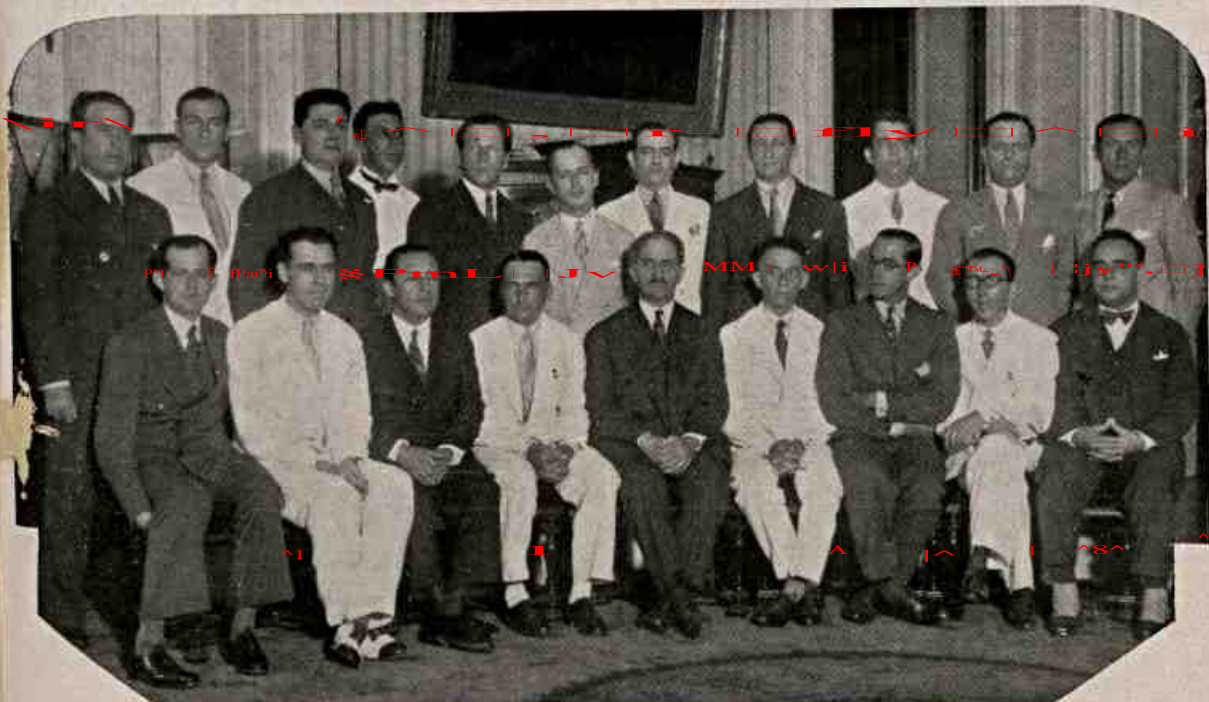
Meu senhor e meu rei! E eu quero fazer de meus braços a suave cadeia que o ha de prender a mim.

Quero fazer de meus labios a taça em que você beberá o vinho embriagador. Quero ser alimento e quero ser fonte.

Alimento — para saciar sua fome, fonte — para aplacar sua sêde.

Quero ser a sua luz, a sua fascinação e a sua corôa...

REGINA REZIERI

A gentil senhorita Lucilia de Lima e Silva e o sr. Nodgi de Almeida Rocha, cujo enlace nupcial se realizou nesta capital no dia 19 de janeiro, constituindo uma nota social de grande repercussão entre as innumeras relações do joven casal.

Os medicos da turma que em 1921 concluiu o curso na Faculdade do Rio de Janeiro, e á qual pertencem, entre outros, os drs. Carlos Osborne, Rebeca Guertzenstein, Genival Londres, Nelson Moura Brasil do Amaral, Custodio Milanez dos Santos, Felinto Coimbra, Augusto Duarte Pinto, Eurico Sampaio e Henrique Moura Costa, promoveram varias solennidades para festejar o primeiro decennio de sua formatura, avultando entre as mesmas o almoço realizado no Palace Hotel, domingo ultimo, com a presença do paranympho da turma, dr. Leitão da Cunha.

LONGE DA VISTA...

— POR QUE esta desconfiança, se te levo no coração, meu amor?

— No coração?... Longe da vista...

— Mas, filhinha, esse rifão é para "inglez ver"...

— Está escripto: e a sabedoria popular raramente falha...

— Sim, admittamos que assim seja para umas tantas coisas. Em materia de amor, porem, o jogo dos contrastes, das surprezas, é de tal natureza, que não ha sabedoria humana capaz de prevenir ou, mesmo, adivinhar o que, em essencia, foge ás positivações da realidade, pela força mesma do mysterio que o condiciona.

— Não te comprehendi...

— Nem eu, tambem, sei ao certo o que quero dizer-te. Apenas sinto o que estou dizendo, por isso que não ha, nunca houve nem haverá uma interpretação logica para a complexa phenomenalidade de todo amor que ultrapassou a nossa animalidade.

— Que ultrapassou a nossa animalidade?

— Sim, filhinha... Que se tornou expressão de sentimento e de belleza, força de illusão e de fé, palpitação de mysterio e de infinito...

— Ah, o amor, fort comme la mort, dos poetas e dos romanticos? Já não sou tão ingenua para nelle acreditar...

— Por que?

— Porque em amor o sentido da "eternidade" responde a uma maior ou menor intensidade do nosso desejo...

— Agora, sou eu quem não te comprehende...

— Não? E's muito esquecido...

— Esquecido, por que?

— Porque sequer já não te lembras de que só quando o teu desejo, exaltado, faz a orgia de volupia do teu sangue, é que dizes amar-me eternamente, para sempre, para a vida e para a morte.... Depois...

— Depois?...

— O teu amor se faz banal como todos os amores saciados materialmente...

— E o lado espiritual do amor?...

— Espiritual? Queres dizer... sentimental, não é?

— Seja...

— Essa é a feição morbida, pathologica de todo caso passional.

— Mas sabes? estou achando esquisito, desconcertante, decepcionante, mesmo, tudo que estás a dizer.... E não sei a que queres chegar, francamente!

— Não? Terás medo?

— Medo? De que?

— Da verdade.

— Da verdade?

— Sim, da verdade, de dizeres franca, positivamente, o que sentes e o que eu sinto tambem!

— Mas, santo Deus, que é que suppões que devo estar sentindo?

— Que já não me amas...

— Eu? Estarás louca?

— Sim, tu que já não me amas como tambem eu já não...

— Ah! Comprehendo. Comprehendo-te! Completa tua phrase, sem receio. Então, porque querias dar-me a entender que já não me amavas é que vieste sentir que eu tambem não te amava? Bello expediente, recurso muito feminino! Estás saciada, cansada do meu amor, não é? E choras, agora, por que?

— Amo-te! Amo-te, mais do que nunca, apesar de sentir que te vou perder!

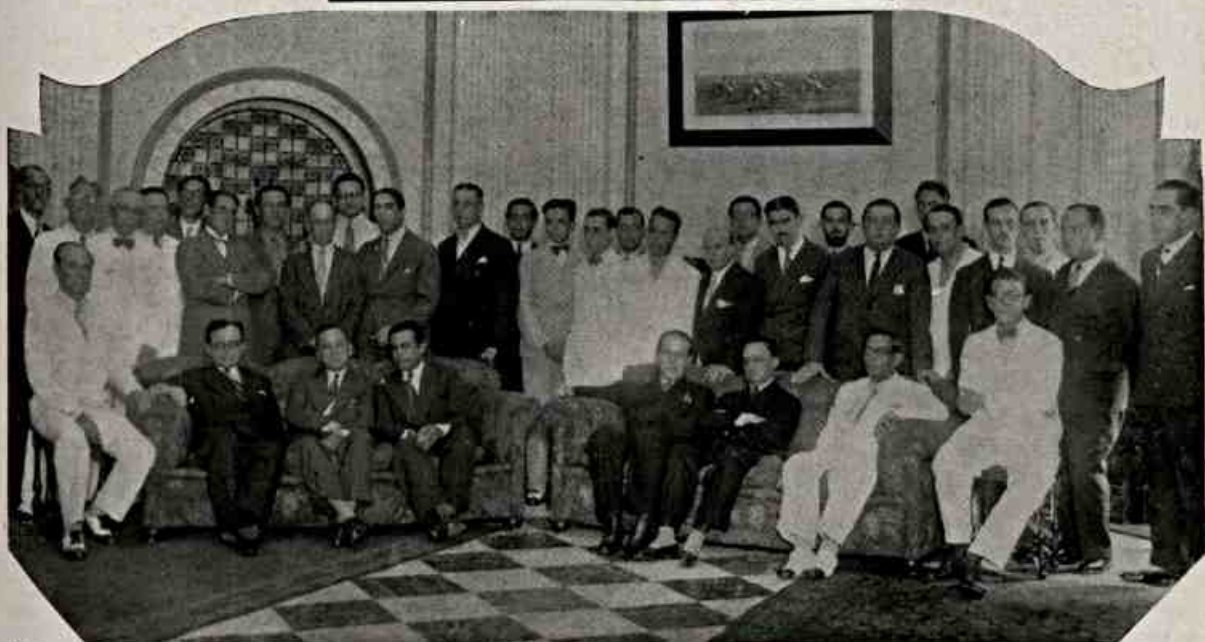
— Que me vaes perder, mas, filha, por que?

— Porque vaes afastar-te de mim; vaes para longe, para o esquecimento do nosso amor...

Os amigos do dr. Francisco Guimarães, o illustre cirurgião, cujo bisturi tem realizado verdadeiros prodigios, prestaram a s. s. uma carinhosa manifestação de apreço, na Casa de Saúde de que é director, por motivo da passagem de seu anniversario natalicio. Moço, embora, o dr. Francisco Guimarães é um nome que honra, sobremodo, a cirurgia brasileira, da qual é uma figura eminente, que se destaca pelo brilho da sua intelligencia, pelo seu alto valor profissional e pela finura que o caracteriza como homem de sociedade. Para nós do FON-FON, que temos no reputado facultativo um amigo dedicado e sincero, a data do seu natalicio nos é particularmente grata.

(Conclúe na pag. seguinte)

MAHADEUS DO SERTÃO

Que significam essas mysteriosas garatujas? perguntará o leitor, intrigado. E nós lhe respondemos: Não são garatujas, mas inscripções primitivas deixadas pelos povos desapparecidos na dura face dos granitos. Estas aqui foram photographadas num rochedo perto de Parnahyba, no Estado do Piauhy. Ellas abundam em todos os nossos sertões. Na India, denominam-nas «Mahadéus», porque as dedicam a Maha Deva, o Grande Deus. No seu recentissimo livro «Aquem da Atlantida», Gustavo Barroso escreveu com o titulo acima interessante e documentadissimo capitulo a respeito dessas gravuras prehistoricas. Fazendo a critica do volume em questão, Fabio Luz declara que só esse capitulo é sufficiente para o renome dum escriptor. Lendo-o, tem-se verdadeira idéa do alto significado desses petroglifos.

O sr. Manoel Ribas, intendente de Santa Maria e vulto de destaque da politica nacional, ultimamente nomeado para exercer as altas funcções de interventor federal no Estado do Paraná, seu torrão natal, de passagem pela nossa capital, recebeu as maiores homenagens dos amigos e admiradores, que assim traduziram a sua alegria pelo acertado acto do chefe do governo provisorio. O sr. Manoel Ribas, que é um caracter, um espirito dynamico, apparece na photographia, cercado de amigos, após o almoço que lhe foi offerecido no Jockey Club.

ALTO - FALANTE

(Conclusão)

— Para voltar amando-te muito mais, eu que sóe viver da tua saudade, Queridinha.

— E não vaes gostar de ninguem, não, de outra mulher?

— Não, não. E's, para mim, a somma de todas as mulheres que merecem ser amadas.

— A somma de todas ellas? Não. Não quero, assim. Prefiro ser somente eu mesma, pequenina e fraca, mas grande, grande demais dentro do teu amor!

Os sobreviventes da turma de bachareis de 1898 da antiga Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes do Rio de Janeiro festejaram com um almoço, no Automovel Club, o 33.º anniversario de sua formatura.

— Seja. Será assim...

— Um beijinho sim?

— De despedida, de adeus?

— De despedida, sim. De adeus... quem sabe?... Já disseste, um dia, que "nossas almas são um continuo adeus e um continuo amor".

— O nosso adeus, porem, queridinha, é um adeus de quem vae ali e diz apenas: "volto já, até logo."

— Amo-te!...

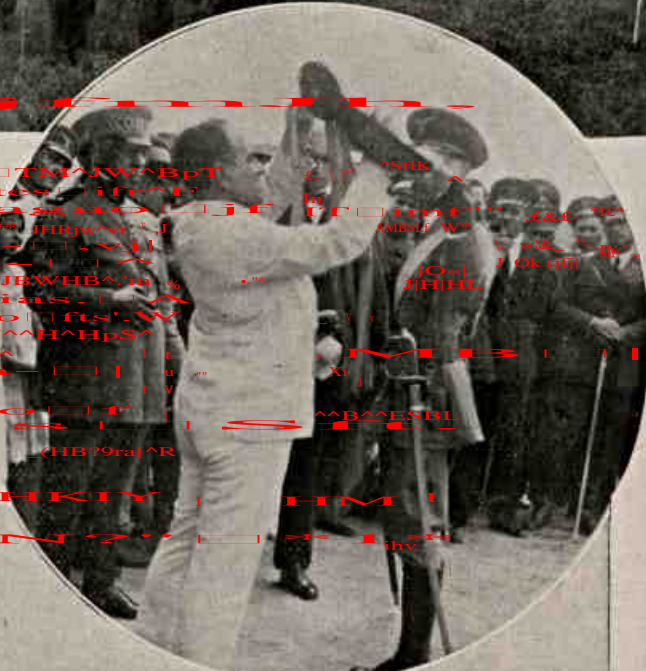
— Adoro-te!

— Olha, perdes o trem...

— Sim... Adeus...

— A d e u s, não. Até logo...

HELIANTHO

Com grande solennidade, realizou-se, segunda-feira, a cerimonia da declaração de aspirantes a official dos alumnos da Escola de Aviação Militar que acabam de terminar o curso daquelle estabelecimento. A essa cerimonia compareceram o chefe do governo provisorio, ministros de Estados, corpo diplomatico, altas autoridades do paiz, e innumeras familias. Na mesma occasião, o embaixador Vittorio Cerruti collocou ao peito dos aviadores brasileiros capitão Henrique Fontenelle e primeiros tenentes Francisco Mello, Araripe de Macedo e Wanderley Lavanere as condecorações com que foram recentemente distinguidos pelo governo italiano. A nossa pagina focaliza os aspectos mais expressivos da brilhante festa militar do Campo dos Affonsos.

Deixando o Campo dos Affonsos, o chefe do governo provisorio se dirigiu para a Escola Militar do Realengo, onde assistiu a idêntica ceremonia, que, como a da Escola de Aviação, decorreu brilhante sob a alegria da tarde de sol.

Nas Lojas Polar, á avenida Rio Branco, 131, foi festivamente inaugurada a secção de calçados para senhoras, comparecendo ao acto, de que damos ao lado um aspecto, distinctos elementos da nossa sociedade.

Um flagrante da «soirée» dançante que as Lojas General Eletric S. A. offereceram sabbado ultimo, no edificio de sua séde, aos seus auxiliares e familias. Compareceu á reunião, que decorreu animada e cheia de brilho, elevado numero de representantes de outras empresas de electricidade e da imprensa.

RUDYARD KIPLING E GUSTAVO BARROSO

O ultimo livro de Rudyard Kipling acaba de apparecer em Londres, editado por Macmillan & C.º, sob o titulo *A book of words*. Contem os melhores discursos pronunciados pelo grande escriptor entre 1906 e 1927. No capitulo XXX, *The spirit of the latin*, elle se refere á bella recepção que teve na Academia Brasileira. São seis paginas e nelas cita quatro vezes nominalmente a Gustavo Barroso: "Gustav Barroso has overwhelmed me with praise beyond my deserts"; "Barroso have spoken of the secular friendship betoween ours respective lands"; "Barroso told me that I should find myself among friends"; "I have also a personal right, at which señor Barroso has so elonquently hinted."

Gustavo Barroso, nosso companheiro, está de «parabens». Foi elle quem recebeu com um famoso discurso a Rudyard Kipling na Academia Brasileira. O mago do *Livro da Jángala* não o esqueceu e em seis paginas a elle se refere quatro vezes. E' quasi uma glorificação.

Parnahyba, prospera e florescente cidade do Piauhy, acaba de ser dotada de um moderno léprosario, o primeiro que se funda naquelle Estado. Deve-se essa obra, que é, a um tempo, de defesa social e de caridade christã, ao illustre clinico piauhyense dr. Mirocles Campos Veras, chefe do serviço da prophylaxia rural de Parnahyba, e medico distinctissimo, querido de todos pela sua sciencia e pela sua bondade, uma e outra a serviço, sempre, de todos os que lhe batem ás portas do coração. Nossa gravura mostra o primeiro pavilhão dessa obra benemerita, que se chama Fundação «São Lazaro», e, no medalhão, a photographia do dr. Mirocles Veras, que acaba de, juntamente com outros elementos grados da sociedade parnahybana, fazer jús, mais uma vez, á admiração e ao reconhecimento dos seus coestaduanos.

Era o idolo de todas as mulheres.

«O BEMZINHO DE TODAS»

DA PARAMOUNT

Com William Powell, Kay Francis, Carole Lombard

A preferida... no momento.

No grande e luxuoso Hotel Metropole, onde residiam muitos millionarios, estava hospedado o elegante Jamie Darricott, um rapaz sem occupação definida, que freqüentava a alta sociedade, sem a ella pertencer. Sua vida era um tanto mysteriosa e dava que falar aos empregados do hotel, os quaes commentavam seu modo de trajar, seus passeios em automoveis que não lhe pertenciam e até as dividas que tinha. Mas, apesar de Jamie estar devendo ao dono da estante de jornaes vinte e oito dollars e ao da de cigarros quarenta dollars, elles não lhe cortavam o credito, porque o rapaz, na opinião delles, não tinha cara de caloteiro.

Nessa noite estava Jamie em casa do banqueiro Horacio Fendley, que adorava sua esposa Helene e dedicava grande amizade a sua filha Rachel e ao seu filho Tony.

— Meu filho, disse o banqueiro, nós vamos trabalhar. Os banqueiros austríacos estão á nossa espera.

— Isto é demais! replicou Helene. Tu tens que acompanhar-me ao Theatro Lyrico, meu marido, e eu não quero que tu trabalhes de noite.

— Helene, eu não te acompanho porque não posso.

— Recusas? Já é a segunda vez esta semana.

— Se nosso filho Tony tem que me substituir no Banco, precisa praticar muito. Vamos, Tony.

O banqueiro retirou-se com o filho, Helene foi para um canto da sala e Rachel aproveitou a occasião para conversar com Jamie.

— Ainda está sendo muito requestado, sr. Darricott?

— Requestado?... que quer dizer, dona Rachel?

— Quero dizer, caro sr. Darricott,

Trocavam olhares de odio!...

que toda a gente sabe que você tem muitas... pretendentes!

— Ora, não acredite no que diz... toda a gente!

— E como evita você tantas tempestades de amôr?

— Ora, dona Rachel, minha pequenez não entra em conta!

— Desculpem-me interromper, disse Helene, aproximando-se, mas eu acho melhor jantarmos ás sete e meia para chegarmos a tempo ao Theatro Lyrico.

— Que bôa idéa! exclamou Jamie. Só assim veremos o primeiro acto de opera «Tosca».

— Minha mãe, interveiu Rachel, eu não quero ir ao theatro. Bôa noite.

— Então, sr. Darnkott, não recuse acompanhar-me, disse Helene assim que ficou só com elle.

— Não recuso! Pelo contrario, o prazer vae ser todo meu.

— E depois da opera poderemos ir cear.

— Será um grande prazer para mim! Mas deixe-me admirar este seu quadro. Se não me engano, representa a Imperatriz Catharina, da Russia, com o celebre Potiemkin.

— Ah, sim, é um dos meus quadros favoritos, mas elle conheceu Catharina demasiado tarde.

— Melhor para ambos, se ella não o tivesse conhecido.

— Ella fez delle um grande homem, affirmou Helene.

— E elle fez della uma dama feliz. Que mais póde desejar um homem? Para mim, isso seria uma gloria! Aqui ao seu lado, por exemplo, eu só anseio por um lar!

— Mas de que serve um lar sem amôr?... perguntou Helene.

— Dizem os entendidos que o amôr sempre vem depois.

— Mas já é tarde para irmos ao theatro... Eu prefiro conversar... e se pudessemos ir para o seu hotel...

— Não é possivel, exclamou Jamie. Eu cedi o meu quarto a um amigo.

— Então ouça, eu conheço um logar onde poderemos estar sós.

* * *

No dia seguinte de manhã Jamie foi a uma loja de jóias e vendeu tres pulseiras ao dono por seis mil dollars. O joalheiro deu-lhe um chéque dessa quantia e Jamie foi directamente para o Hotel Metropole onde residia.

Minutos depois entrou na joalheria um homem, que pelos seus modos decididos, denotava ser um policia secreto.

— Deixe-me ver essas pulseiras, ordenou elle.

— Pois não, redarguiu o joalheiro, mas saiba que eu não as comprei de um ladrão. E' certo que o homem que m'as vendeu não tem uma posição definida nesta cidade, mas elle não veiu aqui pela primeira vez. Ha muito tempo que o conheço e tenho a certeza de que as donas das jóias não se queixarão, porque estão apaixonadas por elle.

— Mas o appellido desse homem é «O Bemzinho de Todas» e é por isso que eu estou aqui.

— Garanto-lhe que você nada tem a temer, proseguiu o joalheiro. Eu sei o nome da mulher que lhe deu as pulseiras. O pagamento vae ser feito em um chéque e quando elle o endossar para poder receber o dinheiro, eu fico garantido. Todos nós sabemos que um endosso num chéque equivale a um recibo.

— Tanto melhor para você e para mim, disse o policia, sorrindo. Não farei mais investigações. Adeus.

Entretanto, Rachel Fendley foi para o Hotel Metropole e quando Jamie entrou, perguntou-lhe:

— Está admirado de me ver aqui?

— Sim e não, respondeu Jamie.

— Minha tia Mabel adoeceu e minha mãe foi tratar della...

— E você, formosa Rachel, veiu substituil-a...

— E o que minha mãe pensaria se pudesse ver-me...

— Mas a substituição não me desagrada...

— Mentiroso! Todos sabem que você

(Conclue nas pags. 52 e 53)

Os percalços da vida de d. Juan.

CONFISSÕES DE UMA JOVEN

Com Phillips Holms, Sylvia Sidney, Norman Foster, Claudia Dell, etc.

Uma recordação dos bons tempos universitarios.

NAQUELLA manhã de sol, como que levada por uma indizivel saudade da sua vida de estudante, Patricia fôra arrancar do seu gavetão o velho diario que ha quatro annos alli dormia o somno do esquecimento. Quanta vida, quanto projecto fanado, quanto sonho desfeito lhe não rememoram as paginas do seu diario dos tempos de estudante! Os seus dedos, num automatismo guiado pela vontade de lembrar, vão desdobrando tremulos as paginas do album. Aqui está um trecho escripto ás escondidas — depois daquelle seu primeiro encontro com Dan; ali uma inscripção, recordando uma festa, um pic-nic, um passeio pelo parque da escola... E, na pagina final, aquelle remate de tudo: "Aqui está a minha historia, tal como a escrevi, dia a dia... E' a historia da minha vida na Universidade e depois que de lá sahi"...

Patricia fecha os olhos para vêr melhor esse desdobrar de quadros. E se embriaga... porque recordar é viver...

Vê-se requestada por Daniel Carter, Dan como lhe chamavam todos os collegas. De um lado, a querer attrair-lhe o namorado, está a loura Peggy, louca por descobrir um marido entre os estudantes. E do outro lado, a querer disputar-lhe as attenções que se focalizavam em Dan, o grande amor de Hal, com quem finalmente casára...

Mas, para Patricia tudo isto parece um sonho, um sonho que ainda continua, esbatido e tênue...

Mais uma vez, para mergulhar nesse jardim de lembranças, Patricia abre o album. Os seus olhos dão com aquella passagem, escripta nos primeiros dias de escola: "Por fim encontrei o meu ideal! E' um nobre rapaz differente da maioria dos estudantes..."

Ahi está o que ella então pensava de Dan, cuja plastica de Appolo tanto a enganara! A elle dera toda a sua alma, naquelle dia, ao fugirem dos collegas e indo os dois pernoitar na cabana do guarda-floresta, ambos doidos de amor.

A casa tão quieta, o fogo a crepitar na lareira... Ali dentro, elles dois, só elles, donos um do outro, e lá fóra o campo coberto de gêlo e o vento que sacudia as arvores, fazendo-lhes estalar a crosta... Depois a volta á Universidade... O susto de ser descoberta...

E dias depois, recebida a queixa do guarda-floresta, cuja casa apparecera violada, a chamada dos estudantes ao gabinete do reitor, para se apurar a verdade... A culpa recáe sobre Dan... Alguém vira-os entrar e levara a queixa ao director. E num esfumilho mais triste, Patricia relembra a expulsão do amigo, de maleta em punho, ao apanhar o omnibus a caminho.

Hal, o seu persistente admirador, voltára a fazer-lhe a côrte... Mas como poderia ella acceitar-lhe os protestos de amor?

A interferencia de Peggy livrára-a da difficuldade... Aquella carta, que escrevera entre lagrimas, e que Peggy se encarregára de levar a Hal, fôra o seu pedido de perdão e elle a acceitára como esposa... Sim, tudo aquillo lhe parecia um sonho... Um sonho suavissimo, sacudido de pesadêlos mais ardentes...

Patricia quêda-se em profunda scismar. Mais tarde, vem tirál-a dessa abstração a vóz da criada:

— Ahi está uma senhora que deseja falar-lhe... — Manda-a entrar, diz Patricia, como se soubesse de quem se tratava.

Chega Peggy, e depois dos cumprimentos, fere Patricia o assumpto que mais lhe interessa:

— Escrevi-te para vires aqui, Peggy, porque quero que me expliques uma coi-

Era o seu homem-ideal.

As suas rivaes.

sa: Que fizeste daquella carta que, por conselho teu, eu escrevi para que a fôsses entregar a Hal?

— Queres que eu seja franca? Deitei-a ao fogo... Se eu lha tivesse entregue, elle não estaria hoje casado comtigo...

— Queres dizer que Hal nunca soube do meu estado e que só por isso casou commigo? Pois vou dizer-lhe tudo esta tarde, quando voltar do escriptorio! Não posso, não devo continuar a enganál-o vilmente, como ha quatro annos tenho feito!

— Se lho dizes destróes o teu futuro, Pat!

— E' o que a consciencia me pede: que lhe diga a verdade e prove que lhe escrevi uma carta, na qual lhe contava tudo, carta que tu nunca lhe entregaste...

* * *

No escriptorio do advogado Harold Smith, marido de Patricia, apparece um rapaz que precisa falar ao causídico. O empregado vae annunciál-o. O dr. Smith manda-o entrar. O visitante é Dan Cárter!

— Dan, de onde vens? Onde andaste?

— Estive no Brasil, desde que sahi da universidade. Desembarquei ha pouco. Lembrei-me de ti, porque me emprestaste 120 dollars, lembras-te? Pois aqui os tens, meu velho, diz Dan, entregando ao amigo o dinheiro.

Hal não se cansa de contemplar o amigo. Está mais homem, mais tostado do sol. E depois, dando ordem á sua secretária: — Telephone a minha mulher que eu levarei um convidado para jantar...

— Oh, então estás casado? faz Dan com admiração. Tenho inveja de ti!

— Pois pequenas não faltam, observa Hal.

— Só uma pequena me interessa... E como o amigo ficasse a olhál-o um pouco surpreso, pergunta-lhe Dan:

— Que noticias me dás de Patricia, aquella pequena da Universidade, a quem namoravamos?... Isto é, o namorado della era eu; depois que sahi, não sei se se teria voltado para ti...

— Oh, falas de Pat? Ah, sim, vive por ahi... informou Hal, querendo evitar a insistencia do outro.

— E se a convidasses para jantar comnosco? Mas não lhe digas que eu

(Conclúe na pag. 54)

Palavras de sincero amigo.

A Mulher Chic.

A Casa Jane France, de Paris, por intermedio do nosso serviço especial na capital franceza, cedeu a FON-FON a exclusividade dos desenhos das suas creações, que são executados pelos melhores artistas no genero e servem de modelo para as novidades da moda que aquelle estabelecimento lança no mercado elegante de Paris. Esta pagina reproduz os primeiros desenhos que nos chegam e que são os ultimos modelos de chapéos lançados pela Casa Jane France.

Novidades Literarias

Jean Fayard, o detentor do Premio Goncourt de 1931, cedeu o montante de tal premio á sociedade "Cinquant cinq" creada especialmente para soccorrer os literatos pobres e que se achem na miseria.

Emil Ludwig, o famoso romancista allemão, acha-se actualmente na Russia, realizando uma *enquête* literaria. Os jornaes allemães fazem longos commentarios a proposito dessa visita do "mais independente" dos escriptores allemães á Republica dos Soviets. Alguns chegam mesmo a prophetizar um sério conflicto entre os governos allemão e sovietico, logo que essa *enquête* seja publicada.

Pol Neveux, prefaciando uma nova edição de *La maison dun artistex*, de Edmundo Goncourt, que vem de apparecer com enorme successo, traça um bello estudo sobre a vida e os costumes do famoso literato francez. Goncourt era um apaixonado dos bibelots, possuindo uma das mais b e l l a s collecções da Europa. Neveux recorda que, visitando o seu mestre e amigo, lhe deu a conhecer a sua vontade de tambem collecionar bric-a-brac, ao que Goncourt lhe respondeu: "Jeune homme, je vais vous donner un bon conseil: Si vous collectionez, chaque fois que vous serez tenté par un objet d'art, par un bibelot, dites-vous bien, avant d'en décider l'achat: Suis je capable de vivre avec lui, de le garder devant mes yeux et de l'aimer jusqu'à ma dernière heure? Croyez-moi, il n'existe pas d'autre pierre de touche."

Acabam de erigir, no cemiterio de Bolzano, no Tyrol italiano, um monumento a Aimée Dostoievsky, filha e biographa do grande escriptor russo, e que morreu na mais negra miseria, em 1926, em um Sanatorio de Gries. Um comité tinha sido fundado em Vienna para a erecção desse monumento, mas os seus trabalhos foram inuteis, pois o governo italiano e a Communa de Bolzano tomaram a iniciativa do mesmo.

A primeira edição collectiva das obras de Shakespeare, publicada depois de sua morte pelos seus amigos, e que é designada por *First Folio*, é uma das mais raras que possúe o mundo bibliographico, conhecendo-se apenas 3 dellas em todo o mundo. Uma dellas, proveniente da bibliotheca J. T. Adam, foi vendida recentemente em leilão, tendo sido adquirida pelo bibliophilo americano Gabriel Wells, por 1.800 libras esterlinas.

Um par de pantufas, que pertenceu a lord Byron, vem de ser offerecido á Escola de Harrow, onde o grande poeta fez os seus estudos. A offerta foi feita pelo capitão J. S. Redmayne, que o havia herdado de seu avô, o almirante Studdert, que como intimo de Byron, foi seu hospede em Athenas. Essa preciosa dadiva vae fazer parte da sala da bibliotheca da mesma escola dedicada ao seu antigo e celebre alumno e onde já se encontram o seu primeiro relogio, as suas pistolas e alguns dos seus manuscriptos.

Acaba de fallecer, aos 85 annos de idade, o escriptor francez Edouard Grandés, figura de grande relevo na geração passada, amigo intimo de Hugo, Lamartine, etc, e autor do melhor livro historico sobre o theatro francez.

Em Bedford, na Inglaterra, por iniciativa do governo, acabam de inaugurar uma placa na casa onde nasceu o romancista Mark Rutherfort, pseudonymo de William Hale Withe, para commemorar o centenario de seu nascimento.

No dia 23 de dezembro ultimo, promoveram-se, em Londres, grandes festas literarias para commemorar o 2.º centenario do nascimento do grande poeta Michael Drayton autor de *La Guerre des barons* e *Polyalbion*, e que se acha enterrado na Abbadia de Westminster, o Pantheon Nacional Inglez.

Livros que acabam de apparecer

— «Le Jeudi Saint», catholicismo, por François Mauriac. (Flammarion, editor).
— «Les epigrammes de Martial», trad. de Pierre Richard, 2 vols. (Garnier, editor).
— «La vie surhumaine de Guesarde Ling», por David Neel e lama Yongden. (Adyar, editor).
— «Les poesies lyriques de Petrarque», estudo documentado sobre Petrarca e o petrarcaismo na Italia, por Henri Hauvette. (Malfére, editor).
— «Les indifferentes», romance, por Albert Moravia. (Rieder, editor).
— «La fin des aventures, guerre et paix», por Guglielmo Ferrero. (Successor. Rieder, editor).
— «Lettres a un ami», por Rabindranath Tagore. (Successo. Rieder, editor).
— «Tante Joujou», romance, por Mme. Gyp. (Grande exito. Calmann Levy, editores).
— «Malikoko, president de la Republique», viagem, de Bernard Pierre. (Ed. de France).
— «Ninette, jeune Mariée», romance, por Mme. Eveline la Maire. (Fayard, editor).
— «Barnavaux et quelques femmes», por Pierre Mille. (Calmann Levy, editores).
— «Histoire comique (nova edição), de Anatole France. (Calmann Levy, ed.).
— «Bertran de Born», peça em 4 actos, de Charbonell. Illustrada. (Fayard, ed.).
— «Rose Beaulieu, Canadienne», romance, por Victor Forbin. (Baudiniere, editor).
— «Le canal des deux mers», politica economica, por R. Castex.(Valois,editor).
— «Hommes de mer français», historia, por Meade Mir.nigerode. (Payot, editor).
— «Les lettres philosophiques de Voltaire», por Albert Lantoine. Malfere, editor).
— «Le Fuyard du Kremlin, por Sven Adelon. (Editions des Portiques).
— «Le ler. Mysterieux, souvenirs de guerre d'un legionaire suisse», por M. G. Jean Reybaz. (Barry, editor).

Um telegramma de Londres annuncia que, em um desastre de avião, acaba a China de perder o seu maior poeta. Su-Tsi-Mu, conhecidissimo em França e Inglaterra, onde as suas obras, traduzidas, gozavam de grande conceito pela sua enorme e profunda can dura e philosophia. Su Tsi-Mu foi quem introduziu na lingua chineza as obras de Shaskepeare, Voltaire, Tagore e varios classicos francezes e inglezes. Tanto os jornaes inglezes como francezes dedicam largos estudos sobre a personalidade do grande poeta.

O numero de livros publicados na Inglaterra, de 1.º de janeiro a 30 de novembro ultimo, attinge a 14.134. Comparando-se essa cifra á realizada no mesmo periodo de 1930, vê-se uma diminuição de 821 livros.

"Mme. de Sévigné fut accueillie dans cette maison par Louis Bergier, notaire royal, le 22 juillet 1682, alors que, descendant le Rhône, son bateau, surpris par une tempête, fit naufrage." Assim está redigida a placa de marmore que o governo francez vem de inaugurar no angulo de uma casa, no cáes do Rhône, para commemorar a passagem de Mme. De Sevigne por Tain l'Hermitage.

Após a catastrophe da Bibliotheca do Vaticano, onde desappareceram documentos admiraveis, eis que nos annunciam os jornaes que um formidavel incendio destruiu uma grande parte da famosa bibliotheca da Universidade de Joannesburg, onde mais de 35.000 volumes e inumeros documentos de alto valor historico foram destruidos.

Mme. Blanche Messis annuncia em um dos ultimos numeros de *Comoedia*, que vão ser editados em França as *Escripturas Sagradas do Budhismo*, pela primeira vez reunidas em livro, sendo os originaes, todos, escriptos em folhas de "lataniers". O conjuncto dessa formidavel obra representará 90 volumes in-8º, de 600 paginas cada um e encadernados em "toile" amarella, que é a côr sagrada!

O professor italiano, Peano, de Turim, terminou um longo trabalho sobre uma nova lingua, que será apresentado a julgamento do Cenaculo Italiano, e que o seu autor chamou de "*Interlingua*" ou "*Latin sem inflecção*", adoptando, annuncia a longa exposição feita pelo mesmo, todas as palavras communs aos vocabularios inglez, francez, allemão, hespanhol, italiano, portuguez e russo, tendo por base o vocabulario latino, modificado, em grande parte, na sua syntaxe e expurgado de suas declinações. A titulo de curiosidade, transcrevemos aqui uma citação na "*Interlingua*". — "Qui desidera vade ab uno loco ad altero, si distantia es nimis longo pro ambulo, vade per medio mechanico de transportatione. Breve itinere in civitate, et inter civitate et suburbio, es per taxametro, tram et omnibus qui recipe viatore ad vario loco de via." — A "*Interlingua*" se propõe a ser a lingua universal...

Acabam de ser descobertas seis composições musicaes "menores" de Richard Wagner, até hoje de existencia completamente ignoradas. São composições exclusivamente de musicas militares, escriptas pelo grande compositor, nos seus ultimos annos de vida, para o 6.º Regimento Bavaro, cuja caserna era em Beyruth. Esses manuscriptos, feitos a lapis, acham-se em poder de uma familia de Munich, descendente do ultimo chefe da banda musical daquelle regimento, que ignorava completamente o seu valor.

A revista Parisiense *Manuscrit Autographe*, que já reproduziu *Psyché* e o *Journal Inedit* de Pierre Louys, inicia agora a publicação de novos ineditos daquelle escriptor: *Notes et brouillons de Bilitis*, *notes et brouillons de Chrysis*.

BRICIO DE ABREU

Livros que acabam de apparecer

— «Suite espagnole», viagem, por Francis Carco. (Successo. Editions de la Belle Page).
— «Crime», por Hans Christian Andersen. (Exito. H. Piazza, editor).
— «Le bonze et le pirate», romance, por E. Pujarniscle. (Plon, editor).
— «Isis abandonée», versos, por Marcel Diamant-Berger. (Editions clarteistes).
— «Pages choisies de Gerard Lecaze Duthiers». (Lib. F. Piton, editora).
— «Les armes reposées», romance, por Pierre Chanlaine. (Tallandier, editor).
— «Histoire de Babar. (Para creanças), por J. de Brunhoff. (Edição do Jardin des Modes).
— «Crime et chatiment», nova edição, de Dostoyevski. (Bossard, editor).
— «Le drame de Varennes», historia, por G. Lenotre. (Mame, editor).
— «Une aventure á Venise», romance, por Bruno Frank. (Trad. Payot, editor).
— «Forçats», relatos de prisão, por Albert Crémieux. (Nouvelle Société d'Editions).
— «Journal de Voyage de Michel Seigneur de Montaigne», por Pierre d'Espezel. (Cité des livres, editora).
— «Suetone: Les douze Cesars», nova trad., de Maurice Hati. (Garnier, editor).
— «Argentine», romance, por J. H. Rosny Jeune. (Successo. Editions des Portiques).
— «Les vignobles et les vins d'alsace», agricultura, por Brunet. (Bailliére, editor).
— «Biologie de l'invention», por Charles Nicolle. (Alcan, editor).
— «Soins á donner aux animaux» (Chiens, chats, oiseaux), por Lepinay. (Bailliére, editor).
— «Mariage de la Tour Eiffel», romance, por Le Campion. (Boinvin, editor).
— «Chevalière», por Joseph Bédier, da Acad. Franceza. (Mame, editor).
— «Le dieu rêveur», romance, por Basil Carey. (Tra. Plon, editor).

CARIDADE

— Onde está a realidade da vida?

Fizéra aquella pergunta após um largo silencio doloroso.

Era o seu quarto, talvez, o peor daquella casa de commodos. Descia-se um degráo e a porta, além de baixa, era a unica abertura existente. Pelas paredes, alguns pregos, roupas velhas e, a um canto, debaixo de uma vastissima teia de aranha, papeis, telas, ainda roupas, caixas, sapatos rasgados, uma infinidade de objectos deploravelmente mofados, perfeitamente imprestaveis. A cama era de ferro, mas tinha o lastro gingando lá no fundo. Cobria-o, em parte, um acolchoado sebento e, no travesseiro, ao alcance da mão, fazia ás vezes de lenço um panno branco e já humedecido.

O seu rosto reproduzia a fórma geral do ambiente, revelando em tudo a pobreza e o descuro do seu dono pelo que lhe pertencia. Uma barba, inculta e áspera, dava mais relevo á sua magreza transparente, em que as olheiras roxas e profundas punham um tom triste de missa de finados.

Vestia-o uma camisa suja, deixando á mostra os ossos do peito. As mãos não destoavam do quadro geral, com as unhas longas de orlas negras.

E elle me disse que tivéra collegas de opiniões tão diversas! Uns eram pessimistas obsecados, scépticos literarios, construidos com a pedra e a cal de alguns trechos de Schopenhaeur e enfeitados com os florões e arabescos de Vargas Vila. Outros optimistas, optimistas literarios, iguaes aos primeiros, tão risonhos e alegres como elles. E os idealistas, e os catholicos e os atheus e os positivistas os materialistas, todos impressionados com a sonoridade do seu rotulo, tão nullos na materia como os primeiros, como os ultimos, como os homens em geral. Rapazes que liam pouco e sonhavam muito. Sociologicamente, discutiam sobre todos os logares communs da politica.

—Tudo banalidades!

E a vida, que bem pouco conheciam, era multipla e disfórme, variando para cada um a sua realidade indefinida...

—Ria-se, moço, que faz bem. Tambem fui assim; tambem, como você, essas coisas tão batidas e repizadas haviam sempre de provocar-me o riso; o meu riso superior de mais intelligencia...

Calou-se.

A sua observação era ironica e profunda e, á medida que a ia verificando verdadeira, cada vez augmentava mais, em mim, o meu embaraço...

— Mas o peor não é isto. E' a pobreza matando as illusões, é o dinheiro matando os ideaes.

E mostrava-me um monte de telas velhas, começadas umas, terminadas outras, mas todas igualmente roidas dos ratos e da sujeira. Não tinha dinheiro, não teve nome, nem siquer foi recebido. Ficára de fóra, na chuva e no vento das desillusões...

— Sabe o que é lutar? Que não, que eu não podia comprehender, porque quem estava em baixo não haveria de cahir nunca. Faltava-lhe o ideal, faltava-me tudo.

— Que angustia pensar que se falhou! E cahir e falhar, desanimar, e medonho, mais do que toda a imaginação possivel! A gloria é difficil para os pobres e, no emtanto e tão linda a sua roupazem!

Mas qual! Talvez que, como a chimera de Machado de Assis, fosse feita de farrapos, escarninhos farrapos de illusão que se diluissem.

— Mamãe, eu vi "Seu" Alfredo beijar a maninha.

— Não ha mal algum, meu filho: elles se vão casar na proxima semana.

— E quando é que papae se vae casar com a empregada?

E assim, era esta a tragedia obscura dos vencidos que formam o grande mar da mediocridade humana!... Riu-se.

— Ah! e sou eu quem quer fugir á ridicularia das phrases feitas! E' bôa!

Estava exhausto. Mudou de posição. O que disse depois veiu arrastado, soffrido, dolorosamente pronunciado.

No emtanto, não fôra um desgraçado, porque teve e foram muitos os seus momentos de alegria...

— Que diabo! Onde está a realidade da vida?... da vid... vi...

E a palavra foi cortada por um acesso de tosse.

Puxou o lenço. Escarrou.

Explodiu numa gargalhada dolorosa:

— A sua cara!... A sua cara!... Ia dizer-lhe tudo, mas depois. Fuja!... Fuja, que estou tuberculoso!...

De repente, parou e fechou os olhos. Devia ser bem triste a minha figura que taes exclamações lhe arrancavam E eu fazia um esforço, enorme e inutil, para sorrir de alguma fórma.

E elle ia me dizendo que a misanthropia, na verdade, consolava a gente: esconder-se dos outros, das suas banalidades, era bom e satisfazia ao nosso orgulho. Mas ser desprezado, ser expulso! E tudo por causa de uns miseraveis cerebros!

— Até amanhã. Já agora não quero que me aperte a mão, como fez á sua chegada. Até amanhã. Até nunca e vá para o diabo!... Poderia notar o seu constrangimento... Vá-se embora uma vez!

— Até amanhã, respondi, indeciso, estupidamente alliviado.

E sahiu do seu quarto, onde entrára movido pela piedade. Soubéra-o sózinho, sem tratamento e sem dinheiro: e como ora bom, pensava, claro é que haveria de auxilial-o.

Mas achei melhor, primeiro, lavar com alcool as minhas mãos.

JOSÉ DE QUEIROZ LIMA

OS ROMANCES

DE «FON-FON»

CONSTITUEM um bom passatempo, pelo muito que tem sua leitura de agradavel e instructiva. Seus enredos habilmente desenvolvidos pelo espirito creador do grande Michel Zévaco, que, admiravelmente, liga á parte historica aventuras de amor, e odios implacaveis, prendem a attenção do leitor, proporcionando-lhe horas de prazer. Essas obras interessantissimas, cuja collecção constitue um verdadeira thesouro literario, são traduzidas e editadas pela Empresa "FON-FON" e "SELECTA" S. A.

Michel Zevaco.

Na administração desta Empresa encontram-se as collecções de romances abaixo descriminadas que podem ser enviadas a quem as pedir, podendo as importancias respectivas serem remettidas em carta registrada com valor declarado, vale postal ou sellos do Correio, para a Empresa "FON-FON" e "SELECTA" S. A.

PREÇO DAS COLLECÇÕES:

OS PARDAILLAN, 12 fasc., 6$000, pelo correio 7$200 — EPOPÉA DE AMOR, 9 fasc., 4$500, pelo correio 5$400 — FAUSTA, 10 fasc., 5$000, pelo correio 6$000 — FAUSTA VENCIDA, 9 fasc., 4$500, pelo correio 5$400 — PARDAILLAN E FAUSTA, 8 fasc., 4$000, pelo correio 4$800 — AMORES DE NANICO, 8 fasc., 4$000, pelo correio 4$800 — O FILHO DE PARDAILLAN, 16 fasc., 8$000, pelo correio 9$600 — CAPITAN, 14 fasc., 7$000, pelo correio 8$400 — BURIDAN, 19 fasc., 9$500, pelo correio 11$400 — PONTE DOS SUSPIROS, 8 fasc., 4$000, pelo correio 4$800 — AMANTES DE VENEZA, 7 fasc., 3$500, pelo correio 4$200 — O CASTELLO SAINT POL, 9 fasc., 4$500, pelo correio 5$400 — JOÃO SEM MEDO, 6 fasc., 3$000, pelo correio 3$600 — HEROINA, 14 fasc., 7$000, pelo correio 6$400 — NOSTRADAMUS, 13 fasc., 6$500, pelo correio 7$800 — DON JUAN, 7 fasc., 3$500, pelo correio 4$200 — REI AMOROSO, 9 fasc., 4$500, pelo correio 5$400 — A GRANDE AVENTURA, 8 fasc., 4$000, pelo correio 4$800 — A DAMA DE BRANCO E A DAMA DE PRETO, 7 fasc., 3$500, pelo correio 4$200 — O RIVAL DO REI, 7 fasc., 3$500, pelo correio 4$200 — TRIBOULET, 8 fasc., 4$000, pelo correio 4$800 — PATEO DOS MILAGRES, 10 fasc., 5$000, pelo correio 6$000 — A RAINHA ISABEL, 8 fasc., 4$000, pelo correio 4$800 — PASSAVANT, 9 fasc., 4$500, pelo correio 5$400 — MARIA ROSA, 8 fasc., 4$000, pelo correio 4$800 — FLORES DE PARIS, 20 fasc., 10$000, pelo correio 12$000 — FLORINDA A BELLA, 5 fasc., 2$500, pelo correio 3$000 — O CONDE REI, 6 fasc., 3$000, pelo correio 3$600 — A RAINHA DO ARGOT, 13 fasc., 6$500, pelo correio 7$800 — O FIM DE PARDAILLAN, 8 fasc., 4$000, pelo correio 4$800 — O FIM DE FAUSTA, 8 fasc., 4$000, pelo correio 4$800.

Pedidos a EMPREZA FON-FON e SELECTA S. A.

RUA REPUBLICA DO PERÚ, 62 — Rio de Janeiro

adora minha mãe... excepto meu pae! Você receia passar uma noite aborrecida....

— Oh, uma noite só se perde depois de passada!

— Jamie, que tal acha o meu vestido?

— Rachel, você está pedindo um elogio!

— Sim, confesso que minha intenção foi essa! Mas... quando jantamos?

— Agora. Está com bom appetite?

— Eu proponho que o jantar e o theatro sejam os apperitivos desta noite... e o resto do menu será escolhido mais tarde. Ha muitos mezes que eu estou desejando substituir minha mãe.

— Brincalhona!

— Não estou brincando. Sua opinião mudará.

— Não creio. Você é muito imprudente!

— Por causa de minha mãe?

— Adivinhou!

— Minha mãe nada dirá! Eu vim aqui para dar-lhe um recado.

— Já sei. Sua mãe foi tratar de sua tia.

— Sim, e tambem vim dizer-lhe que o baile do meu debute social só começa ás dez, mas você póde ir para nossa casa ás nove... para ajudar-nos nas decorações...

— Com muito gosto... mas você

"O BEMZINHO DE TODAS"

(Continuação)

não veiu aqui para ter o prazer de me convidar...

— Jamie, tambem quero dizer-lhe que me custa occultar o affecto que tenho por você. Acha extranho que eu o ame? Faça-me feliz casando commigo... no meu proximo natalicio entrarei na posse de tres milhões de dollars.

— Isso é impossivel!... exclamou Jamie.

— Se me amás como eu te amo, redarguiu Rachel, isso não seria impossivel. Quando marcares a «Polonaise» com minha mãe no baile de sexta-feira, vou soffrer muito.

— Não pense nessa sexta-feira... pense sómente na melhor maneira de nos divertimos esta noite...

* * *

No baile do debute social de Rachel Fendley todos diziam que a debutante era realmente encantadora, mas a attenção de quasi todos os convidados tambem foi attrahida para a formosura da senhorita Norma Page que viéra da provincia para passar sómente alguns dias em New York. Jamie tambem notou sua belleza e Norma, apesar de tratar os outros amavelmente, nem sequer olhou para elle. Durante uma valsa, Norma perguntou ao seu par:

— Quem é aquelle homem?

— Chama-se Darricott, mas seu appellido é «O Bemzinho de Todas»... e actualmente é o «Bemzinho» de Helene Fendley! Quer conhecel-o?

— Talvez mais tarde...

— Jamie, vem cá! Desejo apresentar-te á senhorita Norma Page.

— Muita honra em conhecel-a, affirmou Jamie. Quer descansar e conversar um pouco? Não reside em New York?

— Passei aqui alguns dias. Volto para a provincia esta noite.

— Gostaria de mostrar-lhe a cidade, insistiu Jamie Darricott.

— E eu gostaria de vel-a, mas tenho que partir...

— Espere mais um dia. Poderá ver New York em vinte quatro horas.

— Meu modo de ver talvez seja differente do seu...

— Mas eu posso mostrar-lhe a differença, asseverou Jamie. Poderemos principiar jantando no majestoso Hotel St. Regis... iremos depois á Opera, e á meia-noite veremos a illuminação de New York de um aeroplano. Para conhecer bem New York é preciso vel-a, como a vê a lua! Iremos depois a um ou dois Clubs Nocturnos e voltaremos para casa ao amanhecer.

— Sim, disse Norma, e depois de

T R E Z E

O elegante Francisco José, tomando um trago de "rhum", sorrindo, contestou a opinião quasi geral dos seus amigos, que com elle festejavam, naquelle momento, a acertada nomeação do conhecido literato Frederico Torres, para o cargo de ministro plenipotenciario do nosso paiz junto ao governo de uma das republicas européas.

— Não, — disse elle, meneando a cabeça, — não penso da mesma fórma que vocês, pois a mim o numero treze só tem trazido sorte. Ademais, não creio na influencia que symbolos por nós ideados possam ter na immutavel e continua marcha a que estamos destinados fazer na estrada da vida terrena. Só acontece o que nos tem de acontecer.

— Francisco, — atalhou Adalberto, um mocetão louro, que, apesar da sua pouca idade, e devido exclusivamente ao seu rutilante talento, já fôra galardoado com o cargo de redactor de um dos melhores jornaes da capital, — você, um rapaz intelligente e culto, como nós todos reconhecemos sinceramente que o é, não se póde deixar levar pela corrente fatalista, que procura transformar o homem em uma machina conduzida á mercê do Destino.

— Oh! — retrucou, sorrindo ironicamente Francisco José, — nem tanto ao mar nem tanto á terra. Bem verdadeiro é para mim o adagio antigo que diz estar a virtude no meio de duas extremidades oppostas. Não sou fatalista, mas, confesso inclinar-me, acompanhando o pensamento moderno, a corrente que acceita como verdadeira a theoria do determinismo scientifico. Porém, meus amigos, parece-me que o debate de tal questão puramente philosophica e já mui descutida por todos aquelles que, com seu talento e engenho, esculpiram seus nomes no Templo da Humanidade, ficaria em grande desharmonia com um ambiente festivo e alegre como este. Todavia, escapando ao vasto campo da theoria, no qual com um pouco de rethorica e alguns sophismas bem architectados, se consegue provar que dois e dois são cinco, poderei, com factos materiaes, passados commigo mesmo, patentear, provar a minha these segundo a qual o numero treze, em absoluto, não é máu agouro, seguido de infelicidade e desgraça.

— Muito bem! Muito bem! — applaudiram todos.

Como se percebe, a questão tomára vulto e havia despertado interesse entre aquelles que a presenciavam.

— Melhor do que eu pensava, — aparteou novamente Adalberto, — apoio inteiramente as suas palavras e declaro mesmo que me darei por vencido, e adoptarei a sua theoria, caso consiga provar, com os factos que referir, a veracidade da mesma. Entretanto, não dispenso a prova de veracidade de suas asserções a respeito do numero treze, o qual consideramos agoureiro, pois vejo que nossos amigos se mostram grandemente interessados com suas affirmações e, como eu, teriam prazer em ouvil-o deduzir essas provas.

Todos, ao redor da mesa, acenaram a cabeça confirmando as palavras de Adalberto. Francisco José foi, assim, obrigado a acceder a esse pedido.

— Não me farei de rogado — disse elle, desde que foram vocês mesmos que me pediram os massassei com alguns episodios de minha vida. Contar-lhes-ei, sem rebusco e figuras literarias, factos que fizeram com que eu escolhesse para meu talismam justamente o numero treze, tão timido por vocês.

"Ha seis annos, — começou elle, — havia terminado os meus preparatorios e vim preparar-me, aqui na capital, para o exame vestibular, necessario á minha matricula na Faculdade de Direito. Dirigi-me a um hotel e pedi um quarto para minha estadia durante o tempo necessario ao meu preparo para esse

doze horas em sua companhia, a separação não será nada fácil.

— E depois do almoço, proseguiu Jamie, poderemos continuar nossa excursão até á hora da sahida do seu trem. Receia ficar cansada?

— Só receio por mim mesma. Ainda bem que minha tia ficará commigo até á hora da partida do trem.

— Tanto melhor! Telegraphe á sua familia, previna sua tia, e acceite o meu convite.

— Impossivel! Já arrumei as malas.

— Desarrume-as! Lembre-se de que perde uma bôa occasião para conhecer New York. Mas aqui vem sua tia. Não lhe diga nada.

— Então adeus!

E emquanto os outros dançavam, Norma despediu-se da dona da casa e regressou para seu hotel com a tia.

* * *

A formosa provinciana, porém, não partiu, e no dia seguinte Jamie mostrou-lhe New York, borboleteando pelas principaes casas de diversões da grande cidade, mas á noite, num luxuoso cabaret, o alegre par encontrou-se com Rachel Fendley, que fôra

"O BEMZINHO DE TODAS"

(Conclusão)

afogar suas magoas em champagne acompanhada pelo joven Peyton.

— Quantos cocktails já tomamos?... perguntou-lhe ella.

— Não sei! Perdi a conta, respondeu Peyton meio ebrio, mas acho que foram mais de seis.

— Você só sabe contar até seis, resmungou Rachel entre dentes demonstrando assim que tambem estava embriagada.

— Queres dançar?... inquiriu Peyton.

— Quero, mas não posso! Perdi o... equilibrio!.

— Peyton, não se esqueça que você apostou um milhão de dollars como casaria commigo!

— Sim, Rachel, e sustento a aposta.

— Então passe para cá o dinheiro, porque você perdeu a aposta pela simples razão de que eu recuso seu pedido de casamento.

— Mas eu aposto outro milhão como hei de casar com você!

— Allright, mas primeiro pague-me o milhão que você perdeu na primeira aposta. Mas que vejo! Lá está Jamie como a tal Norma Page! Vamos falar-lhe...

— Eu te acompanho, declarou Peyton.

— Jamie, exclamou Rachel sentando-se ao lado de Norma, você fez bem em não convidar minha mãe porque meu pae foi ao theatro com ella. Tome cuidado, Jamie, não continue a fazer a côrte a minha mãe... e quanto a você, Norma, só tenho a agradecer-lhe por estar esta noite fazendo companhia a Jamie, e se você o separar para sempre de minha mãe, garanto-lhe que dou uma pensão vitalicia!

— Rachel, queres fazer-me um favor?... perguntou-lhe Jamie.

— Só um?... interrogou Rachel estupefacta.

— Vae para tua casa e leva Peyton, porque nós já nos vamos embora.

E dito isto, Norma e Jamie sahiram do cabaret precipitadamente.

* * *

«O Bemzinho de Todas», estava em uma situação periclitante. Tres mulheres, Helene, Rachel e Norma disputavam seu coração.

---

exame. Dias depois, recebi a visita de minha bôa tia Maria, que me reprehendeu severamente por estar morando no quarto numero treze. A principio, fiquei na verdade receioso, pois, naquelle quarto, eu devia preparar-me para um dos passos mais delicados de minha vida. Por fim, dominei-me. Tratava-se de um quarto espaçoso, claro, bem arejado e, portanto, bom. Passaram-se os tempos, chegou o dia do meu exame e, ao ser chamado para as provas oraes, com assombro, verifiquei ser eu o decimo terceiro a prestar exame, naquella manhã. Mas, grande foi depois a minha alegria, ao sahir-me magnificamente bem, tendo sido approvado com distincção. Mezes mais tarde, ganhei de meu pae uma "barata" de luxo. Vocês devem lembrar-se — aquella pintada de branco, com os metaes dourados. Pois bem; quando fui á Prefeitura tirar-lhe uma chapa, scientifiquei-me de que o destino me reservára novamente o numero treze. A principio, fiquei receioso em acceitál-o; comtudo, lembrei-me que tal numero já me havia favorecido num dos transes mais decisivos de minha carreira, e acceitei-o. Como era natural, logo depois, viajando nessa "barata", fui visitar minha familia, a qual, por essa occasião, ainda residia no interior do Estado, e agradecer-lhe tão magnifico presente. Pelo caminho, tinha de atravessar os trilhos da estrada de ferro, em um ponto em que tanto a estrada de rodagem como aquella tinham sido feitas em córtes sobre um morro, o que impedia se visse a approximação dos trens, naquella encruzilhada. Ao acercar-me da linha, uma força estranha fez com que eu brecasse o carro, parando-o repentinamente a uns quarenta centimetros antes de attingil-a. Nesse momento, como uma setta preta, o gigante de aço, arfando, cortou velozmente a estrada, salpicando-a com fagulhas douradas. Foi enorme a minha emoção. Senti ter nascido novamente e desde então elegi esse numero para o meu port-bonheur". Affirmo-lhes ainda ter, com a minha "barata" de chapa treze, feito optimas conquistas amorosas, tendo por varias vezes conduzido nella, ao meu lado, em passeios inesqueciveis, lindas garotas, que enfeitaram momentos encantados da minha vida."

Seria desnecessario dizer ter grande parte dos ouvintes abandonado suas velhas theorias a respeito desse numero, e Adalberto, apesar de meio incredulo, não deixou de cumprir com a sua promessa, declarando-se vencido deante dos factos reaes narrados pelo seu amigo. Era mais uma vez a realidade a despetalar a fantasia, que os homens sempre tecem a respeito de tudo que os cerca.

* * *

Cinco dias mais tarde, Adalberto, repousado em seu divan estylo persa, vestido com seu "robe-chambre" de sêda clara e macia, tendo ao seu lado uma artistica edição dos maviosos e encantadores poemas em prosa de Edward Carmillo, os quaes o deliciaram por momento, lia de um só folego, num dos jornaes da terra, uma triste noticia que attrahira a sua attenção e o commovêra profundamente. Estava assim redigida:

"Hontem, por volta das 2 horas da madrugada, foi assassinado a tiros de revolver, em sua residencia á rua Treze de Maio, numero 5, appartamento treze, o conhecido causidico e literato dr. Francisco José, pelo não menos conhecido engenheiro dr. Marcio de Almeida. Conforme se apurou mais tarde, o motivo do delicto foi uma questão de honra ultrajada. Sobre a escrivaninha, na qual, de bruços, jazia inerte e ensanguentada a infeliz victima, foi encontrada uma carteira de endereços, na qual se lia, á pagina treze: *Mme. N. de A. Alta, loura, olhos grandes e verdes. Labios rubros. Sentimental e vaidosa. E' a minha decima terceira conquista."*

FERNÃO DE ITARARÉ

SYMPHONIA

Lá fóra, a chuva cáe, impertinente e fina...

Teus olhos estão, hoje, mais velludosos e transparentes. Mais velludosos, porque foi mais suave a caricia de minhas mãos de sêda amachucando as pétalas de tuas faces.

Mais transparentes, porque, após a confissão que me fizeste, tudo em redor de nós se tornou mais alegre e mais bizarro.

Vestiram-se de tonalidades arco-irisadas as cortinas que descem do tecto como longas lágrimas rolando de uns olhos tristes de chorar. E o chão parece uma bocca amorosa que detergisse, num beijo, essas lágrimas, porque as cortinas terminam mal tocam o chão.

Aquella janella aberta, alli, parece uma alma sincera escancarada numa confissão de amor...

Além, a chuva fina chora um chôro estranho...

*

Ah! Estremeço ante a idéa de que, um dia, seremos velhos, seremos velhinhos e não teremos olhos para ver as coisas assim como as vemos, agora!... Tudo tão lindo!!

Junto ao divan que esculpturou as linhas fidalgas do teu corpo, a fumaça de um cigarro louro pincela curvas impacientes... Parece que ella é um desenhista que teima por fazer outra curva igual a uma que traçou...

Pobre fumaça desenhista! Jamais alcançará o que deseja! E como isso lembra o anseio humano!

Vê bem, minha linda boneca. Estamos ambos aqui neste recanto onde tudo é poesia. Déste-me as uvas aromaes do teu beijo e eu bebi o vinho do teu sorriso — doce como as tamaras do deserto...

Amanhã — apartados um do outro — talvez anseies pelo mesmo momento; talvez anseies rever esse chromo idyllico que vivemos, agora, um bem junto ao outro... Talvez eu sinta mais forte essa ansia, oriunda do meu delirio phantasista.

Dirás que é poesia. Poesia da imaginação...

Não sei...

Sei que, quando estou ao teu lado, sentindo isochronos os nossos corações, é que mais penso no afastamento, nesse proximo instante da separação...

*

Lá fóra, a chuva cáe, impertinente e fina...

Teus olhos estão tristes... Tem dois collares de violetas adornando-os.

Choraste, emquanto eu falava, dando expansão ao meu arrebatamento...

Sim, minha linda boneca! Dia virá em que seremos velhos! Uma árvore magestosa tem, pendentes dos seus galhos, cabelleiras verdes de fios tristes...

A Natureza illustrou assim os sonhos que se perdem na vertigem das horas, amortalhados pela poeira do occaso...

Oh! Como tremem as pérolas das tuas mãos nas conchas cariciosas das minhas mãos! Mas não tremas assim como um arbusto fustigado pelo vento!

Dia virá em que seremos velhos; enluaradas nossas cabeças venerandas.

E, si nos amarmos ainda com a vehemencia de nossas almas de hoje, verás que o crepusculo será lindo como uma noite de luar!

Pensa commigo: "A alma nunca envelhece; só o corpo fenece". Viveremos apontados pelos que nos virem, invejando a nossa perenne felicidade. Elles contarão uns aos outros pequenos trechos do romance do nosso amôr antigo — antigo porque foi ha muito tempo, mas ainda é o mesmo; ainda tem o mesmo sabor.

Seremos os personagens idyllicos das histórias lendárias de amôr...

— Basta que sejas sempre fiel; que te metamorphoseies sempre para que, em cada minuto, eu veja em ti outra mulher.

E, ante esse inéditismo, serei o teu dominador.

*

Mas não tremas, assim... Seremos felizes, minha linda boneca, vivendo essa alegria da recordação!

Paula Chaves

CONFISSÕES DE UMA JOVEM

(Conclusão)

cheguei, Hal. Gostaria de pregar-lhe uma surpreza bem pregada...

— Bem, é possivel que isso se possa arranjar, diz-lhe o amigo. Vamos, o automovel nos espera lá embaixo.

* * *

— Minha mulher, Dan... diz o amigo apresentando a esposa. Creio que vocês ainda se lembram um do outro, accrescenta Hal com um toque de amarga ironia.

Dan vira-se e dá de cheio com Patricia. — Mas, Pat! E os seus olhos encontram-se, despedindo reflexos directos, como laminas do mais puro aço.

O marido não póde por mais tempo suster o impeto de féra que lhe trava a garganta:

— Pat, é certo que tu e elle...?

Neste instante entre Dickie, o filhinho do casal:

— Allô seu homem! exclama o gury a olhar para o desconhecido. E depois de um instante:

— Eu gosto de você...

Os olhos de Dan e Pat se humedecem... Mas, como Hal repetisse a pergunta que ficara sem resposta, Patricia contem-se e responde:

— E' certo, sim... mas eu expliquei-te tudo numa carta que Peggy não te entregou...

— Não acredito!

— Depois disto, accrescenta Hal, julgo que o melhor seria conceder-te o divorcio...

— Sim, Hal, para que nos possamos casar — arrisca Dan numa phrase incerta...

— Pois não me divorciarei, entendem? E se me abandonas por elle — brada á mulher — has de arrepender-te! O teu filho ha-de sentir-se envergonhado de ti emquanto vida tiver, Pat.

— Não temas nada, adeanta Dan, tomando-a pelo braço. Aqui estou para levar-te commigo. Amo-te hoje mais do que nunca!

Hal dá um passo, mas se detem. — Dize-me uma cousa, Pat: Tu ainda o amas?

— Amo-o, sim, e se me negares o divorcio, isso de nada valerá, porque hei de amal-o sempre!

Os dois abraçam-se. Hal, como um louco, de olhos assombrados, mantém milagrosamente a sua calma, embora de punhos cerrados, como um homem que estivesse ás bordas de um abysmo. E num rictus de dôr e repassada ironia:

— Leva-a! Dou-a por perdida!

EVOCANDO

José Maria Senna

O amor é um sonho côr de rosa que se prolonga até o casamento. A's vezes, o despertar é ainda a continuação palpitante do sonho; mas, outras muitas, o despertar encerra uma desillusão. E os dois entes como condemnados, olham, abysmados, para as algemas que os acorrentam. Quebrál-as já não é possivel. E dahi se transformar a lua de mél em lua de fél. A mulher e o homem, unidos pelas leis sociaes, sentem-se separados pelas leis do coração, não subordinadas a preconceitos.

Wilfredo calou-se e fitou Maria Heloisa. Esta olhava, distrahidamente, os pares que passavam, dançando.

Houve um curto silencio. Depois, Maria Heloisa insistiu:

— Léa gosta de você.

— Acha? Talvez que ella propria se engane. Julga amor o que é apenas um capricho.

— Não. Tenho certeza! Ha quasi tres annos que espera por você.

— Admiro-me. Quando me enamorei de Léa, diziam que era a pequena mais volúvel da cidade.

— E' possivel que fosse... Mudou muito, porém. Faz pouco, appareceu um rapaz em Resplendor que tentou, obstinadamente, namorál-a. Aconselhámos á Léa que correspondesse ao moço. Irritou-se. Negou-se. Chamámol-a de tola. Affirmámos que você não mais se lembrava della. Nada conseguimos.

Wilfredo cerrou as palpebras e saboreou, com vaidoso prazer, o amor de que era objecto. Em seguida, disse:

— E' interessante a Léa... Si juntos, outra coisa não fazemos sinão brigar; longe, vivemos um com o pensamento preso ao outro. E depois...

— Depois...

— E' o arrependimento de havermos perdido tantas horas amaveis em inuteis rusgas, nascidas de futilidades... E' a saudade a arranhar os nossos corações... Uma recordação... Uma imagem que tem por pedestal o éther e que se dissolve, como a fumaça de um cigarro, ao sopro da viração...

— Oh! eu não o amo!...
— E por que o namoras, então?...
— E' que detesto a mulher delle...

Wilfredo, após ligeira pausa, proseguiu:

— De nossa separação, Léa foi a culpada. Abordára-a na rua. Perguntei-lhe não mais sei que. Deu-me ella uma resposta tão rispida, que determinou pedisse eu transferencia para outra cidade. Mais tarde, vim aqui para o Rio, onde me encontrava havia poucos dias, quando recebi um telegramma de Resplendor ordenando-me procurasse um meu intimo amigo na rua ..., n. ... Fui immediatamente ao local indicado. Imagine você qual não foi minha surpresa ao se me deparar a Léa ao envez do referido amigo. Este, de commum accordo com o signatario do telegramma, pregára-me a agradavel peça. Eu e Léa ficámos muito commovidos...

Wilfredo calou-se novamente. Maria Heloisa trincou entre os dentes o cabo de uma rosa vermelha, com que brincava, e interrogou:

— Não pretende você ir vêl-a?

— Acha que devo?

— E por que não!?

— Irei.

Um cavalheiro, approximando-se de Maria Heloisa, solicitou:

— A senhorita quer dar-me o prazer?...

Ella acquiesceu e voltou-se para Wilfredo:

— Com licença!

— Pois não!

Afastando-se Maria Heloisa, Wilfredo foi encostar-se ao vão de uma janella.

Lá fóra, chovia. Na sala, tocava a orchestra um tango argentino, suave e triste como um crepusculo de ouro, que extasia a alma de um poeta.

E Wilfredo evocou, saudoso, a vez primeira que dançára com Léa aquelle tango... "Viu" junto á sua, a cabeça loira de Léa a cujo ouvido sentira desejos de dizer, em surdina, as lindas phrases de amor que, agora, lhe voltavam aos labios, em revoada...

OS CABELLOS DE ANNA - MARIA

DE ANDRÉ ROMANE

O pintor Pedro Davoust, que estava passando uns dias de repouso em Demenil, vagava aquella manhã pelas ruas ensoleiradas da pittoresca cidadezinha.

Deante da porta aberta da "Taberna do Corvo", se deteve, estupefacto. Acabava de ver Anna Maria, sentada em uma cadeira, com seus esplendidos cabellos doirados soltos e quasi arrastando, e, ao seu lado, um homem, de thesoura em punho, parecia querer sacrificar aquelle formoso e régio adorno da joven.

Pedro Davoust entrou.

— Que vae fazer com Anna Maria? — perguntou o artista, mais afflicto que indignado.

— Nada de mão — disse o comprador de cabelleiras.

Anna Maria prorompeu em pranto.

— Mas o que o senhor vae fazer é um crime! — proseguiu Pedro, agora indignado.

— A senhorita é maior e sabe o que faz ao trocar seu cabello, que não tardará a crescer, por uma formosa nota de cincoenta francos. Não creio que perca nada com a troca.

— Cincoenta francos! E por essa miseravel somma lhe vende ella esse cabello magnifico?! Eu lhe offereço sessenta francos.

— Setenta — offereceu o negociante.

— Cem — tornou Pedro.

— A esse preço lhe cedo o logar — respondeu o outro.

E sahiu, deixando esquecidas suas thesouras. Anna Maria enxugára suas lagrimas com o dorso da mão.

Como o cão do bom Andersen, abria seus olhos, grandes e bellos, e suppunha estar sonhando.

Mas Pedro Davoust tirou uma nota de sua carteira e a depositou na mão da joven.

— Oh! E' muito! — balbuciou Anna Maria. — Mas acceito este dinheiro para comprar uma cruz, que usarei na Sexta-feira Santa. Minha mãe é muito pobre para ma comprar, e eu não ganho o sufficiente com meu trabalho de costureira.

Recuperára seu ar de resignação. Julgando que o pintor vacillava, e receiosa, talvez, de que mudasse de opinião, tomou as thesouras e as offereceu ao Pedro, não sem um estremecimento.

— Não, Anna Maria — disse o pintor. — Não cortarei teus formosos cabellos. Mas não te esqueça de que elles são meus e me pertencem, pois para isso tos comprei. Jura-me que não os venderás.

Anna Maria extendeu a mão e disse, gravemente:

— Juro-o perante Deus e os homens!

E, compondo os cabellos, sahiu, ligeira e contente.

* * *

No anno seguinte, Pedro Davoust voltou á localidade e foi procurar Anna Maria.

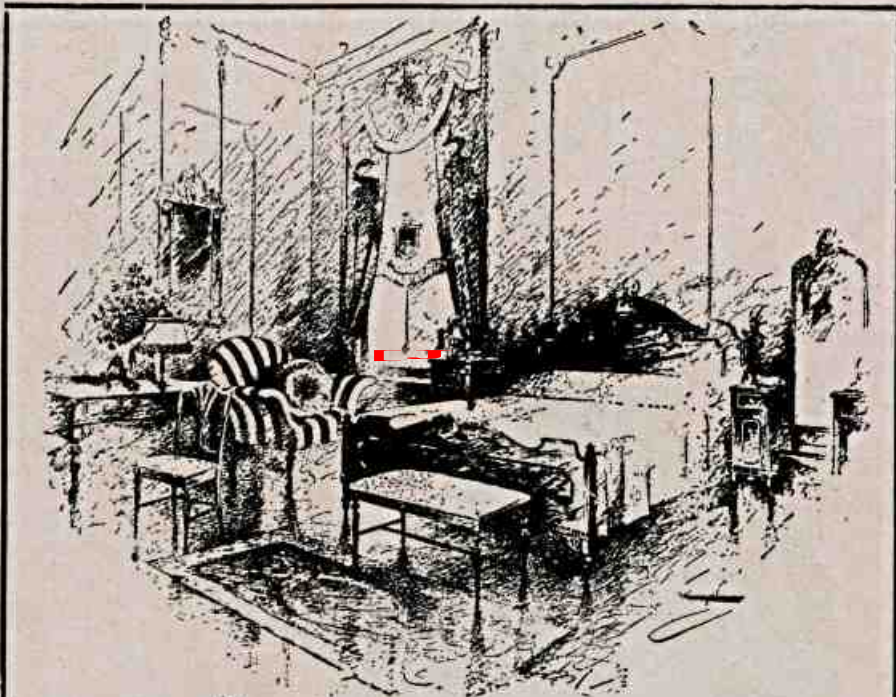
Quasi não reconheceu a joven. Esta havia abandonado sua roupa modesta e vestia sáia curta, meia de seda e lindos sapatos. Mas o que mais a tornava differente eram seus cabellos, cortados como os de um pagem da Renascença.

— Anna Maria! — falou o pintor, severamente. — Faltaste á tua palavra! Vendestes teus cabellos!

— Não, senhor Davoust! — respondeu, corada deante da idéa que o pintor a julgasse perjura. — Cortei seus cabellos, mas não os vendi. Aqui os tem. São seus.

E tirou de um cofre a doirada cabelleira.

— Então, para que os cortou? Não comprehendo...

— Ah, cavalheiro! E' que estou noiva de um açougueiro de Cascale, e meu Jayme quer que eu ande na moda, como uma moça da cidade...

FATALIDADE

Não adeanta insistir! E' em vão! O Destino não quer; elle ordena de olhar severo e frio e nós, humildes subalternos, nos curvamos á sua vontade.

Na vida, tudo é falaz...

Ella é mulher e seria ocioso si não soubesse mentir.

A mulher, quando bem mulher, sabe mentir com lagrimas nos olhos. A vida é, pois, mentirosa, falsa, enganadora como uma dessas mulheres que arrastam ao vicio...

Nós caminhavamos, indifferentes, por uma alameda de rosas, quando se cruzaram os nossos olhares, e a vida, senhora absoluta de sua vontade, nos fez seguir, ambos, pela estrada atapetada de espinhos.

E fez nascer entre nós esta vontade louca de procurar, juntos, entre todo aquelle immenso roseiral, a rosa mais alvacenta, a rosa da felicidade:

E sangraram os nossos pés, e feriram-se as nossas mãos e, até hoje, não conseguimos colher a tal felicidade.

E agora, depois de nos haver mostrado tantas flôres entre espinhos, — as flôres que nós admiramos desejosos de colhel-as, — ella pede ao Destino que nos separe.

E elle, com a sua mão impiedosa, ordena, impõe:

— Tem de ser assim!

Paciencia! Ergamos, supplicantes, aos céus, nossos olhos doridos e alçamos, indifferentes, pela torturante estrada que nos indica a vida.

Tem que ser assim!

Você não póde ser eternamente feliz, porque a felicidade seria por demais risonha...

Sim, meu amôr... a felicidade seria muito grande si fosse realizado o nosso ideal, e, como você sabe, a felicidade perdura apenas um segundo na vida de cada um.

Um sonho, quando muito lindo, jamais poderá tornar-se real.

Os sonhos bonitos costumam terminar em meio do somno, muito antes de despertarmos.

Os castellos, quando muito altos, costumam sempre desmoronar antes de terminados... e o nosso castello de amôr é demais altaneiro para se conservar de pé... Tem torres de crystal que quasi tocam aos céus...

Elle não poderá, nunca, ser erguido na realidade...

Todos os sonhos morrem...

Por que havia o nosso de perdurar eternamente? Todas as illusões terminam... e as nossas, como todas as outras, tem que ter o seu fim.

Tinha que ser assim!

Nós nascemos para essa ventura inanarravel que é a effusão de duas almas...

Eu nasci para você...

Você não nasceu para mim...

O amôr que irmana as nossas almas tem que ter tambem o seu fim...

Paciencia... é o Destino quem ordena.

A felicidade seria grande de mais si viesse á realidade o lindo e doce sonho de amôr que embala a nossa mocidade...

ZELIA MOREIRA

do tostado pelo sol praiano, olhos grandes e negros e bôcca sensualmente rasgada. Presentindo-o, pôz sobre o rosto seu grande chapéo de palha e deixou-se ficar, tentadora e preguiçosamente, de busto para o ar e pernas indolentemente estiradas, sem fazer o minimo movimento, não parecendo viva. Dir-se-ia, naquella posição, uma figura grega feita da propria areia pelas mãos caprichosas e pacientes de um artista maravilhoso. E quedou-se por longo tempo, parecendo sonhar. Quando os raios solares começaram a morder-lhe voluptuosamente a pelle morena, chamando-a á realidade, os seus olhos foram, casualmente, topar as pupillas do importuno que a espreitava quasi religiosamente, fixas no seu corpo harmonioso. Na retina do rapaz Maria Clara estava gravada como si ella fosse potente objectiva. A moça olhou-o attentamente, gostando do seu porte altivo e da sua constancia, emquanto elle se entregava a devaneios. E seu primeiro gesto, lento e reflectido, foi atirar-se ao dorso potente do oceano, que a recebeu com carinho, com uma alegria verde muito sua, embalando-a mansamente á sua flôr. E lá se foi levada pelas ondas espumarentas, como uma concha nacarada, a nadar sempre, como uma sereia cheia de encantos e perdições, até que, da praia, a sua cabecita parecia um ponto vago, apparecendo e desapparecendo simultaneamente.

O rapaz fez-se ao largo e procurou seguir a nympha tentadora o mais perto que lhe foi possivel, fugindo á regra banal dos galanteios.

Ella, orgulhosa e faceira, vendo ter quasi ao seu lado um nadador de força e coragem, um nadador de folego, e não querendo mostrar-se abatida ou vencida, nadava sempre com mais destreza, distanciando-se, cada vez mais, da praia repleta, multicôr. Subito, sentiu os nervos das pernas contrahirem-se numa dôr terrivel... "Caimbra!" — lembrou-se. Era tarde. Voltou o rosto e viu, como formigas humanas, ao longe, na areia branca, toda aquella gente que a não podia soccorrer. Deu um grito lancinante e desappareceu um instante entre as ondas glaucas, voltando á tona quasi desfallecida.

* * *

Quando abriu os olhos, viu em volta de si uma multidão curiosa e sob o seu pescoço esguio, á guiza de almofada, os braços robustos do seu salvador. Teciam, em tôrno, elogios á bravura, á coragem e á força do seu herôe. E, ainda sob a pressão angustiosa da agua salgada, sorriu-lhe com o melhor e o mais puro dos seus sorrisos, em signal de profundo e inapagavel reconhecimento. Foi o primeiro sorriso de sinceridade que bailou em seus labios indifferentes ao amôr dos homens e o primeiro clarão de alvorada raiado na alma franca de Alberto.

* * *

Dois dias depois...

A tarde cahia preguiçosa, lenta, morna, e o sol num beijo rubro se despedia da terra, afundando-se no occaso, deixando que a lua, surgindo como uma hostia immaculada sobre as ondas mansas, viesse banhar com a sua suavidade os corações cheios de amôr, poetizando com seu lençol alvissimo de prata as dobras azúes dos céos immensos.

Na praia, na praia sublime do primeiro encontro, Maria Clara e Alberto, sentados num montão de areia, voltados para o mar, de mãos dadas e olhos nos olhos, bemdiziam, num agradecimento mudo, o incidente que os approximára. E ao rugido magico do oceano que os espreitava meigo e compromettedor, velho de barbas brancas que roçava a areia numa cariola tremula, um som macio e leve cortou o espaço enluarado como a ponta de uma aza: foi o primeiro beijo daquelle amôr nascente, o sello inequivoco dos corações que se anseiam, que se desejam...

Os encontros se succederam e Maria, estudando com carinho o seu amado, ia surprehendendo-lhe qualidades excepcionaes, proprias de um coração bonissimo e de uma alma pura, sem jaça.

Fizeram-se noivos.

Clara dedicou-se inteiramente á sua affeição e cogitava o meio de, com o correr dos dias, angariar o amôr de Alberto, já todo seu.

Mudára completamente de habitos. E o seu recato era commentado por quantos a conheciam, num elogio franco á sua repentina mudança e ao seu noivo modelar que a conduzira á estrada ampla da virtude e do dever.

* * *

O tempo foi gyrando a roda infindavel dos dias e, dois annos depois, quem passasse naquella mesma praia, em manhãs estivaes, viria um velhinho sentado á porta da casa de Maria, entretido e a rir como uma creança, recostado numa cadeirinha de vime, bemdizendo o sol, a vida e a natureza, tendo nos joelhos tropegos um garôto gordinho, de cabellos de oiro e faces a brotar de sangue novo, que, de continuo, alisava a neve da sua cabeça e o engelado das suas faces.

Era o vôvô. Era o pae de Maria Clara.

Alberto, cedinho ainda, depois de beijar com carinho e devotamento a mulher e o filhinho, já se ia em demanda do trabalho, estimulo da vida, deixando no lar socegado e feliz a harmonia, a paz e o amôr de uma esposa dedicada e pura e o sorriso constante do seu filhinho loiro, fructo de seu amôr e esperança do seu futuro.

GILBERTO VEIGA

TRANSFORMAÇÃO

MARIA CLARA deslumbrava a toda gente com a sua formosura e seu andar serpentino. No bairro onde morava, era conhecida sob a alcunha de "Venenosa" e, a despeito da côrte que lhe faziam os elegantes locaes e os que por lá passavam, mantinha-se reservada e o seu "flirt" jamais ultrapassara os limites da brincadeira.

Frequentava clubs, fumava "Abdulla", tomava banhos de mar, jogava "pocker", gostava de "box", exercitava tennis, era versada em cinematographia e "morria de amores" por uma "barata". Era, em resumo, a ultima palavra da ultra-civilização.

Seu pae, — velho dos tempos da severidade absoluta, dos tilburys, lampeões de kerozene e chafarizes publicos, — chamava-lhe, amiudadas vezes, ao bom caminho, á estrada recta do dever, mostrando-lhe com desenhos coloridos a finalidade da vida, baseada na quietude de um lar, no devotamento de um esposo caprichoso e bom, nas travessuras de um bebê gordinho e corado, todas essas coisas que constituem o grande anseio e a grande felicidade do mundo normal. Ella ouvia-o com attenção e, após a enumeração das coisas bonitas que lhe aconselhava o progenitor, deixava ver a fila dos seus dentes magnificos num sorriso divinal, e retrucava:

— Ora, papae, o casamento é uma cadeia de deveres e sacrificios, onde a mulher conhecedora do seu verdadeiro papel de "senhora da casa" é a maior prejudicada, senão unica. O exemplo é-me dado pela mamãe, que vive enterrada entre as parêdes desta casa, sem quasi ver o sol. Logo pela manhã, o seu primeiro cuidado é preparar-lhe o almoço e os arranjos mais intimos. Depois, o papae se vae por ahi em fóra em busca do pão-de-cada-dia e ella, bôa como uma santa e velhinha como uma reliquia, se fica para ahi a tecer meias ou a ler os acontecimentos do dia que se foi nos jornaes da manhã, com os seus oculos de grão forte. Positivamente, não nasci para viver de um marido e para elle! Eu sou como os passarinhos que têm por tecto o azul dos céos e por parêdes a amplitude do infinito.

E o velhinho, ouvindo-a com carinhoso devotamento, retorquia-lhe, paternal:

— Mas, filha, na propria creação tens o flagrante do teu erro: procura ver os passaros como se juntam, aos casaes, e com que carinho, numa paciencia e perseverança que nos deveriam servir de lição, levam dias e dias a catar aqui uma palhita, ali um graveto, acolá um pedacinho de algodão, na construcção trabalhosa de sua casa, que é o ninho, engastando-o entre ramos frondosos, preservando-o ou procurando preserval-o das gottas da chuva ou da inclemencia do sol, na espectativa de bem resguardar os filhinhos. A féra cava o fosso ou procura a caverna mais profunda e occulta lá no seu bójo o filho do seu amor. E ai daquelle que pretender alli entrar! O instincto é natural e a defesa não o é menos.

"Pensas assim porque és bonita e muito moça ainda e, naturalmente, os teus requestadores são em grande numero. Observa, porém, quando o tempo com a sua inflexibilidade e os desenganos com os seus martyrios e realidades cavarem a tua fronte bella com as rugas e os sulcos de uma idade que passou, sem que della ficasse uma unica lembrança além da frivolidade da tua vida actual, e verás, cheia de pasmo, a necessidade que tens e o dever que te obriga a partilhar com a natureza na sua continua multiplicação. Deus, quando determina a nossa vinda a este "valle de lagrimas", destina-nos a um determinado principio. E esse principio nós, por dever e respeito ás suas leis sagradas, devemos procural-o, não esperando que elle venha ao nosso encontro. Imagina um lavrador que semeia o trigo ruivo e, após a sua germinação, deixa-o exposto aos insectos e ao rigor da canicula! Não ha de querer, por certo, que o seu celeiro se encha da producção abandonada. Não é verdade? Assim fazes. Distribuindo os teus sorrisos e a graça do teu olhar entre um pequeno mundo de adoradores dos teus dotes physicos, esqueces que o homem sensato, o homem que deves captivar, vê mais os sentimentos do coração do que o "rouge" que te córa os labios. Si és affavel com todos e de nenhum te approximas, como pódes desejar que o futuro te reserve alegrias e bem estar?...

"A mocidade, minha filha, é só uma e floresce, em cem annos, apenas uma vez, como disse acertadamente o poeta. Quando ella nos abandona, somos quasi a lousa do nosso proprio tumulo."

Ella sentia, momentaneamente, qualquer coisa de real em tão logicas ponderações, mas, em seguida, dando de hombros:

— Talvez papae tenha razão. Eu, porém, não vejo esta pressa em me sacrificar, em me prender. Acho a liberdade uma coisa adoravel e o meu coração só se sente bem senhor dessa independencia.

* * *

Certa vez, Maria Clara gozava as delicias de um banho de sol, estirada, no seu "maillot" demasiado curto e sobremodo decotado, na praia repleta de gente, quando notou, ao pé de si, numa contemplação muda, quasi estatica, um rapaz de 24 a 25 annos presumiveis, corpo de athleta, rosto ovala-

AS EFFIGIES MONETARIAS

Na antiguidade só se gravavam nas moedas imagens de divindades. Alexandre, o grande foi o primeiro soberano que fez gravar sua effigie nas moedas, mas em respeito ao uso estabelecido, representaram-no como Hercules.

Seus successores foram menos escrupulosos e todos os paizes de lingua grega esculpiram em suas moedas as imagens de seus governantes.

Entre os romanos, os magistrados encarregados de fabricar moedas obtiveram a autorização de collocar nas mesmas as effigies de seus antepassados.

Julio Cesar mandou cunhar moedas com o seu retrato e isto foi, mais tarde, imitado por todos os soberanos.

A ORIGEM DO DEDAL

As nossas leitoras, na sua grande maioria, desconhecem, certamente, a origem deste util objecto.

Pois bem: segundo os dados existentes, sua invenção data do anno de 1648. Nesse anno, um joalheiro de Amsterdam, chamado Nicolau Benschoten enviou um dedal de ouro a certa dama de suas relações, com a seguinte dedicatoria: "A Myfrau Van Rhenselaer dedico este pequeno objecto, que inventei e fabriquei para protecção de seus lindos e industriosos dedos."

A principio, os dedaes eram muito caros e unicamente, as mulheres que dispunham de fortuna se permittiam o luxo de usál-o. Depois, porém, foram-se tornando cada vez mais baratos, sobretudo começaram a ser fabricados com chumbo e outros metaes communs.

A ENCANTADORA HEROICA

— MAS, é um jardim, isto!, disse ella a sorrir, tanto quanto lhe permittia a fadiga da viagem quando o seu alto e robusto marido, com as mãos tremulas de emoção, a installou sobre o enorme divan, collocado em meio do salão, em frente á janella que dominava o bosque de Boulogne, sobre que um corajoso sol de novembro derramava seus raios de luz.

Todas as flores que vêem morrer em Paris, afim de que a cidade se alegre com a sua ephemera belleza — os cravos e as rosas; os gloriosos chrysanthemos; os primeiros narcisos e as primeiras anémonas; as tuberosas de caules alongados e os thyrsos cheirosos, espalhavam-se pelo amplo salão, num contraste encantador com os fructos vermelhos, amarellos, esverdeados. Tudo isso emprestava um ar de festa áquella peça que a convalescente talvez desejasse mais discretamente ornamentada.

— E's sempre o mesmo, Pedro! Sempre a fazeres loucuras...

Esse pequeno nome não dizia muito bem com o forte rapagão, talhado a Hercules. No emtanto, nos seus olhos azues, no seu rosto imberbe, nos seus cabellos loiros, havia algo de ingenuidade, de creança.

— Estás satisfeita? Sentes-te bem, hein? perguntou Pedro com um tom de vóz que procurava não tornar ansioso. Não estás soffrendo? Não estás cansada? O medico recommendou que evites agitar-te, que não fales muito.

Algumas semanas antes, ella quasi morrera. Uma ambulancia levou-a a uma casa de saúde. Operada na mesma noite, passara varios dias entre a vida e a morte. Melhorou, porem, e parecia fóra de perigo. Enfraquecida, magrinha, ficara quasi irreconhecivel. Elle, porem, a achava mais linda e mais seductora que nunca. Casados ha quinze annos, elle sempre tivera por ella um amor fóra do commum, constante, devotado.

Lar sem filhos... Ella chorava muito ao se saber esteril. Elle, a principio, procurou consolál-a explicando-lhe que uma gravidez poderia quebrar o encanto do seu lindo corpo. Depois, quando se habituou a esse bello corpo, tambem elle lamentou a falta de um filho. Aquelle vacuo na casa... Emfim, que lhe importava isso, agora? A casa, toda a casa parecia cantar a volta da sua fadasinha que, com uma pancada da sua varinha magica, sabia dar-lhe uma graça incomparavel.

— Quando não estavas aqui, Ivette, a casa tornou-se tão fria, tão fria...

— Deverias ter procurado distrahir, meu bem, mesmo porque não gostavam que apparecesses muito lá na casa de saúde.

— E o telephone! Não tinha coragem de me afastar delle. Ah! passei dias e noites horriveis! Parecia uma féra mettida numa jaula. Sabes como eu procurava calmar-me? Advinha...

— Arranjaste algum "flirt", não? disse Yvette a rir, certa de que o marido seria incapaz de enganal-a.

— Ora, bem sabes que não! Puz-me a arranjar os livros da bibliotheca, dispondo-os de accordo com os nomes dos autores e a natureza da obra, tudo em ordem alphabetica.

Ella perguntou-lhe, então, um tanto inquieta:

— Não os folheaste?

— Sim. E foi assim que encontrei este enveloppe.

E sacou-o, pela metade, do bolso do seu casaco. Yvette, mal encobrindo sua ansiedade, tornou:

— Não o abriste, hein?

— Mas, não, não! disse Pedro com um certo constrangimento, que alterava o tom de sua vóz. Esqueces o que tem escripto. Poderia ter-te obedecido. Tel-o rasgado ou queimado.

— Entrega-m'o, queres fazel-o?

— Eil-o. Porque tremes?

— Queres que eu o abra deante de ti?

— Peço-te, supplico-te: não tremes assim. Talvez tenha sido estupido em falar-te como fiz. Juro-te que teria destruido esse enveloppe se tivesse acontecido alguma desgraça. Apenas soffro muito ao pensar que tens um segredo para mim... e de que guardas a lembrança...

— Não conservo, não guardo nenhuma recordação disso, Pedrinho.

Ella contemplava o envolucro fechado. Era um grande enveloppe que deveria conter varias cartas. Disso, ao menos, estava convencido o marido de Yvette que mordia os labios para parecer indifferente.

O perfume dessas flores é muito forte disse ella. Entreabre a janella.

— Sentirás frio.

— Digo-te para abrir a janella. Preciso respirar.

Antes de obedecer elle a envolveu cariciosamente, com uma ternura de mãe que cuida de seu filho.

Yvette envolveu-se no chale, mas o coração comprimia-se dentro do seu peito, estreito demais para contel-o, naquelle momento. Pedro teve medo:

— Sou um bruto, Yvette, minha Yvettesinha!

Ajoelhou-se perto do divan:

— Tinha muita necessidade de falar-te sobre isso, agora... Mais tarde, tu explicarias tudo. Comprehendo tudo, mas já que voltaste, o passado não existe mais... Vae-se recomeçar a vida. Amo-te. Amo-te tanto!

Ella acariciou-lhe a cabeça docemente:

— Estás certo de amar-me, Pedro?

— Nunca amei senão a ti!

E, antes que elle pudesse impedil-o, ella rasgou o enveloppe, mas de tal maneira que appareceram as cartas que elle continha.

— Não reconheces tua letra? perguntou-lhe.

— Naturalmente que a reconheço. Mas a quem eram dirigidas estas cartas?

— A' tua amante. Ha cinco annos, quando ella te devolveu esta correspondencia, por mero acaso fui eu que a recebi, com o seu recado.

— Tu recebeste?... Não te comprehendo!

— Na vespera do rompimento de vocês, ella te enviou estas cartas, que cahiram em meu poder. Comprehendes?

— Não me lembro...

— Lembro-me eu. Nesse tempo, estava mais proxima da morte do que, ha poucos dias, quando me chloroformizaram. Li-as todas, e o que mais me doeu é que dizias a essa mulher o que me havias dito tambem, outrora. Não te aborreças. E' assim. Detestei-te; cheguei a odiar-te, mesmo, durante uma hora. Depois, entraste e na tua physionomia li tanto soffrimento que consegui dominar a minha colera. Pensei em partir, mas não tive coragem de abandonar-te. Fiquei. Perdoei. Sem uma censura. Guardei o meu segredo. Quero explicar-te, Pedro. Nada te censurei, porque o perdão, muitas vezes, é acompanhado do orgulho, de uma victoria, e eu não queria ser orgulhosa deante de ti. Que seria, então a nossa vida, se eu te humilhasse? Guardei, assim, tudo isso neste enveloppe, depois de haver lido essas cartas a ponto de decoral-as. Eis tudo!

— Yvette, não posso mais, cala-te...

— Vês que tenho razão, porque, mesmo agora, ainda te faço mal... Não deves, porem, ter nenhuma pena, porque me reconquistaste á morte. Vem. Abraça-me. Tomá-me nos teus braços como uma creança; é a minha vez de ser uma creança, a quem se perdôa sem a ter vencido. Choras, meu querido? E' prohibido! Assim, tambem eu chorarei e terei febre. Fecha a janella. Vae depressa! Sê corajoso. Agora tenho frio. Faz fogo, na chaminé. Não; o fogo fará as flores soffrerem. Põe uma vela no fogão, e queima tudo isto.

— Mas, porque guardavas isto, Yvette, porque?

— Porque, no meio dessa correspondencia, havia tambem uma carta dessa mulher, que me permittiria defender-te della, se, um dia, te quizesse atacar.

BINET-VALMER

Seara alheia

O amigo Os homens que se acostumam a sentir-se solitarios; que, considerando com um olhar frio, indifferente, os laços sociaes e de simples camaradesco, distinguiram os inconsistentes fios que prendem o homem ao homem — fios tão tenues que basta um sôpro da brisa para fazêl-os desapparecer — ; esses homens que, além, disso, têm a prudencia de evitar que se lhes converta em solidão a chamma do genio, chamma de cujo circulo luminoso tudo foge, porque tudo, por sua vez, apparece desprovido de sentido, vaidoso, secco, e com um rythmo de dança macabra; os homens, tambem, a quem determinada idyosincrasia, ou rara mistura de desejos, talentos e anhelos, da vontade, arrastaram á solidão; todos esses sabem que "milagre incomprehensivelmente elevado" é um amigo e, se são idolatras, terão de erguer, antes de tudo, um altar ao deus desconhecido que creou o amigo. — FREDERICO NIETZSCHE.

A lealdade Seriamos muito infelizes se o culto do bello dirigisse nossa vida sentimental. A belleza official, a dos esculptores, aquella para qual os esthetas estabeleceram cânones, teve, no mundo, fastigio bem curto. A bella joven de Sparta, a matrona romana, são insignificantes excepções no espaço e no tempo. Em todas as partes e em todos os séculos reinou, imperou a mulher

UM SEGREDO...

ELLA tinha um segredo...

Que póde viver no coração de um anjo sinão os simples, os candidos segredos do céo?

Os meigos, humildes segredos de um anjo são puros, são innocentes como o proprio anjo.

Ella tinha um segredo...

E eu a amava louca, apaixonadamente. E sempre que minhas mãos tocavam, muito de leve e com ternura, as suas mãos frias, muito frias, ella num gesto pudico de amor, quasi chorando, me dizia:

— Eu tenho um segredo.

Que póde o passado contra um amor tão grande?

Eu a amava loucamente.

Era um anjo de ternura, uma flôr de belleza. Tão pura e tão linda, que eu temia offendêl-a com meu proprio olhar.

E era innocente o meu olhar!

Suas mãos tinham os gestos melancolicos, eucharisticos das freiras. Frias mãos que me tocavam, levemente, sobre a fronte, num rythmo suave de amor, de carinho e de meiguice. Leves, ethereas, niveas, mãos que amei candidamente. E eu pensava como seria doce a propria morte si os meus olhos se fossem fechando, devagarinho como si quizessem levar para a morte toda a belleza della, sobre a caricia daquelles dedos frios, finos, espirituaes...

Sobre a delicia dessa suggestão que encanto tinha a morte!

Si ella soubesse desse pensamento, quanto choraria o meu amor...

E como si eu só morresse ao contacto de seus dedos frios, talvez ella cortasse as proprias mãos, para eu viver eternamente.

Havia em seu olhar, profundamente escuro, nostalgico, um mystico deslumbramento de sonhos, um extase doloroso de amor.

Pelo brilho enigmatico, estranho e sombrio de seus olhos, passava a ronda eucharistica dos sonhos que vêem do infinito e vão para o infinito, numa revoada de luzes mornas e agonizantes, num rythmo de canticos.

Era tão linda a minha amada e meiga que seria, aos pés de Deus, uma santa. Pairava em sua face um mixto de candura e de innocencia misturado a um ligeiro, imperceptivel rubor.

E quando, num delirio de amor, bem junto ao seu ouvido, eu lhe dizia: "Santa!" uma estranha emoção, um estremecimento vago agitava seu corpo, e, corando de pudor, ella chorava e dizia:

— Eu não sou uma santa. Eu tenho um segredo.

Ella sempre me dizia que tinha um segredo.

Que poderia eu suppôr de um anjo de ternura? Que influencia podia ter, em nosso amor tão grande, o passado?

E eu lhe respondia, sorrindo:

— O passado já é morto, o futuro não existe. Só se vive o presente. E no presente eu te amo!

Amor, que estulticias inventas, que faceis recursos tu encontras para a alegria de tua vida!

Que fonte perenne de perdão, que inexgotavel fonte de esquecimento tu crêas! Uma vez — foi ao luar de maio e o espaço estava impregnado de um perfume agreste — uma vez, eu lhe perguntei, muito em segredo e receioso:

— Amaste algum dia?

Eu era muito simples, muito ingenuo e sem mesmo me lembrar que ella tinha um segredo, esperava que dissesse que sim, pensando em mim, em nosso amor, quasi chorando ella me disse:

— Sim, eu já amei.

E, chegando-se muito para mim, como a ave ferida em busca de agazalho, accrescentou, chorando:

— E dahi o meu segredo!

Uma onda de fogo invadiu-me o rosto.

Que segredo seria aquelle cuja lembrança lhe era tão dolorosa?

E por um instante, apenas, eu senti desfallecer o meu amor sobre o leito rubro e doloroso da duvida.

Ella amára a um outro...

Oh Deus! E só o receio de que pudesse, ainda existir naquelle coração bondoso, que eu queria para mim, um indicio, um atomo, uma lembrança daquelle amor antigo, me fez chorar bastante.

E a dôr, essa primeira dôr do meu unico, do meu grande amor

feia. Ante a persistencia do seu esforço e a grandeza de sua victoria, só posso inclinar-me, cheio de admiração.

As cousas bellas cansam; sua perfeição é monotona. A fealdade é infinitamente differente.

Acho, tambem, que a fealdade moral é uma cousa muito util, quasi indispensavel ao bom funccionamento da sociedade.

Que seria da virtude se não existisse o vicio? — FRANCIS DE MIOMANDRE.

Da "Viagem ao Paiz dos Snoles"

A pintura, a verdadeira pintura é puramente intellectual; não nos offerece pobres imagens que só servem para capas de cadernos escolares, quando servem... Desdenha da natureza, despreza a historia, ignora a vida...

A pintura não deve agradar aos olhos, e sim abrir o espirito para o dominio das mais altas idéas. E a verdadeira obra prima é a que nada representa, mas que permitte, a quem a contempla, tudo imaginar.

— Então, não é o pintor que deve esforçar-se e sim quem lhe contempla o quadro?

— Exactamente. O artista póde não dispôr de nenhum meio de expressão, ignorar a technica de sua arte; mas o amador, o observador, esse deve conhecer tudo.

— E' o mundo ás avessas...

— Não; é a nova escola. E o mesmo occorre com relação á literatura, á musica... A obra prima verdadeiramente moderna não a crêa o artista, e sim você, eu, nós todos que apreciamos a arte. E isto é tão real que a escala do Nada — a ultima a crear-se — organiza um salão de bellas artes no qual a pintura será representada por telas em branco, a esculptura por blócos de marmore, e o theatro por obras feitas exclusivamente da reticencia dos silencios. — CLEMENT VAUTEL.

De Guaracy Coelho

afogou no intimo do peito a idéa, a certeza de que ella tinha um segredo.

E, desde então, toda vez que ella me dizia que tinha um segredo, eu pensava, sem querer lembrando-me daquelle amor antigo: "Sim, ella tem um segredo". E chorava...

Eu a amava louca, apaixonadamente.

Que olhar de meiguice, que humilde, candido, sombrio olhar!

E quando a via immovel estatica, fitando com insistencia uma longinqua estrella, eu tinha a impressão de estar deante de uma virgem purissima recebendo, aos pés de Deus, a primeira communhão.

E pensava, venerando o silencio que a mantinha em extase, nesta phrase profunda:

"Quem tem a alma fixa na estrella, não se volta."

E num delirio de amor e de emoção, eu falava em segredo, para não a despertar:

— Uma santa!

Ella, voltando, muito ligeira e corada, aquelle olhar para mim, respondia-me, chorando:

— Eu não sou uma santa.

E havia em seu olhar, ainda, um pouco da luz das estrellas...

Ella tinha um segredo.

Meus Deus, que segredo póde ter um anjo!

A innocencia de meus pensamentos, a pudicicia de meus gestos, a ternura de minha vóz, que mais parecia a propria vóz do coração que se pronunciasse suave, docemente, com receio de magoar o ouvido della, afastavam de meu amor uma duvida qualquer.

E o nosso amor crescia para o infinito, num desejo de attingir o céo.

Eu lhe falava sempre com carinho para lhe poupar o pranto. E quanto mais doces eram as minhas phrases, mais chorava o meu amor.

Que estranha sensibilidade! Eu chegaria mesmo a suppôr, ó Deus Omnipotente, num super-sentimentalismo, num coração sobre-humano, que a alma de minha amada fosse o soluço de todas as virgens que morreram de amor, feito de particulas divinas, si ella não dissesse, quasi chorando, que tinha um segredo. Quando, uma vez, eu lhe falei de seu amor antigo, chorou tanto o meu amor, que eu tive um profundo remorso, uma ogeriza de mim mesmo.

Que direito tinha eu de fazêl-a chorar?

E, embora estuasse em mim uma volupia sentimental de penetrar em sua alma para surprehender o segredo, só o receio de magoál-a me fazia esquecer.

E as ultimas palavras de uma auto-condemnação vinham perder-se como um perdão, á flôr de meus labios:

— Uma santa!

E ella, como que desperta de um lethargo profundo, me respondia, chorando:

— Eu não sou uma santa.

E o nosso amor era immenso, casto como os amores dos anjos, puro como os amores das virgens.

Era pequeno o mundo para abrigar tão grande amor.

Profano para assistir a um amor tão puro!

* * *

E, numa noite de maio, á luz de um *abat-jour* lilás, num leito de rendas e de sedas, o meu amor morreu.

Morreu como um anjo, sorrindo ligeiramente.

Só a certeza da morte poude trazer áquelles labios languidos, frios, descorados, a suprema ventura de um sorriso.

E eu adorei a propria morte pela graça infinita daquelle sorriso angelical. Ella, que teve a immensa desdita de viver chorando, poude sentir, agonizando, a alegria inexplicavel, a estranha alegria de morrer sorrindo.

Breve instante em que não a vi chorar, como eu te quero eternamente em mim! Eu, que tudo daria por um sorriso della nunca a pude tornar alegre, porque, sem que eu pensasse, o meu amor foi a sua maior tristeza, a sua grande dôr. Porque ella tinha um segredo...

* * *

Apenas estavamos os dois no quarto quando ella morreu.

E era tão linda em seu leito de morte, que eu não pude esconder a emoção que sentia e, beijando-lhe docemente a face — o meu primeiro, o meu unico beijo! — eu disse, soluçando:

— Santa!

E ella morreu dizendo-me:

— Eu não sou uma santa, porque tenho um segredo...

A NODOA DE SANGUE

(SHERLOCK HOLMES) Por CONAN DOYLE

(Continuação do numero anterior)

— Bem. Não os incommodarei por mais tempo. Não estranho que o sr. Holmes se recuse a falar-me com inteira franqueza, e, pelo seu lado, não deve estranhar tambem que eu desejasse, mesmo contra a vontade de meu marido, saber o que se passou. Novamente lhe peço que não lhe fale n'esta minha visita.

Ergueu-se e deitando-nos um ultimo olhar, foi-se.

— Você, Watson, tem presumpção de conhecer o bello sexo, disse Sherlock com ar alegre, quando sentimos que a porta do vestibulo se fechara e de todo se extinguia o delicioso ruge-ruge das sedas de Lady Hope. Diga-me pois: Que papel lhe parece que esta mulher tenha desempenhado no roubo do documento? Com que fim veio aqui?

— Acho essa suspeita infundada, caro Holmes. As declarações della pareceram-me claras e sinceras. A inquietação em que estava é tudo quanto ha de mais natural.

— Hum! Reparou bem na attitude della, Watson, na profunda agitação que procurou escondêr-nos, na tenacidade com que insistia nas perguntas?

— Realmente, parecia muito perturbada.

— Recorda-se do ardor com que affirmou ser vantajoso para o marido que eu a fizesse conhecedora de tudo? Que quereria ella dizer? Notou a precaução de voltar as costas para a luz quando se sentou?

— Não havia na sala outra cadeira devoluta.

— Havia o sofá, e eu indiquei-lh'o quando a convidei a sentar-se, respondeu-me promptamente Sherlock. Ah, meu amigo, os designios das mulheres são impenetraveis! Lembra-se d'aquella Margarida de quem eu desconfiei, por se sentar tambem de costas para a janella? Pois vim a averiguar que procedera assim, por se ter esquecido de pôr pó de arroz nas faces! Não ha maneira de formar hypotheses sobre a areia movediça que constitue a imaginação das mulheres. A mais banal das acções que pratiquem póde relacionar-se com uma coisa gravissima, e os seus actos mais extraordinarios dependem ás vezes, d'um gancho de cabello, ou d'um ferro de frisar... Até logo, Watson.

— Vae sahir?

— Vou ter com os nossos velhos amigos da policia, a Godolphin Street. E' lá que hei de encontrar a solução do nosso problema. Não tenho por ora o menor dado seguro para a solução delle. Mas isso não importa. Tirar conclusões antes de tempo, é quasi sempre uma causa de erro. Deixe-se ficar em casa, Watson, e receba a quem vier procurar-me. Se tiver tempo, virei almoçar...

Durante esse dia, todo, o immediato e o que se lhe seguiu, a apparencia serena e o genio methodico de Sherlock haviam-se modificado inteiramente. Andava taciturno, alheado, inquieto. Entrava e sahia a horas desencontradas. Fumava continuamente. Alimentava-se com uma grande irregularidade e quasi que não comia senão sandwichs. A's vezes, punha-se a tocar violino durante um quarto de hora seguido e de repente quedava-se, com o instrumento sobre o queixo e o arco no ar, fitando hypnoticamente a parede que lhe ficava fronteira.

Se lhe fazia alguma pergunta, respondia-me por monosyllabos e evasivamente. Era pois evidente que as coisas não corriam consoante aos seus desejos.

Como elle teimava em guardar um silencio casmurro acerca dos acontecimentos, apenas pelos jornaes vim a saber o resultado da autopsia. O relatorio medico confirmava a previsão que a policia fizera, d'um assassinio. Os autores do attentado não appareciam, porém. Ao principio, ainda detiveram para averiguações John Milton, creado particular da victima, mas soltaram-n'o por se ter confirmado insuspeitamente que não tinha no caso a menor responsabilidade. O movel do crime permanecia ignorado tambem. O palacete de Godolphin Street estava repleto de objectos preciosos. Nenhum faltava. Os moveis do morto achavam-se, do mesmo modo, intactos. Nem siquer haviam sido revolvidos. Pelo cuidadoso exame que lhe foi feito verificou-se que Eduardo Lucas estudava com grande cuidado as questões da politica internacional e que conhecia intimamente os bastidores da diplomacia européa. Era um notavel linguista e um infatigavel correspondente, mantendo estreitas e activas relações com varios homens publicos de diversos paizes estrangeiros. Apesar disso, nenhum documento sensacional appareceu, entre os muitos que enchiam as suas gavetas.

Numa gaveta especial, foram achadas algumas cartas escriptas por varias mulheres pertencentes ás mais differentes camadas sociaes.

Em nenhuma, porém, transparecia intimidade. Lucas tinha entre o elemento feminino muitos conhecimentos, mas poucas amizades e nenhuma amante. A sua conducta e os seus habitos de vida não davam pretexto á menor critica, quanto mais a inimizades. De modo que a sua tragica morte era mysterio verdadeiramente impenetravel.

Em outro jornal colhi informações mais completas a respeito da detenção do creado.

A policia prendeu-o mais para não ficar de braços cruzados, do que por lhe achar a menor sombra de culpa.

O homem fez dos seus actos na noite do crime uma cabal justificação.

Tinha ido para casa de uma familia residente em Hammersmith.

Sahira de lá á uma hora e, se houvesse tomado o trem de Westminster, poderia chegar á casa antes do tragico acontecimento que victimou o amo.

Declarou, porém, que tinha feito a pé metade do caminho, o que é natural, porque a noite estava esplendida.

Quando chegou a Godolphin Street e deparou com a policia, ficou visivelmente surprehendido. Ao ver o cadaver do patrão, manifestou um pezar intenso e sahiram-lhe largo tempo dos olhos abundantes lagrimas.

Eduardo Lucas estimara-o sempre muito e Milton merecia bem esta amizade, porque era cuidadoso e irreprehensivel nos serviços que desempenhava.

Ao vistoriarem-lhe as malas, encontraram diversos objectos que tinham pertencido á victima, entre os quaes, um jogo de navalhas de barba e o respectivo estojo; mas elle declarou que o patrão lh'os tinha dado, o que a governante confirmou.

Milton estava ao serviço de Eduardo Lucas havia dois annos. Quanto este, como frequentemente acontecia, fazia algumas viagens ao continente, não o levava. Pagava-lhe, porém, o ordenado por inteiro, mesmo quando as ausencias eram demoradas. A ultima que fizera a Paris, por exemplo, fôra de tres mezes.

A governante, quando foi chamada a depôr, disse que adormecera cedo e que não tinha dado pelo menor barulho. Accrescentou que se o amo recebera alguma visita, elle proprio devia ter descido a abrir-lhe a porta de entrada para o vestibulo.

No decurso daquelles tres dias continuei a ler avidamente a imprensa de grande informação. Porém o enigma (para mim, pelo menos) continuava indecifravel.

Sherlock, se alguma coisa sabia, não dava a menor demonstração.

Não obstante, porfiava nas suas investigações.

O inspector Lestrade punha-os ao par de tudo o que no inquerito policial se ia desenrolando.

Ao quarto dia o *Daily Telegraph* publicava uma longa noticia, que parecia desvendar o mysterio de Godolphin Street.

Dizia assim:

"A policia parisiense acaba de fazer uma descoberta que se relaciona intimamente com o tragico fim do sr. Eduardo Lucas, assassinado na segunda-feira ultima, em Godolphin Street.

"Os nossos leitores estarão lembrados de que o infeliz rapaz foi encontrado estendido na sala de trabalho, com uma punhalada no peito que lhe causou a morte.

"A policia teve desconfianças do creado de quarto João Milton e capturou-o. Esta prisão não foi, todavia mantida, porque Milton conseguiu justificar a sua innocencia no caso.

"Hontem os creados de uma senhora chamada madame Fournaye, que reside em Paris, numa pequena villa da rua de Austerlitz, participaram á policia que a sua ama manifestava evidentes signaes de loucura.

"Procedeu-se seguidamente a um exame, verificando-se que, na verdade, estava atacada de demencia, de caracter perigoso. Subsequentes averiguações levaram a policia ao conhecimento de que madame Fournaye regressara na terça-feira ultima de uma viagem a Londres.

"Esta viagem tem estreita connexão com o crime de Godolphin Street.

"O confronto de photographias existentes em casa da demente com os retratos publicados pelos jornaes londrinos, na occasião do crime, demonstrou por um modo concludente que Eduardo Lucas e Henrique Fournaye, marido de madame Fournaye, eram uma e a mesma pessoa.

"Ignora-se por emquanto a razão desta duplicidade de nomes.

"Madame Fournaye é de origem creoula e possue um temperamento muito impressionavel. Ha muito tempo que sentia por seu marido um ciume que de dia para dia se exacerbava mais.

"Suppõe-se, por isso, que tenha sido ella quem, numa crise de zelos doentios, praticasse o crime.

"Foi impossivel averiguar, até agora, os passos que ella deu em Londres, principalmente até ás 11 horas e meia de segunda-feira, hora em que o crime foi descoberto.

"Sabe-se, porém, que uma mulher, cujos signaes correspondem ao de madame Fournaye, provocou terça-feira de manhã, na estação da estrada de ferro de Charing Cross, o reparo de muitas pessoas, pelos gestos desordenados que fazia e pelo desarranjo do vestuario.

"O crime seria commettido durante o accesso de loucura, ou sobreviria este após a pratica do assassinato?

"Não se sabe.

"Actualmente está ainda num estado de perturbação psychica, e não poude, por isso, ser interrogada. Os medicos que a inspeccionaram mostram poucas ou nenhumas esperanças de cura.

.. ..

"A' ultima hora, recebemos communicação telephonica de que foi vista na segunda-feira á noite, em Godolphin Street, vigiando durante horas consecutivas a casa de Eduardo Lucas, uma senhora que pela côr do vestido, pe'as feições e pela estatura, parecia madame Fournaye."

— Que pensa de tudo isto Sherlock? perguntei ao findar em vóz alta, a leitura do *Daily Telegraph*.

Holmes ergueu-se de junto da mesa, e poz-se a passar na sala.

— Você, meu caro Watson, tem supportado o meu mutismo com uma paciencia evangelica. Creia, porém, que se nada lhe disse durante estes tres dias a respeito do caso Hope, foi porque nada sabia e nada sei. Essas informações vindas de Paris trazem-nos um fraquissimo auxilio.

— Não é tanto assim. O problema da morte do homem está resolvido.

— A morte de Eduardo Lucas é um incidente banal comparada com a grandeza da nossa missão, que é encontrar um documento precioso e evitar um conflicto europeu. A unica coisa util destas tres é que não rebentou ainda nenhuma complicação internacional. O governo envia-me informações de hora em hora. Sei por ellas que não houve nenhum signal de borrasca nos horizontes da diplomacia. Concluo, pois, que o documento não foi entregue ainda a nenhuma das chancellarias européas. Mas a ser assim, como presumo, onde pára elle? Por que motivo o conserva em seu poder a pessoa que o obteve? Estas perguntas perturbam-me a cabeça! A morte de Eduardo Lucas na propria noite da desapparição da carta terá sido uma coincidencia apenas? Se a coincidencia não foi meramente casual, como se explica que o documento não apparecesse entre os papeis do gabinete de trabalho? Tel-o-á levado a mulher para Paris? Sendo assim, como diabo hei de eu entrar-lhe em casa sem despertar a desconfiança da policia franceza?...

A intromissão das autoridades neste negocio é, para nós, meu caro Watson, prejudicialissima. Receio-a tanto como se eu fosse o assassino de Eduardo Lucas. Estão em risco os mais altos interesses politicos... Confiaram-me a solução do assumpto e eu

(Conclúe na pagina seguinte)

não consigo atinar com ella! Ah! Watson, o descobrimento dessa maldita carta seria o acto mais glorioso de toda a minha carreira.

A creada entrara com uma carta.

Sherlock leu-a e disse-me:

— E' uma communicação vinda de Godolphin Street. Parece que Lestrade fez uma descoberta importante. Venha dahi commigo.

Entrei pela primeira vez no theatro do crime. A casa onde morara Eduardo Lucas era estreita, massiça, e sombria como o seculo em que foi construida. Os olhos do *bull-dog* do inspector Lestrade fitava-nos de uma janella do rez-do-chão.

Cumprimentou-nos com um ar alegre e mandou-nos abrir a porta por um policia atarracado e pansudo. Seguimos para o aposento, onde o crime tinha sido commettido. O unico vestigio que restava da tragedia, era uma nodoa de sangue num tapete colocado ao centro da sala sobre um magnifico *parquet* de carvalho do norte.

Superiormente ao fogão, estava afixada, na parede, a panoplia de armas orientaes da qual tinha sido tirado o punhal, que serviu para a pratica do crime. Proximo da janella, via-se uma sumptuosa secretaria. Toda a ornamentação da sala, os quadros, os tapetes, os pannos de Arrhas denotavam um gasto luxuoso e quasi efeminado.

— Receberam noticias de Paris? perguntou Lestrade.

Holmes fez com a cabeça um signal affirmativo.

— A policia franceza, continuou o inspector, encontrou uma optima pista. O crime deve ter sido commettido pouco mais ou menos assim: a mulher de Eduardo Lucas bateu á porta e elle, que estava só, veiu abrir. Ao deparar com a inesperada presença da esposa, ficou cheio de surpreza, por isso que vivia em Londres com um nome que ella ignorava. Recebeu-a depois em casa. Não havia de deixal-a na rua. Ella fez-lhe então saber a maneira como tinha descoberto o seu ignorado paradeiro em Londres, e, deitando a mão ao punhal daquella panoplia, assassinou-o. A desordem do mobiliario mostra bem que a victima procurou evitar a aggressão desviando-se successivamente para diversos pontos do gabinete. O caso é para mim tão claro como se eu tivesse assistido a elle.

Holmes mostrou-se surprehendido e disse:

— Nesse caso para que foi que me mandou chamar?

— Por causa de um pormenor apenas. E' de secundaria importancia, mas deveras extravagante. Como sei que o meu caro Sherlock Holmes dá sempre uma grande importancia a acontecimentos desta natureza, não quiz deixar de lhe communicar a minha descoberta. O facto porém, repito, não tem relação alguma com o crime.

— O que é então?

— Como sabe, temos sempre um grande cuidado em não alterar a disposição dos objectos que se encontrem em qualquer casa onde um crime tenha sido commettido. Desta vez, procedemos com a mesma cautela. Tanto de dia como de noite, ficou sempre um guarda a vigiar a sala. Esta manhã, depois de retirado o cadaver e de concluido o exame ao mobiliario da sala, achamos conveniente acabar com a desordem do aposento e arrumal-o convenientemente. Este tapete que o senhor vê aqui, ao meio do soalho, está, como pode verificar, assente sobre o *parquet* mas não pregado a elle. Quando o tapete foi erguido, notei...

No rosto de Holmes transpareceu uma intensa inquietação.

— O que é que notou?

— Vou dizer-lh'o, mas palpita-me que não é capaz de encontrar a explicação do caso. Vê esta nodoa de sangue no tapete? O sangue deve tel-o penetrado, passando para o *parquet*. Não é assim?

— Claro.

— Pois bem, no sitio do *parquet*, correspondente á nodoa do tapete, não ha mancha alguma...

— Não ha?! Isso é impossivel.

— Parece realmente impossivel, mas é exacto.

Lestrade ergueu uma parte do tapete e mostrou a exactidão do que affirmara.

— E' extraordinario! exclamou Sherlock. O derramamento de sangue foi abundante e o tapete não é impermeavel. Por conseguinte, devia haver no *parquet*, coincidindo com a do tapete, uma segunda nodoa.

O inspector estava radiante pelo espanto que causara ao afamado detective.

— Vou decifrar-lhe o enigma, sr. Holmes. Ha effectivamente uma nodoa no soalho, mas não no sitio correspondente á do tapete. Olhe.

E, erguendo o outro lado da alcatifa, mostrou uma grande mancha sanguinea que avermelhava o soalho.

— Que diz a isto, meu caro?

— E' tudo o que pode haver de mais simples. As duas nodoas estiveram primeiramente sobrepostas, mas, depois disso, a tapete foi erguido e, quando de novo o collocaram, puzeram-n'o numa posição differente daquella que occupava. Como é perfeitamente quadrado, essa deslocação passou despercebida. Ora ahi tem.

— Que grande novidade o senhor me deu. Por tão pouco, não lhe pedia eu que viesse aqui. Desejava mas era saber quem deslocou o tapete e com que intuito o fez. Quanto ao mais não ha duvida, porque o tamanho das duas nodoas é perfeitamente egual. Fiz já a experiencia e verifiquei que coincidem rigorosamente uma com a outra.

(Continúa no proximo numero)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 48$000
Semestre (26 ») .... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 65$000
Semestre (26 ») .... 35$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 60$000
Semestre (26 ») .... 35$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 95$000
Semestre (26 ») .... 50$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Gustavo Barroso — Thesoureiro: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136

Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 27

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:

E. Bourdet & Cia. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres

Venda avulsa .... 1$000
Numero atrazado .... 1$500

Um dos predicados do "maillot" Jantzen
é melhorar a
APPARENCIA
de quem o veste!
POR esse motivo é que os banhistas elegantes de Deauville, de Miami ou do Lido — onde se dicta a moda dos trajes de natação — usam os "maillots" Jantzen.
Usando-o V. S. allia a elegancia e a distincção aos seus exercicios. Todos os modelos Jantzen são tecidos em pura lã, por um processo especial. A'parte a elegancia do feitio e a modernissima variedade de côres e desenhos, ajustam-se perfeitamente ao corpo, não enrugam e seccam promptamente.
Os trajes Jantzen distinguem-se pela mergulhadora, em vermelho. Procure-os nas casas de primeira ordem. V. S. encontrará um tamanho adequado ao seu physico.
Jantzen
o "maillot" que facilita a natação
Envie-nos este coupon:
D'
Agentes Geraes no Brasil:
NELSON & CIA.
Caixa 1632 São Paulo
Queiram mandar-me, gratis, o indicador dos "maillots" Jantzen.
Nome
Endereço

Absolutamente impermeavel!

Polar

A GRANDE MARCA NACIONAL

O novo typo *Diluviano Polar* fabricado em sapatos, borzeguins e botas de caça e introduzido recentemente com notavel successo pelas "Lojas Calçado Polar" permittem-lhe affrontar as intemperies sem que os seus pés e a sua saude tenham que receiar.

Em qualquer difficuldade *Polar* é sempre o calçado que o satisfaz.

LOJAS CALÇADO POLAR

AVENIDA RIO BRANCO, 131 - RIO DE JANEIRO